

EVERNIGHT PUBLISHING®



TAKING *Her* INNOCENCE

KILLER OF KINGS, BOOK 1

SAM CRESCENT
STACEY ESPINO





TAKING *Her* INNOCENCE

Serie Killer of Kings

LIVRO 01

SAM CRESCENT
STACEY ESPINO

EQUIPE PL

Tradução: Déia, Lu, Ana B., Santi

Revisão Inicial: Kety, V. Stivanín, Víví

Revisão Final: Sílvia Helena

Leitura Final: Angéline

Formatação: Lola

Verificação Final: Anna Azulzinha

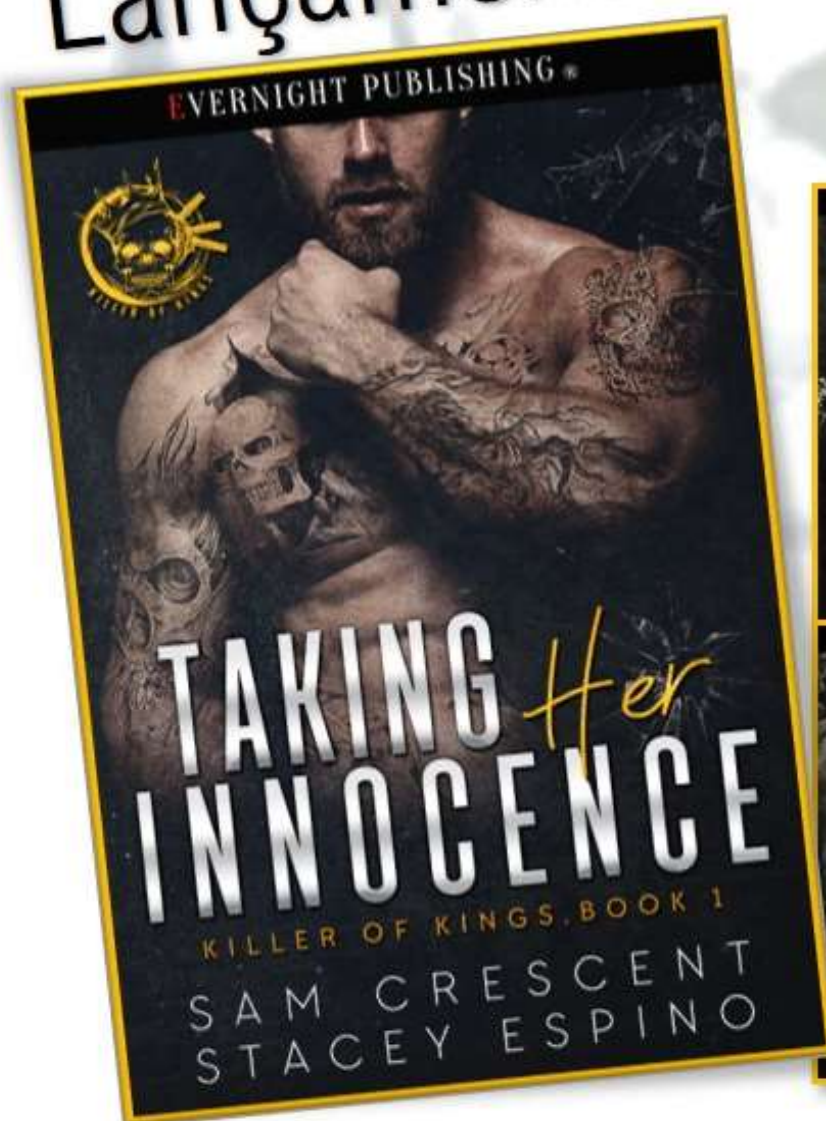


P  L Série
APRESENTA

Killer of Kings

Lançamento

Em
Breve



SINOPSE

Víper sempre foi um bastardo, um pesadelo, a morte por encomenda. Ele é conhecido por suas mortes rápidas, então não fica surpreso quando oferecem sete zeros para um novo trabalho. Deve ser uma busca rápida e eliminar. Quando seu objetivo resulta ser uma inocente de vinte anos com grandes olhos azuis, não deveria se importar de maneira de nenhuma, mas o faz. Agora, Víper quer mantê-la para si mesmo.

O padrasto de Pepper matou sua mãe e ela está fugindo desde então. Quando um assassino aparece na porta de sua casa, coberto de tatuagens e sexy, sabe que é sua próxima vítima. Mas está errada. Víper a mantém a salvo na esperança de tirar proveito do contrato por sua cabeça. Ele é tudo o que ela não é, mas começa a se apaixonar por seu captor.

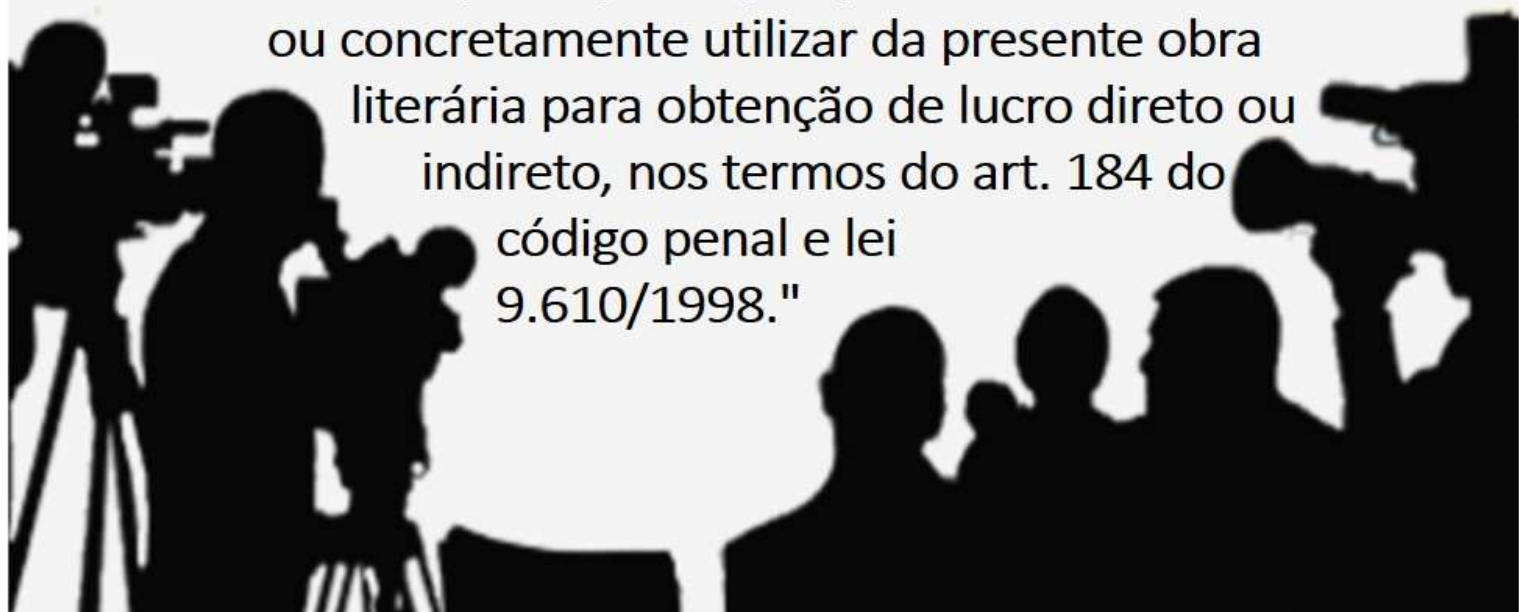
Com as probabilidades contra eles e a morte esperando por todos os lados, podem encontrar um amor verdadeiro um no outro? Ou Víper apenas está interessado em tomar sua inocência?

“A tradução em tela foi efetivada pelo Grupo Pégasus Lançamentos de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição integral da obra literária física ou em formato e-book. O grupo tem como meta a seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausentes qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto.

No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros, cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário ficam cientes de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social e, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderá individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo citado no começo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.”



Favor não publicar nossos arquivos no
Facebook!

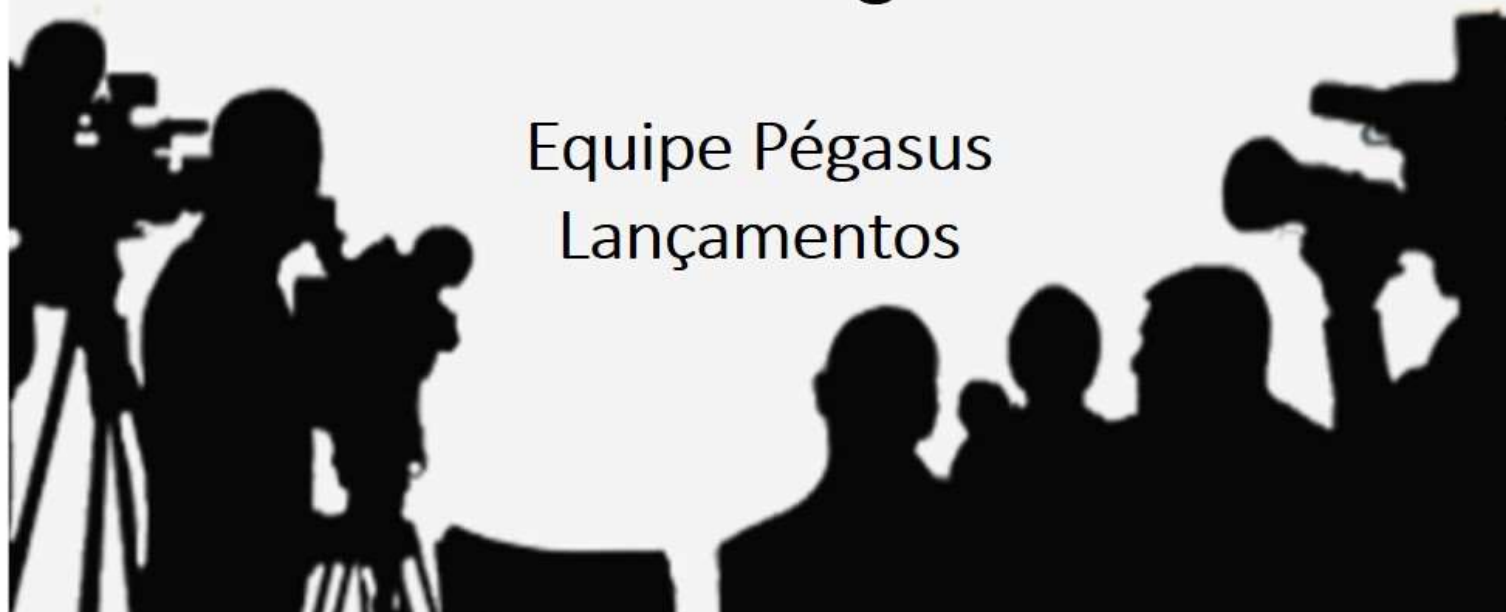
Se você viu algum livro do PL no face, sem a
nossa autorização, converse com a
moderação.

Se você gosta dos livros feitos pelo PL
ajude!!!

Quem gosta respeita nosso grupo!
Não publica diretamente no face, expondo
ao grupo de forma desnecessária.

Não aceitamos reclamações
sobre as traduções do grupo!
Não gostou, leia o livro no
idioma original

Equipe Pégasus
Lançamentos





CAPÍTULO

UM

— Acha que pode lidar com isso? — Perguntou Boss.

Viper olhou para o estacionamento. Muitas pessoas estavam comprando e trabalhando hoje, cuidando de suas próprias vidas patéticas, acreditando que era o mais importante do mundo.

Nenhum deles tinha qualquer ideia de que um dos assassinos mais mortais do mundo estava entre eles. Viper fazia parte de um grupo de elite de mercenários. Matava por dinheiro. Quem oferecesse a maior recompensa, aceitava. Sem perguntas e nunca se importou com as pessoas que matou. Este era um trabalho para ele, algo no qual era bom.

— Por que não poderia lidar com isso? Envie-me uma foto da garota. Eu farei o resto.

— Ela precisa morrer de causas naturais.

Viper bufou.

— Sem problemas.

Ele tinha um mês para encontrar uma mulher e colocar fim a sua vida. Seria fácil. Conhecia muitas maneiras de matar uma mulher e esta não seria diferente.



— Deposite o dinheiro e liguei se precisar de mais. — Viper assobiou enquanto caminhava em direção ao carro. Colocou as compras no porta-malas, sentou-se atrás do volante e esperou.

A foto dela chegou a seu telefone celular, olhou para a garota em questão. Ela não poderia ter mais do que quinze anos, mas pelo que o Boss disse agora estava com vinte e um anos de idade e fugindo por quase seis meses. *Curioso.*

A foto a mostrava ao lado de sua mãe e ela parecia feliz. Pepper era gordinha, suas bochechas pareciam do tipo beliscáveis e que as avós mimavam demais. Boss deu-lhe todos os detalhes por telefone. Viper não gostava de papéis, ler ou se preocupar com algo sendo rastreado.

Memorizava tudo. Todos os detalhes ficaram em sua cabeça e era o lugar onde permaneciam até que o trabalho fosse concluído.

Viper não sabia por que a mulher em questão, Pepper, estava fugindo e realmente não se importava. No momento que Boss o chamou e deu-lhe a tarefa, era o que fazia. Agora, apenas precisava descobrir onde estava hospedada.

A boa notícia era que tinha um amigo especial que possuía equipamentos que poderiam encontrar esta mulher. Deixando o supermercado, Viper atravessou a cidade em direção ao endereço de seu amigo que sabia que o ajudaria.

Sempre que estava entre um ou outro trabalho ficava perto de onde os seus estavam para que não precisasse se



preocupar com uma viagem interminável. Trabalhar para *Killer of Kings* era muito lucrativo. Era uma empresa conhecida por fazer o trabalho. Nada era demais, nenhum trabalho muito difícil. Viajava por todo o mundo para fazer o que precisava ser feito, matar as pessoas, mulheres, porra, até mesmo resgatar pessoas. Se o pagamento fosse bom, faria qualquer coisa.

Desde muito jovem, jovem demais para poder lidar com estas coisas, aprendeu a caçar, matar e fazê-lo sem sentir nada. Havia cicatrizes em suas costas que lembravam um passado que sempre desejou esquecer. Quando via crianças com seus pais, por uma fração de segundo sentia inveja, ciúmes da vida maravilhosa que, provavelmente, tinham, uma melhor do que ele já teve. Claro que tinham uma vida melhor do que teve. Nenhum deles jamais passou por horas de dor ou o treinamento, transformando-o em um dos homens mais mortais em todo o mundo.

Estacionando seu carro do lado de fora de um dos prédios mais viciosos da cidade, saiu do carro e foi em direção ao apartamento de Maurice. O homem tinha trinta anos, um idiota, mas muito bom quando se tratava de computadores. Era o único que dava a Viper os fatos sem dar-lhe arquivos grossos com escrita. Viper não queria ler. Queria fatos, frios e duros e não precisava da papelada que poderia ser rastreada.

Maurice morava na cobertura. Era um homem alto, magro, que usava grandes óculos de lentes grossas. Batendo na porta, Viper esperou e quando ele abriu a porta, sua



camisa estava coberta de manchas de ketchup e mostarda.

— Eu disse para se mudar. — Disse Viper, entrando na sala.

— Sim, bem, não achei que fosse vê-lo por mais algumas semanas. Costuma tirar um tempo livre. Por que você está de volta depois de apenas uma semana? — Perguntou Maurice.

O apartamento estava cheio de coisas e sujo. O único lugar limpo era a sala, onde todos os computadores e equipamentos estavam configurados.

— Você precisa conseguir uma faxineira. — Disse Viper. Odiava bagunça.

Bagunça significa erros.

Ele era limpo, eficiente e não tinha nada para deixar para trás. Mesmo seu apartamento onde ficava durante suas férias não guardava nenhuma lembrança pessoal. Não que alguma vez as teve. Lembranças pessoais significariam ser atencioso e não era. Não tinha uma família, um passado, nem teria um futuro.

— Faxineiras tocam nas coisas e sei onde está tudo.

Viper olhou ao redor do apartamento.

— Está fedendo.

— Mesmo? Isso mantém todos fora, certo? É a minha bagunça. Meu problema. Não seu. O que você quer? — Perguntou Maurice, empurrando os óculos no nariz.

— Tudo bem. — Viper entregou o celular. — Consiga



tudo sobre ela.

— Você tem um nome? — Perguntou.

— Pepper. Quero um reconhecimento facial, no entanto. Você tem seus computadores que podem acompanhar a câmeras pelas ruas. Quero saber onde foi vista pela última vez.

— Isso irá demorar pouco.

— Não importa. Posso pagar. — Viper entrou na sala de estar e sentou-se. Era o único lugar onde estava disposto a colocar seu traseiro enquanto esperava e não havia chance nenhuma de ir embora sem conseguir o que queria.

Algo o estava incomodando a respeito deste trabalho, o que era estranho, porque normalmente não se importava. Rápido e eficiente. Como sempre foi.

Maurice estava cantarolando quando começou a trabalhar, observando a foto dela e depois a seguiu através do banco de dados. Na tela grande na frente deles, viu vários nomes e imagens, enquanto fazia o reconhecimento.

A beleza sobre a segurança e transmissões ao vivo em todos os lugares era que alguém poderia ser rastreado. A menos que soubesse como evitar as câmeras e o software de reconhecimento, ninguém era indetectável.

— Ela é jovem nesta foto.

— Você não é pago para se preocupar com isso.

— Esta não é uma missão de resgate, certo? Acho que vi



algo sobre a mãe desta garota há algumas semanas.

Isso chamou a atenção de Viper.

— O que você viu?

— Apenas que sua mãe morreu e o padrasto de Pepper assumiu a empresa que deveria, por direito, ir para a garota. Estamos falando de uma empresa de bilhões de dólares. Ações e eles têm participações em praticamente tudo. Estou surpreso que você não soubesse disso. — Maurice comeu uma batata frita enquanto falava.

Viper não acompanhava as notícias. Não lia jornais, nem se preocupa com princesas mimadas.

— Por curiosidade, o que acontece com essa fortuna se a garota morrer?

— Vai para o padrasto.

Ainda sentado, Viper pensou nos termos de seu último contrato. Pepper precisava morrer de causas naturais e o padrasto herdaria tudo.

Não gostou da torção que sentiu em seu estômago.

Esta era apenas mais uma tarefa como qualquer outra e não deixaria que sentimentos ou emoções ficassem no caminho. Passando os dedos pela coxa, olhou para a tela do computador vendo como os rostos pareciam rolar. Esta era a parte do trabalho que odiava.

Estava entediado.

Quando ficava entediado, era capaz de pensar.



Pensando o fazia se lembrar do passado e não queria se lembrar do passado. Não era alguém atormentado por seus medos. Não sentia medo.

— Ali está ela. — disse Maurice.

Viper olhou para cima quando sua imagem entrou em foco. Era uma imagem muito clara.

— Quando foi tirada? — perguntou.

— Há três dias. Um supermercado perto da costa. — Maurice descreveu vários detalhes e deu-lhe endereços.

Viper não precisava de mais nada. Ele já sabia para onde iria. Tirando um maço de dinheiro, entregou-lhe e foi em direção à porta.

— Viper. — Disse Maurice.

Voltando-se, viu Maurice de pé, segurando seu teclado.

— O que foi?

— Você não precisa fazer isso, sabe? Ela é inocente. Não há nada nela. Nenhum registro criminal, nada. Sua ficha está completamente limpa. Está não é como suas mortes usuais.

— Você não sabe o que faço e lembre-se, nada acontece e qualquer palavra que sair, você morre, Maurice. — Ele não queria matar o homem na sua frente. Mesmo que fosse um idiota, gostava dele, o que não se ouvia falar muito em sua linha de trabalho. Não deveria usar o mesmo homem várias vezes, mas Maurice provou ser bom e não queria perder um bem valioso.



— Vejo você em breve. — Disse Maurice.

Viper já estava fora da porta, mas ouviu.



Pepper olhou para o oceano, perguntando se seria capaz de ficar ali por mais alguns dias. Era uma pequena cidade, perto do mar e cheio de turistas. A praia estava cheia de pessoas e famílias. Estaria segura ali?

Não sabia o quanto seu padrasto estava disposto a ousar. Ele queria dinheiro. Sabia disso. Desde o momento em que sua mãe, sua doce e bela mãe, levou-o para casa, Pepper viu suas intenções. Era um oportunista. Uma desculpa horrível para um ser humano. Até o viu trair sua mãe com uma funcionária. Isso realmente a deixou doente e o que mais odiou, foi que sua mãe não acreditou nela.

Sim, Pepper vinha de uma família rica, mas seu relacionamento com sua mãe sempre foi sólido. Quando seu pai morreu, tinham uma à outra, até que esse monstro saiu do nada com a intenção de destruí-las. Ela o odiava e isso não ajudou. Mesmo quando o abuso e a violência começaram, sua mãe não foi capaz de ver além de sua própria insegurança.

Então, claro, Pepper precisou fugir e agora não podia nem mesmo ir para casa para o funeral de sua mãe.

A fim de receber uma fortuna, seu



padrasto precisava dela morta. Não era idiota. Tudo o que quis o tempo todo foi a fortuna de sua mãe e quando Pepper morresse, seria tudo dele.

Uma rajada de vento a atingiu e ela segurou o chapéu, certificando-se de que não voasse. Estava usando chapéu e óculos. Com sua foto no noticiário, não queria que ninguém a visse. Felizmente, não havia uma foto atualizada e não parecia nada como quando tinha quinze anos. A foto era um lembrete frio da última vez que foi feliz, quando sua mãe estava feliz. Provavelmente, deveria tingir seus cabelos loiros, mas não queria mudar as mechas que sua mãe passou horas cuidando amorosamente. Sentavam-se no escritório de seu pai e ela penteava seu cabelo, esperando que ele terminasse. Pepper se parecia com a mãe, apenas mais leve e de pele mais clara. Queimava facilmente no sol e sempre precisou usar um protetor solar, o que odiava.

Lembrou-se de sua mãe esfregando o creme horrível sobre ela, dizendo que se não fosse cuidadosa ficaria como uma batata frita. Então a via fazê-lo sozinha. Era incrível como significativas essas lembranças eram. Na época, era apenas um incômodo, mas agora era algo mais.

Empurrando esses pensamentos para o fundo de sua mente, afastou os olhos do oceano e começou a caminhar de volta para a rua principal.

O cheiro de donuts, frango frito e batatas era pesado no ar. Ela não estava com fome e mesmo que estivesse não comeria fora.



Seu padrasto era um homem ambicioso, provavelmente, encontraria alguma maneira de machucá-la. Não duvidava que enviasse alguém para matá-la. Havia empresas assim? Não sabia. Havia muito sobre o mundo que não sabia e isso a assustava. Deixando as ruas movimentadas, voltou para o pequeno hotel no qual se hospedou. Sem olhar para trás, foi em direção à porta e fez uma pausa. Estava aberta e ela franziu a testa.

Não trancou?

Seu coração começou a acelerar.

Pode não ter trancado.

Todas as vezes que deixei este quarto tranquei a porta.

Precisava se virar e sair.

Mas suas coisas estavam no quarto e precisava entrar para pegar.

Está bem. Tudo está bem.

Ofegou e teria gritado se uma mão não tivesse fechado sua boca.

—Sugiro que você fique muito quieta. Não sou o mais paciente dos homens e não gosto de ficar esperando.

Ela não podia ver e com o quão forte a segurava, não podia se mover. Não havia nenhuma maneira de fugir ou de ver quem era o agressor.

Ele empurrou-a para o quarto e a porta se abriu, batendo na parede por trás dele.



Seu agressor moveu a mão, dando-lhe uma chance para mordê-lo, assim ela o fez. Afundou os dentes na sua mão e garantiu que não parasse até sentir o gosto do sangue.

Bruto. Bruto. Bruto.

Doente.

Ela soltou a mão, bateu o pé com força no dele e depois o empurrou.

Ele gritou e antes que Pepper pudesse fugir, agarrou seu cabelo, jogando-a contra a parede. O impacto a assustou e deixou-a um pouco tonta. Em poucos segundos, estava sobre ela. Deu um soco em seu rosto, chocando-a com o impacto, fazendo-a rolar para longe. Seu agressor recuou e ela o empurrou de surpresa para que cambaleasse para trás.

Levantando-se, ela tentou a porta, mas ele a pegou novamente.

— Sua puta gorda. — Disse ele, envolvendo os braços ao redor de seu pescoço e começou a cortar a circulação.

Ela agarrou seus braços, lutando para respirar.

— Agora, isso não é interessante? — Disse um homem.

Eles se viraram e ela viu alguém que era duas vezes o tamanho do homem que a estrangulava e parecia dez vezes mais mortal.

A primeira coisa que notou foi que ele tinha armas na cintura. A próxima coisa foi como parecia calmo enquanto ela se machucava.



— Porra, quem é você? — O homem atrás dela perguntou.

— Eu? Estou aqui a trabalho. E você, porra, por que está aqui?

— Consegui um trabalho. Esta cadela precisa ser eliminada.

O homem na porta riu.

— Diga-me que você não tem a menor ideia de quem eu sou. Tem alguma ideia de para quem trabalho?

O homem atrás dela se acalmou e a mão em sua garganta realmente aliviou, surpreendendo-a. Não a soltou, mas foi capaz de pensar e por isso estava grata.

— Viper!

O sorriso do homem na porta ficou mortal.

— Exatamente. Agora, diga-me quem o contratou.

— Seu padrasto. Quem mais o faria? Ele quer que ela se vá e quer que seja feito o mais rápido possível. Não importa quem faça desde que esteja morta no final.

O homem chamado Viper olhou para ela como se estivesse avaliando-a.

— Você realmente vale tanto assim? — Viper entrou no quarto e fechou a porta. — Deixe a garota ir e o deixarei sair daqui com vida.

A risada a fez pular quando o homem atrás dela estremeceu como se fosse a coisa mais engraçada que já



ouviu.

— Eu sei que você tem uma boa reputação Viper, mas não acho que possa me superar.

— Solte a garota e veremos. — Viper estava com as mãos atrás das costas, parecendo muito calmo.

O homem atrás dela era forte. Ela não queria que nenhum homem ganhasse, mas não queria que o homem atrás dela vencesse. Aquele bastardo iria machucá-la.

Viper iria machucá-la também, mas realmente não foi ferida por ele ainda. Era a melhor aposta.

Ela foi empurrada com força para o chão.

—Fique aí.

O homem caminhou em direção a Viper e ela não sabia o que esperar. Talvez uma briga, algo assustador. Mas não esperava que Viper estendesse a mão, agarrasse o pescoço do homem e com uma só torção, quebrasse.

Seu coração acelerou mais.

Seu atacante estava no chão, com a cabeça em um ângulo estranho.

— Agora, isto é curioso. — Viper começou a vasculhar os bolsos do rapaz e quando encontrou a carteira, jogou-a para ela. — Quem é ele?

Ela olhou para ele.

— Eu não tocarei nisso.

— Diga-me quem ele é ou vou machucá-la muito mais



do que esse bastardo já fez e pelo seu rosto, ele bateu em você algumas vezes. — Viper a olhou. — Agora, quem é ele?

Agarrando a carteira, abriu-a e olhou para o nome.

— Diz William Donald.

Ele recuou e pegou o celular. Viper o olhou e depois para a porta. Estava sentindo dor em lugares que não achava ser possível. Poderia sair a tempo?





CAPÍTULO

DOIS

Isto não era o que Viper esperava encontrar. Algum idiota estava entrando em seu território. Bem, com certeza estava. Agora teria que lidar com a limpeza de dois cadáveres. *Killer of Kings* definitivamente tinha alguma explicação para dar.

— Quem é William Donald?

Boss fez um som exasperado ao telefone.

— Ele é um agente livre. Por quê?

— Poucos minutos atrás, ele tentava matar o meu alvo. Pensei que isto fosse exclusivo. — Disse Viper. Observou a garota quando a viu encarar a porta.

— Você sabe que nunca faria esse tipo de droga desonesta. O padrasto deve tê-lo contratado.

— Ele contratou você. Por que faria dois contratos? — Não fazia sentido. O velho bastardo era tão ganancioso quanto imaginou. Maurice disse que matou a mulher para herdar sua fortuna. Então, por que pagar dois assassinos para eliminar a enteada?

— Sim, isto é algo que pretendo descobrir. Se Bernard



Sutherland acha que pode contratar um agente barato para deixar de pagar os cinco milhões que me deve, está muito enganado. — Disse Boss, sua voz assumindo um tom sinistro. — Entrarei em contato. Presumo que William não está mais conosco?

— Precisa perguntar? Apresse-se e descubra. Não quero ficar aqui mais tempo do que necessário. — Ele desligou o celular e colocou-o no bolso de sua jaqueta de couro. Agora precisava cuidar da pequena senhorita Pepper. Não podia matá-la ainda, não até que recebesse a confirmação de que seria pago integralmente pelo trabalho. Então, até receber uma notícia de Boss, faria companhia ao alvo.

— Por favor, não me machuque. — Pepper sussurrou, ainda de estômago para baixo no chão, apoiada em seus cotovelos.

Ele a ignorou.

Viper estava de pé sobre o corpo morto, satisfeito com sua morte. Armas e facas eram rápidas e simples, mas odiava limpar o sangue. Um pescoço quebrado era muito mais fácil de lidar. Tirou a jaqueta e colocou-a nas costas de uma cadeira. Então se inclinou e arrastou o peso morto por cima do ombro antes de se levantar. William era mais pesado do que parecia.

Planejava colocar o corpo na banheira por enquanto, mas não queria Pepper fora de sua vista por um segundo. Ela era mal-humorada e não tinha dúvidas de que iria para a porta assim que saísse da sala. Após a longa viagem à cidade



litorânea, não estava com vontade de ir atrás dela.

— Abra a porta do banheiro para mim. — Disse. Quando Pepper congelou no lugar, acrescentou. — Esse cara não é leve.

Ela lentamente levantou-se, nunca tirando os olhos dele. Quando se encolheu, sabia que estava ferida, mas rapidamente escondeu seu desconforto. Certamente não se parecia com a foto que Boss enviou. Pepper não era uma garotinha. Era toda mulher agora, com curvas que roubavam seu foco o que não era uma tarefa fácil.

Ele seguiu atrás dela. A suíte do hotel era apenas uma pequena sala e cheirava a mofo. Já se sentia claustrofóbico.

Pepper usava um longo vestido azul e uma fina camisa branca abotoada sobre ele. Era muito menor do que ele, mas a maioria das mulheres eram. Quando abriu a porta do banheiro, não pode deixar de olhar seu traseiro. Tinha a forma de uma ampulheta, mas certamente não era uma pessoa que mostrava seu corpo. A única pele exposta era os pulsos e tornozelos. Pepper era a essência da inocência, mas não era sua obrigação cuidar dela de uma forma ou outra.

Isso o irritou quando começou a sentir qualquer coisa porque foi ensinado a permanecer emocionalmente desligado mesmo sob as mais severas condições. Por mais que desprezasse os filhos da puta que o treinaram quando criança, suas lições estavam profundamente enraizadas no homem que era hoje. Foi chamado de bastardo com coração frio muitas vezes para contar, mas nunca lhe foi oferecido



simpatia, então por que deveria oferecer a qualquer outra pessoa?

Sem cerimônia deixou cair o corpo na banheira com um baque surdo e depois fechou a cortina do chuveiro. Viper lidaria com a remoção mais tarde. Agora, precisava proteger o quarto do hotel e juntar as coisas. Não queria complicações. Seus trabalhos geralmente se desenrolavam como um relógio, dentro e fora, sem tempo para refletir. Agora precisava se esconder com essa garota até que recebesse uma ligação de *Killer of Kings*.

Depois de fechar a porta do banheiro, apontou para o sofá. Ela seguiu bem as instruções, sentando-se enquanto ele falava.

— Seja esperta e fique parada.

Ele trancou a porta da frente e olhou para fora da janela antes de puxar as cortinas pesadas juntas. Uma cascata de poeira caiu até suas botas. Observou o teto procurando qualquer equipamento de vigilância, mas não havia nada, não que esperasse algo de alta tecnologia nesta merda. Viper andou de um lado para outro na sala impossivelmente pequena, sentindo-se como um tigre enjaulado. Lembrou-se dos exercícios de confinamento que foi obrigado a suportar quando criança e as lembranças tanto o feriram como o acalmaram ao mesmo tempo. Era um bastardo retorcido.

— Você vai me matar? — Ela perguntou.

Ele parou meio passo e a encarou. Até este momento,



suas vítimas geralmente não tinham mais batimento cardíaco, então não era confortável conversar com uma viva. A regra número um que foi embutida nele, uma que continuava valorizando, era nunca se aproximar de suas vítimas. Não apenas o transformava em um assassino fraco, dava-lhe uma vulnerabilidade para os outros explorarem.

Viper piscou.

— Veremos.

Ela não parecia assustada como esperava. Normalmente as pessoas perdem sua humanidade quando a morte é inevitável, prometendo-lhe qualquer coisa ou ficam histéricas. Pepper tinha uma calma que era incomum e intrigante.

— Foi o meu padrasto, certo? Ele contratou você.

— Eu não discuto negócios com meus alvos. — Replicou.

Ela ficou olhando suas armas. Viper estava sempre bem armado.

— Por que precisa de tantas armas? — Perguntou.

— Por que não? — Ele puxou a Glock do coldre direito e girou em um dedo. Ela ofegou e seu corpo ficou rígido. — Eu não irei matá-la ainda, então relaxe. — Colocando a arma de volta no lugar.

Pepper balançou a cabeça.

— Eu não gosto de armas, mas não tenho medo de morrer.

— Todo mundo tem medo de morrer. Confie em mim,



quando chegar a hora, irá implorar como todos eles.

Ela ficou quieta depois disso, abraçando-se e ocasionalmente tocando o rosto. Aquele babaca deve realmente ter batido forte. Sua bochecha direita já estava escurecendo, facilmente perceptível contra sua pele clara. Ele tirou o coldre de ombro e o cinto de armas, colocando sobre a mesa de jantar. Viper moveu os ombros e o pescoço de cada lado. Foi um longo dia. Aproximou-se da garota nervosa no sofá, afastando os cabelos para avaliar as contusões.

— Você gosta de matar pessoas? — Perguntou. Esta garota era muito faladora para seu gosto.

— Onde está ferida?

— Estou bem. — Disse, afastando-se de seu toque.

— Ele bateu no seu rosto, qualquer outra coisa? Ele a fodeu?

Sua boca ficou aberta.

— Não. — Respondeu. Olhava para baixo agora, uma mistura de timidez e constrangimento. Ele girou uma mecha do cabelo dela ao redor do dedo. Era fofa quando irritada, como um gatinho furioso e sua provocação produzia o efeito desejado. Pepper bateu na mão dele.

Ajoelhou-se na frente dela, agarrando ambos os pulsos em um de seus punhos quando tentou golpeá-lo novamente.

— Pequena coisa corajosa. Acho que você está acostumada a fazer do seu jeito, não é, princesa?



— O que isso deveria significar?

Ele zombou.

— Ouvi dizer que foi criada com uma colher de prata na boca. Isto fará com que matá-la seja mais fácil. Então, sim, eu poderia gostar disso. — Viper não suportava cadelas ricas. Mas mais do que tudo, queria se afastar de Pepper.

— Você *não sabe* nada sobre mim. — Disse, inutilmente tentando puxar os braços para trás. — Eu não fiz nada de errado!

Viper a olhou, mantendo-a firme. *Um desperdício matá-la, pensou.* Seus olhos azuis tinham manchas douradas e seu cabelo loiro caia sobre os ombros em ondas longas, soltas. Parecia a porra de um anjo e o que era ele? Um demônio? Algo nela transmitia coragem. Parte dele desejava que esta fosse uma missão de resgate e não um assassinato.

— O que fez você fugir? — Perguntou. Era uma pergunta legítima. Queria saber por que esta garota inocente estava nesta bagunça. Era difícil imaginar uma coisa delicada como ela sobreviver sozinha, sem ninguém para protegê-la.

Ela não respondeu imediatamente, seus olhos se encheram de lágrimas não derramadas.

— Começou a me bater, tornando minha vida miserável. Se dissesse à minha mãe, ele nos mataria. Ficou tão ruim que não tive escolha a não ser sair. Descobri sobre minha mãe no noticiário.

Desta vez, Viper deixou-a afastar os braços. Pepper



segurou o rosto com as mãos e começou a chorar, uma comporta aberta. Ficou mais desesperada lembrando-se da morte de sua mãe do que o fato dele planejar matá-la. Nem imaginava como era se sentir ligado a uma pessoa. Sua explosão emocional o deixou desconfortável, então caminhou para o outro lado da sala para verificar seu celular. Ainda sem nenhum telefonema de Boss. Os seus soluços encheram a sala, puta merda, ele precisava de ar.

Colocou o celular de volta no bolso quando vibrou. Viper olhou para a tela. Era uma maldita mensagem de texto e *Killer of Kings* deveria contatá-lo por telefone.

Pepper usou a manga do suéter para enxugar as lágrimas. Não queria que esse assassino pensasse que era fraca, porque já achava que era mimada. Por que se importava com o que pensava dela? Observou-o de pé sobre a mesa cheia de armas, seu rosto fazendo careta quando verificou o telefone. Era enorme. Quando tirou a jaqueta de couro, não acreditava no tamanho de seus músculos. Estava coberto de tinta, intrincados padrões negros entrelaçados com caveiras e demônios.

Viper era o tipo exato de homem que sua mãe a avisou para ficar longe, mas por alguma razão nunca sentiu uma atração tão poderosa. Ele tinha que ser, pelo menos, uma década mais velho. Odiava-se por desejar um homem apto para pesadelos, mas não conseguia controlar seu corpo. Pepper também não tinha certeza se não estava louca. Não conseguia parar de imaginar como seria se um homem como



Viper a amasse. Poderia protegê-la do mundo, de seu padrasto.

— Você terminou com as lágrimas? — Perguntou.

Ela fez uma careta.

Ele olhou brevemente as cortinas.

— *Porra*. Arrume suas coisas, estamos saindo.

— O que? Onde? — Ser levada para um segundo local sempre era uma má ideia quando se tratava de sequestros, sabia disso. Não gostou do som de ser levada para um lugar estranho, provavelmente onde planejava assassiná-la. Então pensou melhor. Se a levasse em público, seria capaz de fazer uma cena ou fugir. Era uma área turística.

Viper começou a colocar todas aquelas armas assustadoras de volta. Mas tanto quanto as armas a aterrorizavam, ele parecia tão incrível, tão sexy. *O que há de errado com você, Pepper?* Talvez, tivesse problemas com a figura paterna. Talvez, perdera a cabeça completamente.

— Você tem dois minutos, querida. Sugiro que coloque seu traseiro em movimento.

Pepper não pegou muito quando saiu de casa. Ela fugiu no meio da noite com apenas uma mochila.

— Para onde estamos indo? — Repetiu. — Você não tem que fazer isso, sabe. Posso desaparecer e meu padrasto não saberá que não me matou.

Ele puxou a jaqueta, em seguida, verificou o clipe em



uma de suas armas antes de recolocá-la no cinto.

— Lembra-se daquele babaca no banheiro? Bem, ele não é o único. — Viper caminhou em sua direção. Era tão alto que precisou esticar o pescoço para olhá-lo nos olhos. — Você é bem-vinda a ficar aqui e se arriscar com os dois bandidos vigiando seu quarto ou pode vir comigo. Juro, não sou tão sádico. Sou conhecido por minhas mortes rápidas.

— Eu não gosto de nenhuma dessas opções. — Ela cruzou os braços sobre o peito, mas ainda sabia que preferia uma morte rápida a uma morte dolorosa se essas fossem suas únicas escolhas. Mas em algum lugar no fundo, esperava que Viper não fosse capaz de matá-la.

— Eu estava tentando ser legal, mas isso não é uma discussão, princesa. É hora de ir.

— Mas...

Ele rosnou quando se virou para encará-la novamente, mas ainda parecia contido. Seu padrasto sempre estava com uma raiva perpétua e a aterrorizava. Não Viper.

— O que foi agora?

— Estou com medo. — Admitiu. Pepper não queria parecer fraca, mas o pensamento de dois pistoleiros do lado de fora esperando para matá-la era uma perspectiva aterrorizante. Isso era uma loucura demais para processar. Pepper queria se encolher, esconder de todo o mal do mundo. — E se um deles atirar?

Ele exalou e passou a mão pelo cabelo escuro.



— Isso é tudo? Contanto que esteja comigo, garanto que estará a salvo deles.

Ela pode ouvir algo do lado de fora da porta e viu a maçaneta se mover. A adrenalina se espalhou como fogo pelas veias. Pepper apontou, incapaz de falar.

— Relaxe. Você está fugindo há meses, então sei que é mais forte que isso. Apenas fique quieta. Consegue?

Pepper assentiu. Teve um impulso irresistível de se jogar em seus braços. Agora que a mãe dela estava morta, não tinha uma alma para pedir conforto. Nunca se sentiu tão assustada e sozinha.

— Hey. — Sua jaqueta de couro rangeu quando ele inclinou seu queixo para cima. O cheiro de sua colônia amadeirada era pura masculinidade. — Seja uma boa menina para mim, ok? — Ela o observou. Viper tinha uma intensidade única e uma cicatriz deformada que cortava seu rosto de um lado. Imaginou que a maioria das mulheres seria repelida, mas suas imperfeições eram de algum modo bonitas para ela. Pepper se perguntou se ele sorria.

Ele colocou o dedo nos lábios para silenciá-la enquanto se afastava em direção à porta. Viper ficou atrás da porta e cuidadosamente destrancou. Não podia acreditar que convidaria os assassinos sem uma briga. Para piorar as coisas, seus pés se transformaram em chumbo. Congelou no lugar quando precisava se proteger.

Alguém chutou a porta e um momento depois dois



homens entraram no quarto com armas levantadas. O primeiro homem tinha cabelos grisalhos e barriga de cerveja. Ele sorriu quando a viu ali, como um cervo nos faróis. Ainda não conseguia se mexer.

— É tão bom vê-la, Pepper. — Ele tinha uma voz rouca de fumante. Quando se aproximou dela, guardou a arma e começou a colocar um par de luvas. Notou quando ele mexeu cada dedo gordinho, um de cada vez.

O outro homem era musculoso, seu terno preto muito apertado. Derramou o conteúdo de um saco plástico sobre a mesa. Havia seringas e saquinhos de pó branco.

— Tire sua camisa. — Disse o homem mais velho. — Deixe-me ver seus braços.

Seu coração parecia se espremer em um torno. Pepper não conseguia nem respirar. Quando olhou para Viper, ainda de pé na sombra escura atrás da porta, ele colocou o dedo nos lábios novamente. Engoliu o medo paralisante, desabotoou o suéter e o soltou. Ela sempre usava blusas, mesmo no calor, porque não queria mostrar seu peso extra e braços grossos. Ao crescer, as mulheres em seu círculo de elite eram perfeitas e altamente críticas em relação a qualquer coisa que não fosse a perfeição. Nunca sentira como se pertencesse ali.

O homem agarrou seu pulso em um aperto contundente, puxando o braço em linha reta.

— Merda, ela não é uma usuária.



O grandalhão se aproximou, sacudindo uma seringa cheia com um dedo.

— Tarde demais para se preocupar com isso agora. Além disso, há sempre uma primeira vez para todos - especialmente filhas de luto.

Pepper começou a hiperventilar, recuando e tentando soltar o braço.

— Você não sabe que as drogas são ruins para sua saúde?

O homem mais velho virou a cabeça para a voz e Viper deu um soco direto no rosto, seguido por um cotovelo e outro soco. Cada movimento foi preciso e eficaz, derrubando o homem no chão. A presença volumosa de Viper era toda de negócios, seus olhos negros e neutros.

Quando o grandalhão com a agulha o atacou, Pepper gritou:

— Viper!

Mas não precisava da sua ajuda. Ele torceu o outro homem em uma chave de cabeça tão rápido que foi quase desumano. Bateu nele de uma forma tão brutal, que precisou desviar o olhar. O sangue espirrou no tapete e um som borbulhante foi seguido pelo corpo pesado caindo no chão.

O homem mais velho no chão tentou se levantar. Pepper nem sequer pensou, chutou-o bruscamente nas costelas. Infelizmente, não era tão eficaz como seu assassino. Ele agarrou a perna dela e caiu ao lado dele. Pepper agitou os



braços quando tentou bater nela.

O som de uma arma sendo engatilhada acabou com a luta. Viper se levantou sobre o outro homem. Ele pressionou o cano da arma firme na testa.

— Nome. Agora.

— Giovanni Bianchi.

— Quem contratou você?

Houve uma pausa.

— Ele não me disse o nome.

Viper bateu com força a arma, depois levou a arma para a cabeça.

— Última chance. Conte-me algo.

O velho começou a soluçar.

— Era para parecer uma overdose. É tudo que sei, juro.

Viper voltou sua atenção para ela, não movendo sua posição.

— Vire a cabeça.

Ela fez o que ele disse e então a explosão de um tiro chocou-a até o núcleo. Pepper enrolou-se em uma bola e gritou.

Momentos depois, mãos fortes tiraram os dedos de seu rosto.

— Abra seus olhos, Pepper.

Ela olhou para cima para encontrá-lo de pé sobre ela.



Ele devolveu a arma ao coldre, depois estendeu a mão para erguê-la sem esforço.

— Eles estão mortos? — Perguntou.

Ele balançou a cabeça, as mãos ainda em seus lados sob os braços dela. Estavam tão perto. A sala estava silenciosa o suficiente para ouvir o tique-taque do relógio na parede, cada segundo correspondendo à batida rápida de seu coração.

— Você tentou me ajudar. — Disse, quase um sussurro.

Pepper encolheu os ombros.

— Eu não queria que ele o machucasse.

Ninguém jamais olhou para ela do jeito que Viper fez agora. Ele viu além da superfície, talvez até sua alma, um olhar de descrença fazendo os cantos de seus olhos enrugarem.

— Você é uma complicação. — disse, sem qualquer indício de emoção. Deus, esperava mais dele. Estava uma bagunça, cheia de instabilidade emocional. Pepper precisava ser tranquilizada, consolada, qualquer coisa. Como podia ser tão insensível? Era um completo sociopata?

O breve momento de silêncio e o que ela percebeu como intimidade terminou quando o celular de Viper tocou. Afastou-se tão abruptamente que se sentiu tonta.

— Até que enfim. — Ele respondeu.

Depois de ouvir por um minuto, ele congelou, virando-se para olhar para ela enquanto abaixava a



mão segurando o celular. Pela primeira vez, jurou que viu uma breve emoção em seus olhos escuros. Sabia o que era porque a mantinha insone na maioria das noites - arrependimento.





CAPÍTULO

TRÊS

— Nunca mais me mande uma porra de texto! — Viper fez questão de dizer antes que esquecesse. Foram apenas algumas palavras que conseguiu entender e isso era porque eram as únicas palavras que conhecia: mais, mate, dinheiro. Três palavras e tudo o mais não significava nada para ele.

Sim, foi hilário.

Ninguém conhecia sua fraqueza, nem mesmo Boss. Quando se juntou à corporação, exigiu que toda a informação fosse por telefone. Ninguém discutiu com ele. Apertando os dentes, olhou de volta para o quarto do hotel. Parecia que o querido padrasto contratou tantas pessoas quanto possível para ter certeza de que ela desaparecesse permanentemente.

Isso seria uma bagunça mais difícil de limpar.

— Você me telefonou para me fazer sua cadela ou você precisa de alguma coisa? — Boss perguntou. — Entendo que as complicações estão mortas?

— Claro que estão. O quarto está registrado em seu nome. Nossa princesinha brilhante não pensou em usar um



nome falso. Foi isso que criou esta complicação.

Boss bufou.

— Alguma chance dele pagar o dinheiro que deve? — perguntou.

— Não. O bastardo convenientemente não está retornando minhas ligações. Ela fica viva até o próximo aviso. Quero sua localização exata e enviarei a equipe de limpeza. Você precisará envolvê-los e cuidarei do descarte.

— Entendi. — Desligou o celular e olhou para a bagunça. — Seu padrasto quer você morta. O que não parece ter descoberto é que, no momento em que coloca várias pessoas atrás de você, a probabilidade de que pareça natural está fora, porra.

— Então você vai me matar? — Perguntou.

Ele não gostou de como seu estômago se apertou com as palavras.

— Sim. — Não havia nenhum ponto em mentir para a garota e isso era o que precisava se lembrar, era uma garota. Não, era a porra de um alvo. Precisava lembrar-se do mais importante. — Felizmente para você, seu padrasto é um idiota total, o que significa que viverá um pouco mais, Senhorita Pepper.

— Não me chame assim. Minha mãe me chamava assim. Não faça isso.

Viper viu quando lágrimas caíram de seus olhos, mas desta vez não foram acompanhadas por soluços. Achava toda



essa situação um enorme problema. Por isso raramente trabalhava com múltiplos contratos. Viper não se importava com o que os outros homens do *Killer of Kings* faziam. Este era estritamente seu acordo. Tudo ficava confuso rapidamente e então as brigas entre os mercenários eram mais feias ainda. Movendo-se para sua mochila, puxou a toalha de banho de emergência e a colocou no chão. Sempre carregava um kit de sobrevivência. Uma cortina de chuveiro pode não ser a escolha óbvia, mas funcionou muitas vezes para deixá-la de fora. Estendeu até o chão, então pegou cada homem, um por um e soltou ali seus traseiros. Pegando algemas do bolso, foi até Pepper. Ela se afastou dele.

Não gostou disso, mas em vez de insistir nesse sentimento, agarrou seu pulso e o prendeu na cama longe da porta.

— Você apenas vai me algemar?

— Algumas mulheres gostam do bizarro. — Ela apertou os dentes e olhou para longe dele. — Você está pensando em todos os tipos de bizarrice agora? — Perguntou.

— Foda-se.

— Nunca se sabe. Seu padrasto não vem, posso fazer exatamente isso e mantê-la viva. — Viper passou um dedo em sua bochecha e ela se afastou. No entanto, viu a resposta de seu corpo. Aqueles seios cheios com mamilos duros mostravam sua excitação. Certamente não estava frio no quarto e ele sentia o suor. Agora isso foi interessante. Mas não pensaria a respeito. Agora, não era o alvo dele, mas



também não era sua inimiga. — Até descobrir o que farei, sua vida está em minhas mãos. Comporte-se e faça o que disser. — A estranha vontade de beijá-la apoderou-se dele e a empurrou para longe.

Beijá-la não resolveria nada e isso apenas deixaria uma situação que já era ruim, pior. Era algo que nunca fazia porque aumentava muito as apostas.

Depois de prender a algema ao redor do pulso, afastou-se e olhou para os homens que matou. Eram bons. Drogá-la e fazer com que parecesse uma overdose era inteligente. A garota acabou de perder a mãe e tudo mais, mas não gostou disso. Não gostou de como conseguiram chegar tão perto.

Ele não deixaria colocar aquela porcaria desagradável em suas veias. Sendo ele próprio o destinatário de drogas forçadas, sabia o quanto podia ficar ruim e não queria. De modo nenhum.

— Mais pessoas estão a caminho? — Perguntou ela.

— Sim. Parece que você é um alvo valioso. Estou surpreso que não esteja tentando, bem, negociar sua vida.

— Como poderia? Não tenho nada para dar. — Bufou. — A menos que você chame minha virgindade de uma moeda de troca, estou fora.

— Então você é virgem? — Perguntou, olhando-a.

Suas bochechas ficaram de um belo tom de vermelho e ela revirou os olhos.

— Eu não tenho nada para oferecer.



— Eu não sei. Nunca comi uma virgem antes.

— Sim e vale a pena os milhões de dólares que está sendo pago para me caçar e matar? — Ela perguntou.

— Você está certa, não vale a pena. — Para algum outro homem valeria. Ele não era aquele homem. Olhando-a novamente, viu sua cabeça curvada e estava encarando o vestido, que subiu. Levantando-se, segurou a barra do vestido e o puxou de volta sobre as coxas e joelhos, dando-lhe o conforto que queria.

Sem dizer uma palavra, ele entrou no banheiro e pegou o outro cadáver. Levantando-o por cima do ombro, voltou e jogou-o na pilha de cadáveres.

Então se moveu em direção à cortina e puxou-a para trás o suficiente para olhar para fora. Cansou de matar estes idiotas. Boss não demoraria muito agora, então começou a pensar em sua decisão.

— Você sabe se a minha mãe sofreu? — Perguntou Pepper.

— Eu não sei nada sobre sua morte. Não assisto ao noticiário, não leio jornais. Foi-me dito que tinha um alvo e é por isso que estou aqui.

Ela fungou e ele ficou tenso.

Viper esperava que ela comesse a falar sobre sua mãe morta, esperou, mas não saiu nada.

Retirando sua Glock, verificou outra vez, esperando que a equipe de Boss chegasse. Uma vez que os corpos fossem



eliminados, pegaria a garota e aguardaria novas instruções. Esta era uma situação bastante singular. Nunca esteve com uma mulher esse tempo todo a menos que a fodesse.

Fechou a cortina e percebeu que ela ainda estava olhando para seu colo como se fosse a coisa mais fascinante do mundo.

— Você amava sua mãe? — Perguntou e depois começou a amaldiçoar a si mesmo. Isso não fazia parte de sua descrição de trabalho. Matava. Não fazia perguntas.

— Sim eu amava. Sei que você pensa que é estúpido, mas amava. Quer dizer, amei. — Ela balançou a cabeça. — Ignore-me.

— Seu padrasto a quer morta. Sabe por quê?

— Ele apenas quer o dinheiro da minha família e a herança. Ambos os meus pais eram ricos e sua empresa tornou-se valiosa. Meu pai morreu em um acidente de barco cerca de cinco anos atrás. — Encolheu os ombros. — Então aquele monstro chegou e tudo mudou. Minha mãe apenas queria alguém para amar e ter alguém para amá-la. Não importa. Você provavelmente pensa que é estúpido.

Ele achava. Essa era a pior coisa sobre toda a situação. Não dava a mínima sobre o porquê de ela estar ali, mas não podia deixar de sentir pena dela.

— Sinto muito pela sua perda.

— Obrigada.

O silêncio ficou entre eles. Gostava de silêncio. Quando



havia quietude, permitia controlar tudo e quando era o único responsável, nada de ruim acontecia. Em sua mente, começou a contar. Era a única coisa que tinha. A contagem era algo que foi autorizado a fazer, o que foi treinado para fazer. Sem a capacidade de fazer contas matemática, não podia garantir que foi pago direito.

Por que porra está pensando nesta merda?

Alvo.

Matar.

Dinheiro.

Ir em frente.

Era a vida que liderava há muito tempo e da qual não estava disposto a desistir. Nem mesmo por uma loira curvilínea com olhos azuis cheios de dor. Se ele se concentrasse muito nessa dor, sentiria o desejo de encontrar o bastardo responsável e matá-lo. Era um especialista em tortura e podia encontrar muitas maneiras de manter alguém vivo enquanto o atormentava.



Pepper enxugou as lágrimas. A dor em sua cabeça era excruciante. Até que seu padrasto chegou, a vida parecia ter seguido em frente. Sempre foi ela, sua mãe e pai. Então, quando ele morreu, ficou apenas ela e sua mãe.

As surras, a crueldade, não começaram até que sua mãe



se tornou uma fraca. Sua mãe era linda. Uma alma doce e carismática. Então um dia, pareceu incapaz de formar frases simples, tornando-se fraca, frágil e uma completa carapaça de seu antigo eu. Pouco a pouco, Pepper a observou sem vida. Com a mãe atrapalhada, isso deu àquele monstro a chance de feri-la de todas as maneiras possíveis, exceto uma. Nunca a estuprou e por isso agradecia. Pelo jeito que a olhava, sabia que não gostava dela. Ela era muito grande, muito mulher para ele, tanto quanto estava preocupada. Com a mãe morta, não deixaria ninguém mais dominá-la ou controlá-la.

Precisava lutar.

Negociar com Viper.

Todo mundo provavelmente era capaz de fazer isso e sim, seria mais uma.

— Quanto meu padrasto pagou?

— Isso realmente importa? — Perguntou. Estava de costas para ela e segurava uma arma na mão, pronto para fazer negócios sempre que precisasse. Viu-o quebrar o pescoço de um homem. Realmente não precisava da arma.

— Bem, apenas estou pensando. Ele precisa de mim morta para herdar a fortuna da minha família, certo? Então sou responsável pelo dinheiro. Eu sei que é muito porque sou uma das herdeiras mais ricas por aí. disseram isso na televisão.

— Aonde você quer chegar?

Ela lambeu os lábios e respirou fundo.



— Eu quero pagar-lhe o dobro do que ele pagou para me manter viva.

Viper jogou a cabeça para trás e riu.

— Okay, certo. Assim que receber a ligação de Boss, você está morta.

— Mesmo? Você acha que um homem com absolutamente nenhum dinheiro no nome dele poderá pagar? — Perguntou. — Pense nisso, Viper. Você é inteligente, certo? Ele não é ninguém. Casou-se e matou a minha mãe. Nenhum segundo cônjuge pode herdar. Essa fortuna é minha. Tudo me pertence, a menos que eu morra. Ele está morando na casa da minha família com alguns mil dólares que mantêm no cofre. Mesmo que ela lhe desse os detalhes do banco, não pode acessá-lo. Ele se muda e tenho todos os códigos necessários para conseguir o dinheiro.

Quando seu pai explicou como mantinham a fortuna segura, ela não acreditou. Tudo parecia um pouco forçado, mas novamente, era um mundo moderno. Tinha os códigos e os meios de conseguir dinheiro. Por isso podia fugir. Sabia que tudo o que precisava fazer era entrar em qualquer banco, para conseguir o que queria.

— Por que você não liga para seu amigo? Veja se os fundos foram liberados e se estou mentindo.

Ela descansou a cabeça contra a parede enquanto Viper fazia exatamente isso.

Você não pode estar atraída por ele.



Ele é um monstro assim como o homem de quem fugiu.

Combata isso.

Tenha bolas e lute contra ele.

Ganhe.

— Ei, Boss. Sim, tenho tudo coberto, mas apenas estava me perguntando se aquele dinheiro foi liberado.

Ela não ouviu a resposta, mas viu o aperto dele na arma.

— Bem, a senhorita mimada tem uma proposta. — Viper se moveu em direção a ela e entregou o telefone. — Fale com ele.

— Olá. — Disse.

— Pepper, estou curioso. Como sabia que o dinheiro não seria liberado?

— Ele não tem como acessá-lo. Está quebrado, quem quer que seja. Eu sou a única com acesso. Meu pai, meu avô e gerações mais velhas programaram isso. Certificaram-se que nenhum oportunista pudesse ter o que não lhes pertencia.

— Você me intrigou. O que quer?

— Eu quero ficar viva. Sei que ele me quer morta, mas não fiz nada de errado.

— Eu não estou no mercado de manter as pessoas vivas.
— Suas palavras pairaram no ar e a pouca esperança dela começou a desaparecer. — Mas sou conhecido por mudar de



ideia quando preciso. Apenas porque não é uma especialidade não significa que não possa improvisar. Coloque Viper no telefone.

Ela devolveu-lhe o telefone.

Ao vê-lo falar, Pepper se perguntou se comprou algum tempo. Não estava mentindo. Tinha acesso a esse dinheiro e poderia usá-lo sempre que precisasse. Mas não poderia usá-lo se estivesse morta.

Eu sei que me disse para não fazer nada estúpido quando finalmente herdasse, papai. Acho que sobreviver é uma boa razão para gastar muito dele.

Viper fechou seu telefone.

— Você tem um negócio. Boss vai enviar-lhe os detalhes. No momento em que fizer, irá transferir os fundos e ele será ativado, assim farei tudo ao meu alcance para protegê-la.

Seu celular tocou.

— Eu preciso do meu telefone.

A coisa sobre seu padrasto era que ele parecia ser muito bom em atuar e isso fazia com que todos acreditassem nele. Como um homem legal poderia ser tão mau? Sentiu sua maldade e sabia agora que deveria estar sempre em guarda.

Depois de obter as informações que precisava, Pepper fez as transações necessárias e enviou o dinheiro que garantiria sua segurança. Era hora de lutar contra o idiota



que a estava machucando a mais tempo do que deveria.

Por que deveria simplesmente rolar e fingir estar morta por um homem que não merecia um centavo de sua herança?

O telefone de Viper tocou.

Viper estava perto o suficiente para que pudesse ouvir o outro homem.

— Ela está certa. A porra do alvo está certa. Ele não podia pagar e estava esperando que alguém realizasse o ataque, para o fazer. O filho da puta está jogando um jogo perigoso aqui, Viper. Ele não é inteligente.

— Os fundos dela estão liberados? — Viper perguntou.

— Claro que estão. Salve a garota a todo custo. Ela acabou de nos pagar dez milhões e de acordo com a mensagem que enviou, se conseguir salvá-la, tem mais dez. Mantenha-a viva.

A ligação terminou e Viper fechou seu telefone. Encarou-a do outro lado da sala.

— Você me surpreendeu. Não faz muito tempo estava disposta a morrer.

— Mudei de ideia. — Pensou em sua mãe, em seguida, seu pai. Ele não queria que desistisse, especialmente não para um homem que matou para chegar onde estava.

— Você me surpreendeu e isso foi um elogio. Não me surpreendo com muita facilidade. — Ele sentou-se na beirada da cama, sem tirar os olhos dela.



Lambendo os lábios secos, desviou o olhar.

— Pode me deixar ir agora, verdade?

— Pensei que quisesse proteção? — Perguntou. — Faça como quiser. Você não duraria cinco minutos lá fora. Parece que seu padrasto sabe como fazer as pessoas fazerem o que quer.

— Não é minha intenção fugir. Não sairei do seu lado. — Por que isso de repente pareceu muito sexual? Ela respirou fundo e sorriu. — Quis dizer a estar algemada à cama. Não vou a lugar nenhum. Paguei a vocês muito dinheiro para me manter viva e não desistirei. Quero viver.

Ela não gostou de como seu corpo ficou vivo sob o olhar de Viper. Seus mamilos se apertaram e sua boceta ficou escorregadia, isso era totalmente inapropriado. Havia homens mortos a alguns metros de distância. Homens que queriam matá-la, drogá-la e fazer com que sua morte parecesse um suicídio. Totalmente não era uma ideia original.

Ficou tensa quando se levantou e avançou em sua direção. Para ele, eram apenas alguns passos curtos. Se fosse ela, seria um pouco mais. Era muito maior. Apertando os dentes, tentou não demonstrar a reação de seu corpo com a proximidade.

Está tudo bem.

Ele é apenas um bonito e sexy estranho.

Que está protegendo você do seu padrasto insano.

No momento em que sua mão tocou a dela, seu corpo



inteiro se sentiu vivo como se fosse despertado pela primeira vez. Abrindo os olhos, que magicamente estavam fechados, encontrou-o apenas a um centímetro de distância, olhando-a diretamente.

Seu olhar foi para seus lábios? Ele queria beijá-la?

Droga. Ela não escovou os dentes. Seu rosto doía também. E se a beijasse e ela odiasse por causa da dor?

Cale a boca e apenas aceite o beijo.

O beijo não aconteceu. Ele se afastou e voltou para janela. Olhando para baixo, viu que soltou as algemas e as colocou em seu colo. Foi tão gentil quando a tocou, que nem percebeu que a libertou.

Os homens nunca foram bons para ela. Empurrou todas as más recordações à distância. Pepper não precisava se lembrar do inferno que sofreu nos últimos meses.

— Acho que sua mãe se foi pacificamente. — Disse ele.

— Como? Você disse que não sabia.

— Eu tenho maneiras de obter informações. Ela se foi tranquilamente em seu sono, assim não precisa se preocupar com isso.

— Obrigada. — Disse. No fundo, sabia que ele não tinha as respostas reais. — Isso é novo para você?

— O que?

— Salvar seus alvos? Sabe, a mudança de missão ou o que quer que seja que isso? — Perguntou.



— Você é o primeiro alvo que tenho que proteger. Olha, não espere muita conversa comigo. Isso não acontecerá.

Quando ele olhou em sua direção, com a luz da lua lançando um brilho no quarto, viu suas cicatrizes pouco antes dele virar a cabeça.

— Como você conseguiu suas cicatrizes?

Ele não moveu um músculo nem disse nada. Seu olhar não estava nem nela, mas na rua agora. Nada sobre sua postura, seus pensamentos ou mesmo se ouviu a pergunta.

— A equipe de Boss está aqui. — Disse.

Em poucos minutos houve um estrondo na porta, então não havia tempo para dizer mais nada.





CAPÍTULO

QUATRO

A equipe de limpeza foi sua salvação. Ele não era bom com situações emocionalmente tensas e quanto mais conversava com Pepper, mais dava um jeito de enfraquecê-lo. Seria muito mais fácil se não desse a mínima para ela, mas por alguma razão dava. Seria sua inocência? O fato de que não pertencia ao seu mundo preto e branco? Talvez, fosse a maneira como o excitava sem nem mesmo tentar? Qualquer merda que fosse precisava ser homem e superá-la antes que o destruísse.

— Como estão as coisas, Viper? — Spade entrou no quarto, com um saco de lixo preto pendurado em seu ombro. Lola seguindo atrás dele com um esfregão e um balde.

— As coisas poderiam estar melhores. — Viper respondeu. — De qualquer maneira, são apenas esses três lá. Um disparo.

Havia várias pessoas que faziam a limpeza, dependia da localização. E ele normalmente era limpo, sem sangue, mas quando viu aquele idiota colocar suas mãos em Pepper, se perdeu.



— Quem é a garota? — Lola perguntou.

— Não se preocupe com ela. — Falou. Pepper olhava tudo de seu lugar na cama, sem falar uma palavra. Parecia um peixe fora d'água. Ele imaginava que a *Senhorita Chique* estivesse mais acostumada com festas de chá e clubes de livro. Agora lutava por sua vida num dos piores quartos de hotel que já viu em muito tempo.

— Se você quiser dar o fora, nós terminaremos rapidinho. — Spade falou.

— Boss não virá?

Spade balançou a cabeça.

— Ele me enviou o endereço por mensagem.

Viper com certeza não ficaria parado neste hotel. Já matou três homens e não tinha dúvida que mais sairiam da toca. Quando dinheiro estava envolvido, todos os agentes livres apareciam para o prêmio. Já estava tarde, era a hora de que a escuridão lançasse uma sombra sobre o submundo do crime. Seria uma confusão com a morte de Pepper como prêmio. O trabalho de Viper não era simples, precisava protegê-la de todos os bichos papões.

— Esta é a garota dos noticiários, não é? — Lola perguntou. Viper não percebeu que ela foi em direção à cama. Lola tocou o cabelo dela indiferente. — Eu não vejo o porquê de tanto alardio.

Ele não queria parecer preso ao seu alvo, então ignorou o comportamento de Lola.



Spade estava ocupado com os corpos. Ele era grande e forte, um homem meio sem noção, mas Viper apreciava alguém que fazia seu trabalho com profissionalismo e pouca conversa.

Lola abriu o zíper de sua jaqueta e jogou no sofá. Por baixo, usava um macacão preto apertado.

— Esperava ter que *limpá-lo*, quando Boss ligou. — Ela falou, aproximando-se dele. — Faz muito tempo, Viper. — Falou, arrastando um dedo por seu peito.

Ele não se moveu e nem se abalou. Viper não era o tipo de homem que caía nas artimanhas de uma mulher. Lola estava profundamente enraizada ao estilo de vida que tinham, com uma reputação que combinava e não gostava de misturar negócios com prazer. Além disso, não era seu tipo.

— Você precisa tomar conta dela durante toda a noite ou pode ficar longe por um tempo? — Ela perguntou, olhando-o com antecipação. Viper não era um santo. Se estivesse de bom humor, fodia qualquer mulher disposta. Mas por que se contentaria com uma cadela magra com peitos falsos quando tinha uma mulher de verdade apenas alguns passos de distância? Claro, o fato de Pepper ser virgem e o odiar não ajudava.

— Nós já estávamos saindo. — Viper falou. — Spade, este endereço é *tenso*, então tome cuidado.

— Sempre.

Viper moveu um dedo e sinalizou para Pepper andar. Ela



fez um amplo arco ao redor dos corpos e caminhou em sua direção, mancando levemente.

—Pronta para ir? — Perguntou.

Ela assentiu. Ele conseguiu sentir seu desconforto enquanto caminhava ao seu lado. Porra, Pepper era linda!

Lola cruzou os braços, olhando-a com pura maldade.

— Eu conheço Viper e acredite, ele não a quer. Você é apenas um trabalho.

— Eu pedi para falar por mim? — Perguntou.

— Estou errada?

— Cuide de sua vida. — Viper já estava cansado deste jogo. — Você não tem um trabalho para fazer? — Precisava sair desta droga de cidade minúscula, antes que mais mercenários aparecessem.

— Eu posso poupar uma dor de cabeça. — Lola falou. — Quer que eu a adicione na contagem dos corpos? Sem nenhum custo extra, para você. — Puxou a barra do vestido de Pepper, fazendo-a ofegar.

Surpreendeu-se quando ela se agarrou a ele por segurança, os pequenos punhos apertando sua camisa. O avanço rápido pegou-o desprevenido. Gostou do fato de Pepper automaticamente procurá-lo por proteção e não apenas porque estava sendo pago para fazê-lo.

— Você está começando a me irritar, Lola. Não é inteligente fazer isso. — Ele colocou a mão nas costas de



Pepper, levando-a para a entrada. — Fique perto de mim, ok?

Eles deixaram o quarto de hotel. O motorista da equipe de limpeza estava com o carro ligado, os faróis baixos iluminando o concreto antigo. Estar fora, ao ar livre deixou Viper no limite. Olhou os telhados, as ruas e assumiu que cada transeunte era um suspeito.

O poste em frente ao hotel piscava na escuridão, chamando os insetos para luz. Ele andava rápido, procurando um bom carro para pegarem a estrada. Pepper tentou acompanhar, mas estava claro que tinha uma ou duas lesões. Não havia tempo de parar e verificar se estava bem, não até que estivessem em um lugar seguro.

— Quem eram essas pessoas? — Ela perguntou.

— Equipe de Limpeza.

— Aquela mulher não gosta muito de mim.

Viper riu.

— Ela estava apenas com ciúmes. — Abaixou-se para olhar na janela do passageiro de um Ford Mustang. *Perfeito.*

— Por que estaria com ciúmes de mim? Ela é tão perfeita.

Ele arrombou a fechadura, abriu a porta e sentou-se no assento do passageiro para fazer uma ligação direta.

Quando o motor ronronou para vida, passou para o banco do motorista.

— Vamos lá, entre.



Pepper se sentou no banco do passageiro e fechou a porta. Apenas o brilho suave do painel cortava a escuridão.

— Você não me respondeu. — Falou. — Por que ela estaria com ciúmes?

Ele sabia que Pepper era esperta, mas para uma menina rica e mimada não era muito inteligente. Viper virou-se levemente.

— Lola gosta de ser o centro das atenções. Ficou irritada por eu estar mais atraído por você do que por ela.

— Por que ela acharia isso?

Ele estreitou os olhos. *Sério?*

— Porque é a verdade.

Seus lábios se separaram quando ela entendeu o que disse. Pela primeira vez ficou sem palavras. Viper apertou o acelerador e conduziu seu novo carro para a estrada.

À medida que colocavam distância entre eles e a pequena cidade turística, as ruas ficavam mais desertas. Uma leve garoa e nuvens cobriam a lua e as estrelas. A estrada, a escuridão e o silêncio eram seus únicos companheiros fiéis ao longo dos anos. Às vezes, ele se permitia pensar, imaginar como sua vida seria diferente se sua infância fosse normal. Aos trinta e quatro anos, provavelmente estaria casado e com algumas crianças. Trabalharia como contador ou talvez com algo que usasse as mãos.

Era difícil visualizar isso e quase impossível se imaginar



dando e recebendo amor. Apenas a ideia de ter uma família o sufocava. Por que iria trocar sua liberdade, viagens sem fim e suas habilidades por uma única mulher?

Por mais que odiasse seu passado, talvez tudo estivesse destinado a ser no grande esquema das coisas. Não havia nenhuma maneira dele ser um homem de família, vivendo nos subúrbios e sorrindo para os vizinhos imbecis quando colocam o lixo para fora. De jeito nenhum.

Seus pensamentos o traíam. Viper ligou o rádio, os graves profundos da música criaram uma atmosfera de intimidade, então desligou o som com a mesma rapidez. O que estava acontecendo com ele? Se pudesse voltar alguns dias no tempo, diria a Boss para pegar essa merda de tarefa e enfiar no rabo dele. O que era para ser um trabalho rápido, um golpe limpo, estava agora revirando sua vida.

Viper pensou em parar em outro hotel discreto, pagando em dinheiro, mas o humor dele ficava particularmente vulnerável, por isso precisava de um território familiar para voltar a focar. A paisagem sombria não pareceu mudar durante a longa viagem, como um disco de vinil tocando repetidas vezes.

Em sua visão periférica, notou Pepper se abraçando e esfregando os braços para cima e para baixo. Era a primeira vez que movia um músculo em quase uma hora. Ficou olhando fixamente para nada e ele se perguntou se estava em choque.



— Você está com frio?

— Esqueci meu suéter.

Era um dos verões mais quentes já registrado, então não entendia o problema.

— Você sempre pode comprar outro. Lembre-se, *é uma das herdeiras mais ricas do mundo*.

— Pode parar com isso, por favor? — Respondeu. — Eu sei que acha que sou uma cadela rica que não vale a pena salvar, mas não me conhece. Dinheiro não é igual à felicidade. Eu trocaria tudo apenas para ser aceita.

— Pensei que sua mãe a amasse.

— Claro que amava. Mas isso não muda o fato de que era a ovelha negra para todos os outros. Não era divertido ser a garota gorda que ninguém queria nas fotos. E não era imune aos sussurros também. Você não sabe como me senti.

— Por que acha isso?

Ela o encarou, seu cabelo loiro caindo de lado.

— Olhe para você.

Ele encolheu os ombros.

— Você acha que tive uma vida fácil?

— Tanto faz.

Viper abafou um rosnado. Esta garota era impossível.

— Eu posso ligar para a equipe e pedir para eles pegarem a porra do suéter. Isso a deixaria feliz?



A cidade surgiu à distância. Um infinito mar de luzes na escuridão do campo. Ele não era de criar raízes, mas a maior parte do tempo nos últimos três anos foram passados no mesmo condomínio no centro da cidade. Era seu porto seguro e o mais perto de uma casa que um homem como ele poderia esperar ter.

— Eu não me importo com o estúpido suéter! — Ela gritou, pegando-o desprevenido. Desviou para fora da pista por um momento. — Caso não tenha notado, eu não sou exatamente um prêmio perfeito, então me sinto mais confortável quando estou coberta.

Viper pisou no freio e saiu para o acostamento da estrada. Os pneus fizeram barulho ao longo do cascalho até parar totalmente. A garoa de antes se tornou uma chuva leve e constante. A falta de postes deixava tudo em uma completa escuridão, a única luz sobre eles era o brilho da cidade distante.

— Qual é a porra do seu problema? — Perguntou. — Você está preocupada em me mostrar um pouco de pele? Acha que vou julgá-la?

— Deixe-me em paz. — Falou com sua paciência se esgotando. Pepper soltou o cinto de segurança e se afastou dele.

— Oh não, você não vai sair. — Ele puxou seu ombro, forçando-a se virar. — Ouça aqui mocinha, não acho que você seja gorda. E não acho que precisa esconder seu corpo e os idiotas que colocaram essa ideia em sua cabeça podem se



foder. — O que estou fazendo? Sabia que era um erro se envolver nessa conversa, mas não conseguia evitar.

— É a verdade.

Ele segurou a bochecha dela e ela se contorceu com o contato. Isso o lembrou de que precisava verificar suas lesões assim que chegassem a sua casa.

A respiração pesada e o zumbido suave do motor eram os únicos sons dentro do carro estacionado. Sua pele era aveludada e teve o cuidado de não acrescentar muita pressão com a mão. Nada em Viper era suave. Tudo em sua vida era danificado, mas Pepper era como um raio de sol loiro em seu mundo de outro modo sombrio.

— Eu já disse por que Lola estava com ciúmes, certo?

— Ela apenas me odiou, estou acostumada com isso.

— Porra, você é teimosa. — Teria que soletrar antes que acreditasse que ele poderia se sentir atraído por ela. Pepper era como sua criptônita e exigia toda sua força de vontade para se comportar e manter a mente no trabalho. — Olha, você não precisa se esconder. — Passou as costas de seus dedos pelo comprimento de seu braço nu. — Eu acho que você é perfeita. Perfeita demais para mim, isso é verdade. — Afastou-se, respirando fundo. Quando esse trabalho terminar, Pepper teria toda sua vida pela frente. Viper apenas iria arrastá-la para baixo, preenchendo sua vida com escuridão. A coisa mais decente que poderia fazer era manter a distância, mas sempre foi um bastardo.



— Pare de zombar de mim. — Pepper empurrou-o, em seguida, abriu a porta do carro, pisando no chão lamacento. Ele olhou em choque quando ela começou a correr pela noite. Porra!

Viper não se inscreveu para isso. Ele a perseguiu, alcançando-a facilmente. Lançou-se para frente, envolvendo um braço ao redor da cintura dela para fazê-la parar. Pepper lutou, mas ele ignorou seus protestos, levando seu corpo de volta para o carro.

— Acho que precisamos das algemas novamente. — Disse.

Ele colocou-a de pé e prendeu-a com seu corpo contra a lateral do carro. A água da chuva descia por seu rosto enquanto ela olhava. Ela se contorceu e reclamou. Queria matá-la. Tudo o que conhecia era a matança. Seria tão fácil estrangulá-la no silêncio. No belo silêncio. Mas esta pequena loira com uma péssima autoestima era sua fraqueza. E não queria que morresse. Cada célula do seu corpo exigia que resistisse ao instinto assassino, protegesse-a do mundo e de si mesmo.



Pepper estava uma bagunça. Estava muito cansada, estressada, com medo e sua autoestima estava mais baixa que o normal, sem mencionar que sua absurda atração por Viper ficava cada vez maior. Quando Lola tocou Viper no



hotel, algo queimou dentro de Pepper. Era ciúme, puro, ardente e potente. Não ajudou que Lola parecia uma capa de revista e Pepper fosse simples e rechonchuda. Deus, queria que Viper a desejasse. Por mais estúpido que isso parecesse, era tudo o que a consumia no momento. Quando começou a dizer-lhe quão perfeita era, doeu. Se alguém era perfeito, era o Adônis musculoso olhando-a como se fosse um problema a ser resolvido. Ela era tudo, menos perfeita, então estava sendo um idiota ou queria sua virgindade.

— Por Deus, Pepper...

— Saia de perto de mim!

— Porra, como estou zombando de você? Dizendo que é perfeita?

— Sim, porque nós dois sabemos que é mentira.

Ela mal conseguia lutar, o corpo duro como pedra estava apertando-a contra o carro. Viper prendeu os pulsos dela com seus punhos de ferro nas laterais de sua cabeça. Seus seios foram empurrados para cima. Ele esperou que Pepper perdesse a força. Parte dela esperava que batesse nela como seu padrasto fez. Como podia um assassino ser tão controlado?

— Ouça, estou molhado, cheio de lama e usando todo meu controle para não fodê-la aqui e agora. Estou tentando ser um cavalheiro, mas você não tem ideia das coisas que gostaria de fazer, começando com esses lindos seios. — Seu pau pressionou contra seu estômago, provando suas



palavras.

Pepper congelou, suas palavras sujas repetindo-se uma e outra vez em sua cabeça. Ele era tão direto e sem tabus. E aqueles malditos olhos negros, olhavam-na como se fosse algo para comer e gostava disso.

Desta vez, soltou suas mãos e se inclinou para sussurrar em seu ouvido.

— Estive com muitas mulheres. Elas não significaram nada para mim. — Respirou fundo no seu pescoço. — Você... você me deixa louco. E odeio estar fora de controle.

— Viper...

Ele lambeu o rastro de água da chuva em seu rosto e ela estremeceu, apoiando as mãos em seu bíceps. Mesmo através de sua jaqueta de couro, podia sentir a força de seus músculos.

— Se acha que estava atraído por Lola, está errada. Eu sou um homem grande e preciso de curvas, você tem mais do que o suficiente para me manter satisfeito.

Ela ofegou.

Viper passou a mão por seu cabelo liso, então puxou um punhado, movendo sua cabeça para o lado. Ele passou a língua sobre os dentes, uma necessidade feroz em seus olhos.

— Nunca beijei uma mulher.

— Como isso é possível?

— É muito íntimo. Eu apenas fodo.



Ela seria diferente? Viper poderia mudar por ela? Mesmo um mercenário ansiava por amor, não? Pepper sabia que havia mal no mundo, mas via bondade nele. Podia não acreditar nisso, mas viu algo dentro dele que valia a pena salvar.

Viper estendeu o braço, apontando para o banco do passageiro. Quando ela se sentou, sua boceta estava dolorida. Qual era seu problema? Pepper estava tão ferida que provavelmente concordaria com qualquer coisa que Viper sugerisse. Agora se sentia como uma idiota. Uma idiota com tesão.

Quando a porta do lado do motorista se fechou, ele pisou no acelerador, destruindo o silêncio.

— Estaremos em nosso local em vinte minutos. — Disse, com naturalidade.

— E onde é isso?

— Meu condomínio. Você pode dormir um pouco e tomar banho. — Ele voltou para a estrada deserta, passando pela superfície escorregadia, sem tirar os olhos do para-brisa. O pensamento de estar no domínio privado de Viper, em sua cama, não ajudava em sua situação desconfortável. Tudo o que podia sentir era o cheiro de chuva misturada com couro e colônia almiscarada. Pepper percebeu que seus pensamentos não estavam mais focados em se manter viva. Estava mais preocupada com algo muito perigoso, apaixonar-se por um assassino.





CAPÍTULO

CINCO

Nunca em todos os anos em que foi um mercenário trabalhando para o *Killer of Kings* levou alguém, seja homem ou mulher, para sua casa. Viper estacionou na garagem subterrânea segura. Este condomínio era uma fortaleza, portões seguros, estacionamento, vidros à prova de balas e tantas fechaduras que eram mais resistentes do que Fort Knox¹. Certificou-se de que sempre que não estivesse trabalhando, possuísse um lugar que significasse segurança e isto era o que tinha.

Segurando a mão de Pepper, ele foi até o elevador e observou sua segurança. Na entrada precisava de impressão digital, um código de dez dígitos e até mesmo uma gota de sangue. Sim, era paranoico, mas também sabia o quão obstinados alguns mercenários ficavam quando um ataque era ordenado. A qualquer momento, poderia aparecer alguém e esta era sua proteção. Claro, também fazia questão de não irritar ninguém, mas quando se tratava de dinheiro, a maioria das pessoas era gananciosa.

1. Uma pequena cidade americana e base d Exército dos EUA, localizada em Kentucky, ao longo do rio Ohio. Abriga importantes unidades de treinamento e comando de recrutamento do exército.



Tudo o que tinha que fazer era se lembrar como se reuniam para matar. Apenas pensar nos homens e mulheres que estavam atrás de Pepper, fez com que apertasse sua mão ao redor dela. Ela estremeceu.

— Você está me machucando.

E ele rapidamente a soltou. Sua força era seu maior inimigo.

Treinando por anos, apenas aprendeu a ficar mais forte e ao seu lado estava uma princesinha preciosa e não queria dizer isso no sentido depreciativo. Era uma garota doce e via bondade em seus olhos. De volta ao quarto de hotel quando Lola a estava assustando, aproximou-se dele. Nem sabia que entre os dois, ele era o maior monstro.

— Desculpe. — Disse chupando o dedo para se livrar de seu sangue. Eles ficaram no elevador e viu como ela estava pálida. — Você está segura aqui.

— Você tem tanta segurança, até mais do que minha família. É um pouco... reconfortante.

— Mas isso a assusta?

— Não assusta você?

Ele colocou uma mão nas suas costas, desejando que não houvesse nenhum tecido entre eles. O súbito desejo de vê-la nua, de tê-la curvada sobre o balcão mais próximo ou encostada na parede era forte. Apertando os dentes, controlou seu desejo e felizmente, o elevador abriu.

— Na minha linha de trabalho, você percebe o risco que



corre e toma precauções. Se todo mercenário fosse esperto, teriam uma casa exatamente como a minha.

— É um mundo perigoso no qual vive.

— Matar ou morrer. Prefiro ser aquele que mata.

— Não sente remorso?

— A maioria das pessoas que matei eram pessoas más.

— continuou andando, mas ela parou e ele se virou de volta.

— Eu não sou uma pessoa má. Nunca fiz nada mal para ninguém em toda a minha vida.

Ele viu as lágrimas brilhando em seus olhos e sabia que isso era um choque. Pepper era uma mulher normal, uma mulher rica e normal. Nunca viveu uma vida como a dele.

— É um homem ganancioso que quer me matar. Quantos tipos de pessoas como eu você matou? Pelo preço certo?

Pela primeira vez em sua vida, Viper não gostou de ser julgado. E ela nem o estava julgando. Tudo o que fez foi uma simples pergunta.

— Eu não falo sobre as coisas que fiz ou como fiz. Vamos lá, você está sofrendo e quero ver o dano. — Pegou sua mão e a levou em direção ao banheiro. Com estava mancando, desacelerou para que não a incomodasse.

Toda sua vida ele conheceu a dor. Era para isso que foi treinado, para caçar, matar e nunca fazer perguntas.

— Você tem algum livro? — Pepper perguntou. — Eu



não vejo nenhum.

— Não.

— Oh, eu amo livros.

Claro que sim.

— Deixe-me adivinhar, romance.

— Não há nada de errado em gostar de um pouco de romance. — Disse. — Isto me deixa feliz.

— Romance é apenas um monte de mentiras.

— Como você sabe? Aposto que nunca leu um.

— Eu nunca li nenhum livro. — Disse, entrando em seu banheiro grande. Amava o luxo, o espaço e em todos os lugares de sua casa, havia algum tipo de arma ao seu alcance.

Ele a levantou no balcão e ela soltou um grito. Depois de acender a luz, deu uma boa olhada na contusão.

— Estou bem.

— Você não está bem. Está sofrendo. — Segurou o queixo dela e virou-o para um lado e para o outro, resmungando baixinho. — Aquele primeiro cara realmente fez um belo trabalho.

Ela tocou seu rosto e estremeceu.

— Doeu.

— Sim, não há muito que possamos fazer com seu rosto. — Passando os dedos por seu braço, ele olhou para onde os homens queriam injetá-la. Não havia uma única



marca em sua pele, por isso estava agradecido. Apenas o pensamento daqueles animais colocando esse lixo em suas veias o deixou irritado. Deveria ter tomado tempo para torturá-los adequadamente. — Eles não chegaram até você.

— Foi por pouco.

— Eu sei. Não teria deixado realmente colocarem essa merda nas suas veias.

— Como iria me matar então? — Perguntou.

— Hã?

—Eu preciso morrer de causas naturais. A overdose de drogas parece natural. A culpa de uma filha ao perder a mãe e não estar lá. Como teria me matado?

— Eu não pensei sobre isso. — Ele mentiu. Não iria dizer a ela que pretendia drogá-la, colocá-la no banho e cortar seus pulsos.

Ela riu.

— Uau, apenas iria chegar perto e o que?

— Há maneiras de matar você que não vêm de uma overdose, uma surra ou um assalto. Além disso, não tenho intenção de matá-la... agora. — Ele não precisava dela pensando coisas que não eram verdade.

Ajoelhando-se no chão, ele levantou a saia e tocou seu tornozelo. Notou que estava mancando. Passando os dedos ao redor de seu tornozelo a ouviu estremecer. Se estivesse quebrado, não poderia ficar de pé sobre ele, então sabia sem sombra de dúvida, que estava torcido. Abrindo



seu tênis, lentamente o tirou e jogou de lado.

— Você precisa tomar um banho e sair dessas roupas. Se estava fugindo, por que usou seu próprio nome? — Perguntou.

Ela encolheu os ombros.

— Eu não sabia que ele estava me procurando. Não queria ficar na casa onde me machucou. Quero que seja preso e a chave jogada no oceano ou algo assim. Matou minha mãe. Desde que entrou em sua vida, sua saúde declinou sem motivo. Houve muito mais que eu vi. Eu sei que ele fez isso.

Viper soltou o outro tênis e jogou-o de lado também. Ele se levantou e tirou a camisa.

— Primeiro de tudo princesa, ninguém está investigando a morte de sua mãe. Foi completamente natural. Você não sabe se a matou.

— Para sua informação, peguei-o dando a ela água sanitária. Eu o vi fazer isso e quando tentei pará-lo, disse que ninguém acreditaria em mim. Por que você está se despindo?

— Você precisa tomar banho. Está ficando tarde. Comida e sono são o que tenho em mente. Não pode ficar de pé com este tornozelo e no momento, não confio em você. Tenho a sensação de que entrará em algum tipo de missão para colocar seu padrasto na cadeia. Apenas uma palavra de advertência, todo mundo está procurando-a, não apenas ele.

— Eu quero que ele sofra. — Disse ela. — Tirou tudo de



mim.

Ajudou-a descer do balcão e começou a puxar o vestido. Ela segurou o tecido e balançou a cabeça.

— Você quer ficar cheirando mal? — Perguntou.

— Ninguém me viu nua antes.

Suas bochechas tinham um lindo tom de vermelho e ele sorriu.

— Eu prometi cuidar de você, então não tem nada a esconder de mim.

Ela lutou contra ele por mais alguns segundos, então finalmente desistiu. Gostava que ainda tivesse força dentro dela. Para sobreviver, precisava trabalhar o seu desejo de viver. Já sabia como Pepper se via e achava muito triste. Era uma mulher linda que acreditava não ser.

Machucava-o ver que ela acreditava ser uma pessoa horrível e feia, o que não era. Quando a olhava, apenas via beleza e um espírito forte. Estava ferida, mas no fundo era uma lutadora.

— Mas estarei nua.

— Então, ficaremos ambos nus. — Puxou o vestido para cima sobre a cabeça e deixou cair no chão. Havia algumas contusões nas costelas e avaliou o dano. Pepper teve muita sorte. Não havia nada quebrado, mas doeria por algumas semanas. — Você ficará bem.

— Como irá me manter viva? — Perguntou. — Ele



contratou muitas pessoas para me matar.

— Boss cuidará disso. Neste momento, você está comigo e essa é a sua melhor chance de se manter viva. — Ele alcançou atrás dela e soltou o fecho do sutiã. Aqueles seios gloriosos saltaram livres. Mais do que qualquer outra coisa, queria segurar aqueles seios grandes nas mãos, mas em vez disso, ajoelhou-se a seus pés e ajudou a tirar a calcinha.

A boceta dela parecia lisa de tão claro que seus pelos eram. Ele queria prová-la e ter aquelas lágrimas se transformando em gritos de prazer.

Ainda não.

Ligou o chuveiro, esperando a água esquentar.

Então a pegando, levou para o box, deixando-a dentro. Ela estremeceu quando colocou pressão no pé. Odiava vê-la com dor.

— Segure-se em mim. — Disse.

— Estou bem. Ficarei bem.

— Eu vou ajudá-la, quer você goste ou não. Segure-se em mim agora. — Segurou sua cintura.

Pepper colocou as mãos nos ombros dele e Viper adorou. Amava suas curvas suaves. Comparado a ele, era suave e leve. Pela primeira vez em sua vida, queria experimentar o mesmo tipo de sentimento, ser suave.

— Isso é muito estranho. — Disse ela.

— O que?



— Você é o primeiro homem a me ver nua e não sei se deveria ficar envergonhada ou não porque ainda está com seu jeans.

Ele sorriu.

— Isso é fácil de lidar. — Em poucos segundos estava nu. Manteve sua boxers porque não queria deixá-la embaraçada por ficar *muito feliz* perto dela. Seu pau estava duro. — Isso é o que você faz comigo. Esperava poupá-la de qualquer desconforto, mas estou muito feliz por ficar nu com você no chuveiro.

Ela ofegou e ele riu.

Seu olhar foi para o rosto dele.

— Mas sou gorda.

— Eu acho que você é linda e começo a pensar que seu traseiro gostoso precisa de uma boa palmada. Pare de se chamar de gorda. Não é muito atraente.



Pepper não podia acreditar que estava no chuveiro com um homem e ele tinha uma ereção. Seu pau estava tão perto que quase roçou seu estômago com a ponta. A dor em seu tornozelo não a ajudava a se concentrar em outra coisa além de seu pau.

Esse homem era um assassino. Precisava se lembrar



disso.

Toda vez que estava em seus braços, sentia-se segura.

Ele a protegeu, mesmo contra aquela mulher na droga daquele hotel.

— Você traz todas as pessoas que precisa para salvar aqui? — Perguntou.

— Não. Está é a minha casa. Você é a primeira pessoa aqui.

— E quando, sabe, quer uma mulher para uma noite? Você é casado? — Merda e se ele tivesse uma namorada?

— Eu não tenho ninguém. Tudo que preciso é de uma parede dura quando quero uma foda. Há putas, classe alta e classe baixa, para isso.

— Oh.

— Não se preocupe. Estou limpo e não tenho doenças. Uso preservativos e depois de qualquer momento de fraqueza, faço o teste.

— Então você fica duro para qualquer mulher? — Perguntou.

Ele a girou, de frente para a parede. Colocou as mãos no azulejo e ela viu quando pegou o sabonete.

— Você acha que meu pau está duro apenas porque você é uma mulher?

— Eu...

— Não comece, não quero ouvir essa porcaria. Meu pau



está duro porque acho você muito atraente e se precisa saber, Pepper, neste momento quero colocá-lo dentro de sua boceta e reivindicar essa pequena cereja para mim.

Ela ofegou quando as mãos dele tocaram seu estômago. Suas mãos estavam cobertas de sabonete e gemeu quando começou a acariciar seu corpo.

— Estes seios, por exemplo. — Segurou-os. — São tão grandes que poderia vê-los balançando e implorando para serem chupados enquanto estivermos fodendo. Você tem mamilos grandes e adoro quando minha mulher tem algo para eu segurar. Posso apertar seus seios enquanto fodemos com força. — Então, pressionou seus seios juntos. — Posso pensar também em como seria bom ter meu pau penetrando aqui, com sua língua lambendo a ponta. — Ela soltou um gemido. — Porra, em breve verei o quão bom é.

Ela não podia acreditar que ouvia isso. Era insano, totalmente, completamente insano, mas não conseguia se afastar, nem queria. Conhecia esse homem há algumas horas, no entanto, sentia-se atraída por ele.

Soltou os seios dela e moveu as mãos pelo estômago, indo entre as coxas. Pepper gritou quando tocou sua boceta. O dedo penetrou em sua fenda e quando tentou soltar a parede de azulejos, ele ordenou que não o fizesse. Não podia resistir, mesmo se quisesse.

As mãos dele em seu corpo pareciam tão certas e não queria que parasse. De modo nenhum.



— Você está molhada, Pepper. — Seus lábios roçaram o pescoço e ela fechou os olhos, amando o jeito que a tocava. — Não se preocupe, não vou reivindicar sua pequena cereja ainda, mas você e eu sabemos que é apenas uma questão de tempo antes que ela se torne minha. — A mão em seu quadril deixou seu corpo e com os sons vindo dele, estava acariciando seu pau enquanto dava prazer a ela.

Dois dedos acariciaram seu clitóris.

— Nenhum homem a tocou aqui? — perguntou.

Ela balançou a cabeça.

— Não.

— Bom. Nenhum homem jamais tocará além de mim. Este corpo, você, agora tudo pertence a mim. — Chupou a pulsação em seu pescoço, criando tantas sensações. — Você está tão perto, não está, baby? Tão perto de gozar em todos os meus dedos.

— Viper? — Ela não sabia o que estava acontecendo ou como controlá-lo. Estava um pouco assustada e totalmente fascinada pelo poder dele.

— Goze para mim, Pepper. Você não será julgada por isso. Precisa disso e quer. Solte-se. Aproveite.

Ela apertou as mãos na parede e gritou seu nome enquanto o prazer se transformava em um orgasmo que nunca sentiu antes. Houve muitas noites em que se tocou, na esperança de encontrar aquele pico sobre o qual leu, mas sem conseguir. Isso foi algo completamente diferente. Por



alguns segundos, saiu completamente da terra, onde nada importava.

Atrás dela, ouviu Viper grunhir e algo quente caiu em suas costas, logo nenhum deles pode falar por vários segundos. O prazer começou lentamente a desvanecer-se. Pepper não sabia o que esperar. Não se sentia culpada, apenas feliz. A água caía em cascata ao redor deles e Viper pressionou um beijo em seu ombro.

— Você fica ainda mais linda quando goza. — Disse.

— Foi isso que você acabou de fazer? — Perguntou.

— Sim. Você não pensou nem por um segundo que não tomaria algo para mim, verdade?

Ela riu.

— Você é um homem que pega o que quer.

— Eu sou e agora, quero comida. — Ele desligou o chuveiro e foi como se a realidade se estabelecesse. Este não era um homem que ela conheceu em termos normais. Era um homem que contratou para ajudar a salvá-la.

— Você acha que teria me matado? — Perguntou.

Pepper segurou a parede quando ele saiu do chuveiro, pegando uma toalha. Viper secou seu corpo marcado e forte. Nunca pensou que poderia se apaixonar por um homem tão rude, no entanto, não conseguia pensar em mais ninguém. Os garotos com quem cresceu sempre fingiam serem homens. Não os aguentava por mais que alguns minutos.

— Nós nunca saberemos. — Ele



segurou a toalha contra o corpo dela e antes que pudesse protestar, já estava secando-a. Notou que mantinha a maior parte do peso de seu pé e sentia-se grata por isso. — Está com fome?

Em resposta, seu estômago roncou.

Viper riu.

— Vou conseguir comida. — Levantou-a e levou-a para seu quarto, onde a colocou na cama.

Em poucos segundos, vestiu uma calça de moletom e entregou-lhe uma camisa e uma cueca boxer. Ele a ajudou a se vestir antes de irem para a cozinha.

— Eu posso ajudar. — Disse quando a deixou em uma cadeira no balcão.

— Seu tornozelo deve estar a machucando. Posso cozinhar. Eu faço isso há muito tempo.

— Vai me dizer algo sobre você? — Ela perguntou, curiosa sobre esse homem que a salvou, tocou-a e poderia tê-la matado.

— O que você quer saber?

— Há quanto tempo você é assim? — Perguntou. Passou os dedos pelos cabelos, tentando se livrar de alguns nós.

Viper fez uma pausa e a olhou.

— Sempre.

— Sempre? O que sua família acha disso?

Com cada palavra que ela falava, Viper ficava tenso,



suas costas rígidas.

— Eu não tenho família. Esta é a vida que sempre conheci e da qual nunca poderei escapar. E você? Como era sua família? — Ele perguntou.

— Oh, bem, era divertida. Ao contrário de algumas crianças, não fui enviada para o internato. Fui para uma escola particular, o que ainda era realmente assustador agora que penso sobre isso. Escola de crianças ricas, acho que é assim que algumas pessoas chamam. Você não tem família?

Viper fechou a geladeira e se virou para ela. Estava prestes a falar quando seu celular tocou. Pegou o celular, ligando o alto-falante para que ela pudesse ouvir a conversa.

— Eu entendo que você está no seu lugar seguro? — Boss perguntou.

Ela reconheceu a voz.

— Estamos seguros e ela está viva. Está machucada e com um pouco de dor, mas, além disso, seus ferimentos não são fatais. — Disse Viper.

Suas bochechas se aqueceram quando olhou para o corpo dela. Ela se lembrou da sensação de seus dedos em sua boceta no chuveiro.

— Bom. Parece que seu padrasto cabeça-dura lançou uma recompensa mundial.

Viper amaldiçoou.

— O que isso significa? — Perguntou.



— Quer dizer querida, que a menos que o matemos, você nunca terá um momento de paz.

— Eu quero que ele seja preso. — Disse ela.

— Não é assim que isso funciona. Ele está vivo, a recompensa existe e sempre há uma chance de pagar.

— Mas ele não pode pagar. — Disse.

— É assim que acontece: algumas pessoas não se importam em fazer a ação e coletam a recompensa depois do fato, Pepper. Sua vida pelo dinheiro deles. Depende do que ele ofereceu, de quanto ofereceu e do quê foi prometido.

Ela sentou-se na cadeira, chocada.

— Para Pepper voltar ao seu modo de vida, temos que matá-lo. — Disse Viper, finalmente falando.

— Sim, senão não pararão de chegar e, Pepper, você viverá o resto da sua vida esperando para morrer. — Disse Boss.

— Eu não quero isso. — Disse ela.

— Então, mataremos o padrasto dela.





CAPÍTULO

SEIS

Era bom estar em seu próprio território e não ter que olhar por cima do ombro a cada segundo. Mas depois de três dias confinados, ambos estavam se esquivando. Foi preciso um esforço hercúleo para ele manter as mãos também para si. Estava dormindo no sofá, quando tudo o que queria era estar na cama com Pepper. Não era fácil morar com ela depois que a viu nua e a fez gozar em seus dedos. Pepper estava tão ansiosa e receptiva. *Macia para caralho*. Normalmente, não colocaria suas necessidades de lado, mas ela era diferente. Era dele. Saber que nunca esteve com outro homem, apenas deixou sua afirmação mais forte.

O sol descia no horizonte, o céu se transformando em tons de laranja e rosa. Ele notou Pepper de pé perto da janela do chão ao teto na sala de estar. Era irônico que vivesse tão alto, com apenas uma camada de vidro separando-o da enorme queda abaixo, porque nunca gostou de altura. As pessoas que o conheciam juravam que era destemido, mas tinha aquela fobia, uma que mantinha para si mesmo.

— Como você está se sentindo hoje? — Ele perguntou.



Pepper virou a cabeça para o lado, vestindo uma camiseta enorme que quase chegava aos joelhos.

— Eu não estou tão dolorida hoje. O tempo realmente cura.

— Nem tudo. — Ele ficou ao lado dela, observando a cor se refletir no horizonte da cidade. Logo, apenas as luzes da rua afastariam a escuridão.

— Você nunca me contou como conseguiu sua cicatriz. — Disse ela. Pepper o encarou e passou o dedo pela cicatriz desagradável no rosto dele. Era um monstro desde que conseguia se lembrar. Ainda bem que não dava a mínima para impressionar ninguém.

Seu primeiro instinto foi afastá-la, mas se conteve e ficou rígido. Falar sobre o passado não era uma possibilidade. Era algo que tentou esquecer a vida inteira e falhou. Reviver algumas das piores lembranças apenas derrubaria suas barreiras.

— Você está certa, eu não contei.

Ela deixou os dedos se afastarem e soltou um suspiro exagerado.

— Por que não pode conversar comigo? Quer dizer, realmente conversar comigo?

— Algumas coisas ficam melhores se esquecidas.

— É uma pergunta simples. — Disse. — Tento conhecê-lo melhor. Toda vez que acho que temos um grande avanço, você se afasta. Por quê?



— Pepper, não empurre.

Ela franziu a testa e cruzou os braços. A garota era teimosa como uma mula.

— Então, está comigo por causa da minha herança? É tudo o que se importa, com o todo poderoso dólar?

Viper zombou.

— Olhe ao seu redor querida, parece que preciso do seu dinheiro?

— Eu acho que os assassinos apenas sabem usar as mulheres. Não tem sentido abrir-se e se aproximar certo? — Seu sarcasmo não passou despercebido.

Ele segurou os dois braços dela, prendendo-a na frente dele. O céu escureceu desde que o sol desapareceu no horizonte, deixando-os em sombras parciais.

— Eu não tive uma vida fácil. Muito do que tive, daria uma garota como você pesadelos e tento protegê-la dessa droga. Nunca me importei com ninguém antes, até você.

Ela respirou fundo, sua raiva desaparecendo.

— Então, pare de colocar muros, Viper.

Eles se sentaram em seu sofá enorme, cheio de lençóis e travesseiros.

— Quer saber sobre a maldita cicatriz, então contarei. Quando era criança, por volta das dez horas, acho que uma cadela prestes a te filhotes entrou em nosso complexo. Ficamos surpresos quando nos deixaram ficar com ela. Um



mês depois, teve cinco filhotes, pretos com manchas brancas. Ainda me lembro deles como se fosse ontem.

— Isso é tão doce.

Ele franziu a testa.

— Seis meses depois, nos levaram para o pátio principal. Um dos líderes reuniu a cadela e os filhotes. Ele nos forçou a batê-los. Tudo foi um teste, para nos ensinar a bloquear as emoções e nos lembrar que o amor nos deixa fracos.

Pepper colocou as mãos sobre o nariz e a boca.

— Oh meu Deus, ele o cortou por chorar?

— Eu não chorei. Nem sequer recuei. Sabia melhor.

— Então, como conseguiu a cicatriz?

— Eles esqueceram um dos filhotes. Eu o escondi na minha cabana e tentei mantê-lo seguro, mas quando cresceu, queria brincar e eu não conseguia mantê-lo quieto. Quando descobriram o que fiz, espancaram-me e me obrigaram a vê-los pisoteando o filhote, depois usaram uma faca para cortar meu rosto.

— Por que faziam isso?

— Como um aviso para os outros garotos não infringirem as regras. Um lembrete visível.

Aqueles idiotas o destruíram, corpo e alma. Mas Viper era um homem agora e nunca seria uma vítima novamente. Ficou de pé e começou a andar, não querendo a simpatia de Pepper.



— Onde estão estes homens agora?

— Eles estão mortos. Todos eles.

— Oh. Como eles morreram? — Ela perguntou.

— Eu os matei.

Demorou muito tempo. Não foi até que ele amadureceu fisicamente, depois de anos atrás de treinamento, que se atreveu a lutar. Eles o transformaram em um animal cruel sem considerar as consequências a longo prazo. Ainda sentia a emoção natural quando pensava naquele dia, no dia em que se vingou e acabou com suas vidas miseráveis. Esteve matando desde então.

Esperava que Pepper se afastasse com desgosto, julgando-o, odiando-o. Não foi fácil compartilhar esses segredos obscuros. Em vez disso, levantou-se e colocou os braços ao redor de sua cintura, abraçando-o.

— Eu sinto muito. — Disse ela. — Não posso nem imaginar viver assim. Nenhuma criança deveria passar pelo que você passou.

— Agora você sabe. — Replicou, tentando aparentar desinteresse.

Sua cabeça estava pressionada contra o peito nu. Ele colocou os braços ao redor dela. Quando Pepper começou a beijar seu peito lentamente, sensualmente, suas emoções mudaram para luxúria. A paixão estava no ar, alimentando seu desejo.

— Pepper, não comece algo que não pode terminar. Eu



já disse que você pertence a mim, então apenas posso me segurar por um tempo.

— Talvez, não queira que você se segure.

Se alguém estava sendo usado, era ele. Não havia como uma boa garota como Pepper querer mais do que uma aventura com um homem como Viper. Estava certa, claro merecia mais, merecia um homem que não estava quebrado. Mas ele não a negaria, não quando estava excitado e não parava de ouvir seus gemidos do banho juntos.

— Tire sua camisa. — Disse. — Quero ver seus seios.

Ela realmente não discutiu, puxou a camisa por cima da cabeça e a jogou no sofá. Porra, era boa o suficiente para comer, todas as curvas suaves e carne leitosa. Pepper era a juventude e a inocência personificada. E precisava reivindicá-la, mesmo sabendo que não a merecia.

— Você não está mais tímida?

Pepper balançou a cabeça.

— Você é o primeiro homem a me fazer sentir bonita. Espero que não esteja mentindo.

Ele esfregou sua ereção dura como pedra pressionando em diagonal sob a calça de moletom.

— Eu não preciso mentir. Se não quisesse você, não deixaria que colocasse suas mãos em mim.

— Você me quer agora?

Viper rosnou, puxando-a contra seu corpo. Ele nunca



teve uma virgem antes e nos últimos dias não pensou nada além disso.

— Sem espera, garota. Esta noite você será minha. Pegou-a em seus braços e ela soltou um gritinho bonitinho. O condomínio estava escuro agora, apenas as luzes da cidade lançando seu brilho através das muitas janelas. Ele chutou a porta do quarto e a deixou na cama.

— Eu usarei proteção. — Disse.

Ela balançou a cabeça.

— Estou tomando pílula para me regular. Quero senti-lo. O verdadeiro você.

Viper olhou para o corpo nu dela, o peito subindo e descendo em movimentos rápidos. Seu cabelo loiro se espalhava sobre os lençóis e seu perfume feminino flutuava pelo quarto dele. Havia incerteza em seus olhos, mas também confiança. Ele gostou disso.

— Será uma longa noite. — Ele avisou. Viper lambeu os lábios, não tendo certeza de por onde começaria, mas sabendo que não pararia até que Pepper gritasse seu nome.



Pepper olhou para o enorme homem sobre ela. Era um bad boy, barra-pesada e perigoso. O homem era um assassino de aluguel. Mas se sentia segura e um pouco



apaixonada. Poderia sentir empatia por ele agora que teve um vislumbre de seu passado. Todo mundo tinha uma história e a dele explicava muito.

Observou todas as suas tatuagens escuras, os sulcos duros de seus músculos e a intensidade em seus olhos. Todo lugar que ele olhava, queimava de necessidade. Pepper estava quase implorando, mas mordeu a língua e esperou ansiosamente por seu toque. E esperava seu beijo.

Ele apoiou uma das mãos na cama, o colchão afundando. Com a outra, tocou do tornozelo até o quadril. Então, passou as costas de seus dedos de volta ao longo da parte interna da coxa, fazendo-a estremecer.

— Você é tão linda. — Sussurrou como se hipnotizado pela visão dela. Pepper nunca esperou encontrar um homem que realmente a apreciasse em vez de tolerá-la. Era uma cura poderosa.

Ele se mexeu um pouco, apoiando um braço em ambos os lados dela. Viper se inclinou e acariciou seu pescoço, respirando profundamente e soltando quase um rosnado. Por que não tomava o que queria? Como podia um assassino ser tão controlado?

Pepper estendeu a mão e acariciou os ombros poderosos.

— Você tem tantas tatuagens. — Disse. Ela não queria deixar de senti-lo, saborear o calor e a firmeza de seus músculos. — Elas significam alguma coisa?



Ele moveu os lábios ao longo de sua clavícula em uma leve carícia. Seus mamilos estavam duros e doloridos, mas não a tocava onde mais precisava dele. Estava deixando-a louca.

— Apenas antigos demônios. Melhor na minha pele do que enviando mensagens em minha cabeça.

Viper se moveu mais para baixo, beijando seu estômago, fazendo-a tremer de necessidade. Quando alcançou o ápice de suas coxas, ela ficou tensa.

— Relaxe querida. Você é minha, então aproveitarei cada centímetro.

Abriu as pernas dela, deixando-a exposta. Pepper sentiu o ar frio contra suas dobras. Quando Viper passou a língua ao longo de sua boceta, gritou e agarrou os lençóis de cada lado. Nunca sentiu nada tão elétrico em sua vida. Ele lambeu e chupou enquanto segurava seus joelhos abertos. Soava como um animal, completamente focado em sua boceta.

— Deus, você é muito doce garota. Suave, meiga e perfeita. — sua voz era de um barítono profundo, um homem no limite. Tocou seu broto hipersensível com a língua, repetidamente, fazendo-a mover os quadris. Como alguém podia ser tão talentoso? Ela fechou os olhos, respirando fora de controle, incapaz de lidar com a intensa pressão que crescia dentro dela.

— Viper, não aguento mais!

Ele não deu-lhe alívio, fodendo-a com a língua, comendo



sua boceta como um homem faminto. Quando pensou que morreria pela intensidade, chegou a um novo patamar onde tudo parecia delicioso, cada prazer ampliado. O coração de Pepper disparou e sabia que não duraria muito. Lembrou-se do chuveiro e soube que esse orgasmo seria melhor. Mas antes que pudesse explodir, Viper se afastou.

Viper era enorme e quando se levantou sua sombra a engoliu. Seu peito arfava e seus olhos pareciam ferozes como um lobo localizando sua presa. Isso a excitou ainda mais. Ela nunca ficaria satisfeita com um bom menino, não depois dele.

— Por que você parou? — Conseguiu perguntar. Ele roubou aquele belo orgasmo. Queria de volta, precisava do alívio mais que respirar.

— Quero que você goze ao redor do meu pau. — Disse, tirando sua calça de moletom.

Pepper olhou para seu pau duro. Ele se projetava para cima, maciço e pesado, com grandes veias. Será que caberia dentro dela? Estava ansiosa, mas também muito excitada.

— Você é grande.

Ele sorriu.

— Acha que pode lidar comigo?

— Eu não me importo. Apenas dê para mim.

Uma de suas sobrancelhas se levantou.

— Coisinha mandona você, não é? — Colocou uma mão de cada lado de sua cabeça, usando a força de seus braços para descer o suficiente para provocar seus



mamilos. Pepper soltou um gemido quando os chupou. — Eu adoro estes seios.

Viper a fazia se sentir sexy ao ponto de começar a amar seu próprio corpo pela primeira vez. Sempre foi seu inimigo, mas não mais.

— Beije-me. — Disse. Pepper queria experimentar a intimidade total com Viper. Queria tudo.

Viper se segurou em seus antebraços, seu membro duro contra o quadril dela. Por que a olhava assim? Tinha uma sombra de barba áspera e lábios grossos e beijáveis. Aqueles mesmos lábios que estiveram momentos antes entre suas pernas e o mero pensamento fez seu clitóris pulsar. Seus corpos nus estavam pressionados juntos e estava a poucos minutos de perder sua virgindade. Seu núcleo parecia lava derretida e quanto mais ele ficava parado, mais desesperada ela ficava.

— Você irá me destruir. — Viper inclinou a cabeça levemente, em seguida, cedeu ao seu pedido. Beijou-a, um suave roçar no começo. Então, realmente a beijou, suas línguas entrelaçadas. Parecia tão certo. Pepper fechou os olhos e colocou os braços ao redor do seu pescoço. Eles devoraram um ao outro, sem dúvidas, sem se segurar.

Ela queria deixar escapar que o amava, mas não tinha certeza se era seu coração ou os hormônios reagindo. Viper usou a coxa para separar as pernas dela, sem romper o beijo. Quando passou a cabeça grossa de seu pau para cima e para baixo em seus lábios escorregadios, pensou que gozaria



apenas com isso. Ele parecia tão bem, aquela cabeça grossa parecida com um cogumelo prometendo uma intensa satisfação.

Ele empurrou dentro dela, o primeiro centímetro queimando enquanto a enchia. Mal podia respirar, seus nervos e desejos a bombardeando. Viper lambeu o lóbulo da orelha antes de chupar o lugar.

— Boa menina. — Disse. — Apenas relaxe para mim. Cuidarei de você. — Para um homem que alegou colocar suas próprias necessidades em primeiro lugar, estava incrivelmente lento, movendo com cuidado seu grande pau em sua boceta. Ela nunca esteve tão molhada e dolorida. Ele penetrou em seu interior, centímetro após centímetro. Uma vez que entrou totalmente, soltou um gemido. — Porra, você é tão apertada. Nunca soube que uma mulher poderia ser assim.

Pepper queria ser tudo para ele. Estavam unidos da maneira mais íntima, ela perdendo a inocência e por algum motivo, sentia-se muito mais do que sexo. Parecia uma ligação física e emocional, assim rezou para que Viper não fosse embora como fez tão facilmente com outras mulheres.

Viper começou a mover seus quadris, um ritmo lento e constante a princípio. Não parou, movendo-se mais vezes até que o atrito trouxe seu orgasmo perigosamente perto da superfície novamente. Ele era tão grande, enchia-a completamente. Pepper colocou as pernas ao redor de sua cintura, cutucando-o com os calcanhares.



— Comporte-se. — Avisou, mas ela não deu-lhe atenção. Queria que parasse de se conter e a fodesse com força como sabia que era capaz. — Eu não quero machucá-la.

— Eu posso lidar com isso. — Disse. — Sou uma garota grande.

Viper rosnou.

— Você é minha garota safada. E irei fodê-la bem. — Ele a beijou com força na boca enquanto aumentava o ritmo. A cama começou a estremecer e ranger, cada impulso fazendo-a gritar de prazer. Suas costas ficaram escorregadias com o suor enquanto ele incansavelmente bombeava seus quadris, entrando e saindo de sua boceta faminta. Sabia que ele estava perto, seus movimentos mais rápidos e menos erráticos. O homem era uma máquina.

Pepper acariciou os cabelos dele, puxando a cabeça para baixo, qualquer coisa para ancorá-la.

— Goze para mim. — Disse ele. Soava como um comando, o tom dominante em sua voz o suficiente para empurrá-la para aquele lugar perfeito de felicidade orgástica. Pepper ofegou, uma cascata de calor e luz branca caindo sobre ela. Num último impulso, gozou forte, seu corpo inteiro convulsionando, onda após onda de contrações balançando seu corpo. Gritou o nome de Viper, mais e mais como um mantra.

Então ele se juntou a ela, sua semente quente a enchendo quando alcançou o orgasmo. Seu peso



momentaneamente caiu sobre o dela, roubando sua respiração, até que Viper rolou para o lado.

— Isso foi melhor do que eu imaginava. — Disse. Colocou-a na curva do braço, distraidamente acariciando seu cabelo com as pontas dos dedos.

Apenas o som de sua respiração pesada rompia o silêncio no apartamento. Isso foi tão bom. Sentia-se saciada como nunca pensou ser possível, sentia-se segura, desejada. Se apenas este momento pudesse durar para sempre.

— Você é minha garota agora. — Disse ele. — Apenas minha.

Ela se contorceu em seus braços e começou a traçar a forma de seu peito com a ponta do dedo.

— O que isso significa, Viper?

— Isso significa que nenhum outro homem tocará seu corpo além de mim.

— Isso é tudo o que é? Apenas sexo?

Ele exalou.

— Eu não sou bom nisso, querida. Relacionamentos são novos para mim. Estou tentando o meu melhor aqui.

— Apenas não quero me machucar. — Disse.

— Eu não irei matá-la, mesmo que *Killer of Kings* ordene. Prometo.

Pepper não queria mais conversar, porque tinha medo de ouvir as respostas que não queria. Ela queria que ele



disse que a amava, que nunca a deixaria. Ansiava por segurança depois de suportar o inferno dos últimos meses. Mas agora que a luxúria desapareceu, duvidava que um homem como Viper fosse capaz de lhe dar o seu *para sempre*.

— Você está com fome? — Perguntou.

Ela assentiu.

— Gosta de pizza?

Pepper adorava pizza e parecia incrível, já que usaram a despensa abastecida de Viper nos últimos dias. Estava cheia de enlatados e massas.

— Como? Pode pedir para entregar?

— Não, vou buscar uma. Há um bom lugar neste quarteirão. — Ele saiu da cama e começou a se vestir com uma calça jeans e uma camisa preta de mangas longas. Deus, parecia tentador. — Ouça-me, Pepper, não quero que atenda a porta em qualquer circunstância. Entendido?

— OK.

— Enquanto ficar aqui, está segura. Não demorarei.

Ela ansiava por uma noite de carinho com Viper no sofá, assistir a filmes e comer pizza. Antes de sair da sala, seu celular tocou com uma mensagem de texto. Ele olhou para a tela por apenas um segundo, então amaldiçoou, jogando-o a cômoda.

Uma vez que o ouviu sair do apartamento e a porta se fechou atrás dele, saiu da cama e se espreguiçou. Seu corpo estava agradavelmente dolorido. Pepper abriu



uma das gavetas de Viper e pegou uma camiseta. Vagou ao redor. Era estranho estar sozinha no apartamento. Mas realmente não havia nada pessoal para encontrar porque ele não tinha lembranças, nem fotos, nada que o ligasse à vida real. Seu telefone tocou novamente, então ela verificou, lendo a tela antes que desaparecesse. Bateu a mão sobre a boca. *Ah não, por favor, não...*

O texto era de alguém chamado Maurice. Era um aviso. Alguma família criminosa Bianchi matou um de seus homens. Estavam vasculhando a cidade. Ele estava em perigo.

Pepper moveu-se ao redor da sala em pânico. Ela não podia ligar para ele porque deixou o telefone para trás. Mas leu a maldita mensagem. Sentia vontade de morrer? Talvez, a primeira mensagem fosse outra? Vasculhou seus pertences e colocou as meias. A pizzeria estava perto, então iria encontrá-lo e avisá-lo. Diante da possibilidade de perdê-lo, percebeu o quanto precisava dele.

Destrancou a porta e correu pelo corredor até o elevador, batendo o pé com impaciência enquanto esperava. Era tarde, então não conseguia parar de imaginar um bando de assassinos pagos se juntando contra Viper.

Quando chegou ao andar térreo, saiu correndo para a rua. Ela não se importava que parecesse uma louca, sua mente estava focada apenas em encontrá-lo. Enquanto andava de um lado para o outro, imaginando o caminho que deveria tentar primeiro, notou duas SUV's pretas



estacionadas em frente ao condomínio. Quando olhou mais de perto, os homens que estavam dentro olharam-na com reconhecimento em seus olhos. Um arrepio de medo percorreu sua espinha quando percebeu o tamanho do perigo que corria.

Se havia alguém pudesse lidar com isso era Viper, um mercenário treinado com um histórico de mortes limpas. Mas Pepper tinha apenas vinte anos de idade, presa na rua, sem nenhuma maneira de voltar para o refúgio no andar de cima e um grande alvo apontado para sua cabeça.





CAPÍTULO

SETE

Viper estava na pizzeria. Com seu pedido já feito, olhava através de um dos menus no balcão. Pediu três tipos de pizza: calabresa, carne picante e uma com anchovas. Não gostava de anchovas, mas talvez Pepper gostasse. Se não, então poderia apenas removê-los e comê-la sozinho.

Com a mão no bolso, olhou para fora da pizzeria e soube, sem sombra de dúvida, que era observado. Foi treinado por toda a sua vida. Se Pepper achava que a história que contou sobre os filhotes era ruim, nem sabia a metade. Isso nem foi tão ruim em comparação com as outras merdas que passou. As pessoas que o mantiveram deixavam todas as crianças em fila e qualquer um que falhasse em uma tarefa era espancado por outra criança.

Não!

Ele não iria pensar nessa droga novamente. Assim que pode, saiu. Aprendeu a lutar e matou cada um daqueles filhos da puta. Boss também ajudou e foi assim que se conheceram. Aquele homem era uma máquina e tinha uma das maiores taxas de mortalidade do mundo.



— Senhor, sua pizza está pronta.

— Obrigado.

Ele olhou pela janela e viu o homem todo vestido de preto. Isso não foi encomendado pelo padrasto de Pepper. Era outra coisa.

Voltando para o balcão, sorriu para o homem.

— Minha esposa tem me incomodado há semanas. Sabe aquele cortador de pizza que vocês usam, será que poderia comprar um de vocês? Vai me poupar uma grande dor de cabeça. — Ele segurou uma nota de cem e o homem ficou mais do que feliz em atendê-lo.

— Obrigado. Você me salvou. — Disse Viper, piscando para ele.

Deixando a pizzeria, Viper andou pela rua ciente do homem que o seguia. Ao seu lado, fora da linha de visão de todos, segurava o cortador de pizza. Esta não era a ferramenta mais ameaçadora, mas para Viper, era tudo que precisava.

No reflexo das vitrines, viu o homem se aproximando. Ele fez uma curva à direita, colocou as caixas de pizza em cima de uma lata de lixo e contou até três. Assim que virou a esquina, agarrou o estranho, batendo a cabeça dele contra a parede de tijolos. Viper o pegou pela garganta e apertou o cortador em sua artéria com pressão suficiente para cortá-la e fazê-lo sangrar até a morte em questão de segundos.

— Para quem você trabalha? — Perguntou, rosnando as



palavras.

O homem estava atordado e não respondeu imediatamente.

Soltando-o, Viper pegou a arma do homem, pressionando o cano contra sua cabeça.

— Para quem você trabalha? Apenas perguntarei essa última vez.

— Bianchi, esse é o nome. Você matou um dos homens deles e agora tem um grande alvo na cabeça.

— Isso não é bom. — Disse. A arma faria muito barulho. De volta ao cortador de pizza, cortou a garganta do homem, esperando que ele caísse. Guardando-a em seu bolso, pegou as pizzas e o deixou morto em uma pilha no beco.

Assobiou quando começou a caminhar de volta para o apartamento. Quando viu Pepper correndo em sua direção, ficou tenso. Ainda mais quando viu o SUV seguindo atrás dela.

— Que porra você está fazendo fora do meu apartamento? — Ele perguntou, agarrando o braço dela e colocando-a atrás dele, protegendo-a.

O SUV parou no meio da rua. Era um trecho muito movimentado, com pessoas passando. Não era um lugar para ter um tiroteio sem atrair atenção. Passou as pizzas para Pepper e voltou para o corpo a poucos metros de distância no beco. Curvando-se, tocou os quadris do cara que acabou de matar e encontrou uma faca. Foi bom o cara estar preparado,



uma arma e uma faca. As pessoas que o roubaram quando criança ensinaram como usar tudo à sua disposição e transformar em uma arma. Uma pessoa fraca era aquela que não podia matar a qualquer momento. Viper não era fraco.

— Fique aqui. — Ordenou.

Ele caminhou em direção ao SUV, quebrou o vidro da janela e afundou a lâmina no primeiro homem e segurando a arma, apontou para o segundo.

— Sugiro que se quiser viver pelos próximos minutos, pise no acelerador e ligue para um homem chamado Boss. Não importa o que acha que está vendo aqui, ela não é a resposta.

O homem não era profissional. Qualquer um que usava um SUV não sabia que porra estava fazendo.

Viper recuou e observou os homens se afastarem.

Essa foi por um triz.

Essa merda com Pepper estava ficando perigosa. Olhando para trás no beco, não sabia qual era o negócio daquele cara, mas precisavam sair da rua e rápido. Não tinha dúvidas de que a porra do SUV voltaria. A única maneira de ficarem seguros era retornar ao apartamento.

— Você quer me dizer por que não estava na porra do apartamento? — Ele perguntou muito irritado.

— Você está louco? — Ela segurava o celular dele. Aquele no qual recebeu a mensagem de texto o qual não sabia o conteúdo porque não saber ler era seu maior segredo.



Pepper estava se comportando como se alguns instantes atrás, os homens não estivessem decididos a pegá-la e matá-la. Esteve tão perto de morrer.

Esta era uma das razões pelas quais ele não fodia no trabalho. Isso sempre acabava matando alguém.

Apertando os dentes, segurou seu braço e marchou com ela de volta para seu apartamento, lidando com cada um dos códigos que era necessário antes que estivessem seguros.

— Pare com isso, Viper. Por favor, ouça.

— Você tem alguma ideia de quantas pessoas a querem morta? Aqueles homens no SUV nem sequer foram treinados. Eram apenas um bando de aspirantes e você acha que quero ouvi-la? Disse para ficar aqui! — Ele gritou. Viper pegou as pizzas, colocando-as sob um braço antes de empurrá-la contra o elevador que os levaria até o andar principal.

— As pessoas querem você morto também, então adivinhe? Nós dois estamos nessa merda. Eu vi esses caras e fugi, certo? Certifiquei-me de chegar a algum lugar que não pudessem me levar. Ficaram um pouco chocados quando fiz isso. Eu fugi, não é grande coisa.

Viper apenas a olhou, os dentes apertados.

— Nós não somos parecidos. O que teve hoje foi pura sorte.

— Eu sei disso. Você saiu mesmo com uma enorme recompensa sobre sua cabeça. Verifique seu celular. Vá em frente, confira. Veja por si mesmo. Olhou para o seu celular



antes de sair. Por que saiu? Pizza não significa nada para mim, Viper. Poderíamos ter feito algo com as coisas em sua cozinha.

Ela segurava seu celular e tudo o que ele via era o nome de Maurice. Era isso. Pretendia pedir a seu amigo uma explicação, para ter certeza de que estava bem.

— Você não deveria ter ido lá fora. — Ele soltou seu braço e ela ofegou, fazendo-o olhar para baixo. Havia sangue no braço dela.

— Viper, você está sangrando.

— Não é meu sangue. — Mesmo enquanto falava, ela agarrou a mão dele, segurando-a. — Veja, sem corte. Não é meu e a diferença entre nós dois é o fato de eu saber como me comportar. Você não teve nenhuma consideração pelo fato de que poderia ser vigiada. — As portas do elevador se abriram e ele entrou.

A zona feliz na qual esteve momentos atrás desapareceu e agora estava irritado. Foi até a pia do banheiro e lavou o sangue das mãos, jogando o cortador de pizza na pia também.

— Viper. — Disse Pepper, de pé perto dele. Ela segurava o telefone. — Leia a mensagem.

— Eu não preciso ler essa droga. Estava preparado, ok?

— Este cortador de pizza está coberto de sangue. Você não tinha ideia dessa ameaça ou levaria uma arma.

Viper se afastou da pia, secou as mãos em uma toalha e



pegou uma fatia de pizza.

— Você vai comer?

Pepper lavou o sangue do braço e depois se virou para olhá-lo. Ele não gostou do jeito que estava avaliando-o.

— Coma a pizza. Você gosta de anchovas? — Perguntou.

— Eu as odeio. — Retrucou. — De volta ao quarto do hotel, você me pediu para ler alguma coisa. E no celular, disse a Boss para não mandar uma mensagem. — Pepper inclinou a cabeça para o lado e o olhou. — Você foi levado quando criança, torturado e treinado para matar.

— Outra vez com informação lixo. Por mais fascinante que seja, estou entediado.

— Você não pode ler, não é? — Perguntou.

Viper mordeu a pizza e a encarou. Não contou a ninguém esse segredo. Nem Boss sabia. Tanto quanto Boss sabia, Viper era um idiota por exigir instruções vocais. Não dava a mínima para o que alguém pensava dele. Maurice não sabia e os bastardos que o mantiveram quando criança se certificaram de que suas máquinas assassinas fizessem o ordenado. Não foram ensinados ou autorizados a ler. Conheciam os números e isso era tudo.

— O que você está olhando? — Ele perguntou.

Lágrimas inundaram seus olhos e ela balançou a cabeça.

— Uau, é um idiota, é isso?



— Baby, eu não sei o que você está pensando agora, mas está me pagando para mantê-la viva e é o que estou fazendo. Estou mantendo-a viva. Tem algum problema com isso?

Ela balançou a cabeça.

— Não, não tenho um problema com isso. — Pepper se afastou e ele se amaldiçoou.

— Pepper, você precisa comer.

— O que não preciso agora é estar perto de um idiota como você. Isso não é o que quero! — Ela fechou a porta do quarto e ele jogou a pizza no lixo. Não estava mais com fome. Como porra descobriu essa droga a partir de uma mensagem?

Viper manteve esse segredo por muito tempo. Ninguém sabia.

Batendo a mão no balcão, estava prestes a ir e vê-la quando seu celular tocou.

— O quê? — Perguntou.

— Repense suas atitudes. Bianchi colocou um alvo em você.

— Eu estava fora comprando pizza e encontrei um cara à espreita. Ele está morto, então não há motivo para se preocupar. O que não gostei foi o fato de que havia um utilitário esportivo na frente do meu apartamento. Não posso ficar aqui. Eles voltarão.

— Você precisa se mudar. Tenho um lugar seguro. É isolado e não terá que se preocupar com alguém o



encontrando. — Disse Boss.

Viper ficou intrigado.

— Onde?

— Na minha casa.

— Boss, não irei para sua casa.

— Você não tem escolha. A recompensa pela sua cabeça é alta o suficiente e a de Pepper acabou de dobrar. Não quero perder dinheiro.

Viper ficou tenso e Boss continuou.

— Eu não vou matar você, Viper. O dinheiro que estão oferecendo não é suficiente.

— Quanto? — Viper perguntou.

—Dois milhões. Isso não é suficiente para matá-lo. Eu posso ganhar isso com você daqui a alguns meses e é exatamente o que pretendo fazer. É um bom trabalhador. — Replicou.

— Ah, você sentiria minha falta se acabasse morto?

— Não empurre a porra da sua sorte.



Eles estavam de volta à estrada novamente, a paisagem passando por ela enquanto iam para outra casa segura. Pepper descansava a cabeça em sua mão recusando-se a



olhar para o homem a quem entregou sua virgindade.

Sim, sentiu medo quando viu esses caras no SUV. Sabia que Viper não deixaria nada acontecer com ela e então fugiu. A última coisa que esses caras precisavam era expor seu sequestro na televisão. Estar em um lugar público era a melhor coisa. Seu padrasto precisava que morresse de causas naturais. Ser atropelada por um carro era um meio natural até que investigassem. Seu traseiro seria jogado na cadeia e o dinheiro não iria para ninguém além da caridade. A empresa iria a falência e seria vendida.

Não, seu padrasto não queria isso. Queria controle.

— Eu sinto muito. — Disse Viper.

Ela se virou para encontrá-lo ainda olhando para frente. Era o começo da noite. O sol ainda brilhava no céu e viajavam em uma estrada movimentada.

Pepper não disse nada e voltou a olhar para fora.

— Ouviu?

— Sim. Estou fingindo não ouvir. Dizem que é o que uma mulher faz melhor.

Ela o ouviu suspirar e se recusou a facilitar as coisas. Ele foi um idiota total.

— Eu estava preocupado, ok? Já faz muito tempo desde que tive uma recompensa pela minha cabeça. Saí despreparado e estraguei tudo ontem. Não deveria comprar a pizza e então a vi correndo em minha direção e surtei.

— Sim, bem, namorados normais não



precisam lidar com um bando de assassinos correndo atrás da namorada, verdade? — Ela passou os dedos pelos cabelos, odiando cada segundo disso. — Já estamos quase chegando.

— Ainda tenho mais trinta minutos. Quero ficar em público. É a única maneira de mantê-la segura. Como você está se sentindo?

— Estou bem! — Pepper disse as palavras e depois se arrependeu. — Sinto muito. Foi um dia muito ruim. Na verdade, foi um dia fantástico que se transformou em uma porcaria. Estou indo de uma casa segura para outra por causa de um idiota e agora estou discutindo com você. Nem sei por que está com raiva de mim. Fiz uma pergunta simples e você se comporta assim? Quer saber? Esqueça. Esqueça que disse alguma coisa. Não pedi por isso. Não pedi para ser morta ou ter minha mãe assassinada. Apenas queria viver uma vida normal ou tão perto de uma vida normal quanto possível. — ela não estava nem perto de terminar. — Estou farta de tudo isso. Sou uma boa pessoa. Aquele idiota apareceu e destruiu tudo. Matou minha mãe. E sabe o que é ainda mais estúpido, estou sentada aqui agora e tudo em que posso pensar é como a noite passada foi boa. Dei-lhe minha virgindade e então me trata assim. Eu quero tanto odiá-lo.

Pronto, aí estava.

Uma vez que ela percebeu o que disse, gemeu.

— Eu não acho que estúpida seja a palavra. — Disse Viper. Parecia tão calmo, que a fez encará-lo e sim, ele estava olhando para estrada. — Você não pode aceitar minha



palavra, claro. Eu não sei se há uma palavra como essa no dicionário. — Ela congelou. — Tem razão e odiei admitir a minha fraqueza para você. — Olhou-a. — Eu não sei ler. Nunca consegui ler.

— Ninguém o ensinou?

— O resultado final era dinheiro, Pepper. Eu não preciso saber nada além de números e isso é tudo que sei.

Pepper não precisava saber que havia sempre alguém em suas costas. Toda sua infância foi uma bagunça após a outra, mas mesmo quando ele estava em seu pior momento, sempre havia uma pessoa que o ajudava a passar, Bain. Era a única pessoa de seu passado por quem sentia algo. Treinaram juntos como irmãos para lutar contra aqueles que os sequestraram e machucaram. Depois que completaram sua missão matando aqueles doentes desprezíveis, apenas o viu uma ou duas vezes ao longo dos anos. Viper raramente pensava nele, mas às vezes se perguntava se o bastardo estava morto.

— Como faz o trabalho?

— Boss diz. Tenho uma ótima memória e o GPS de hoje em dia, diz aonde ir. — Encolheu os ombros. — Ninguém sabe. Você é a primeira pessoa a descobrir.

— Você nasceu para esse modo de vida? — Ela perguntou.

— O que quer dizer?

— Você fala sobre estar em algum tipo de prisão. Nasceu



lá?

Pepper observou enquanto ele olhava para frente.

— Eu não tenho nenhuma lembrança do tempo anterior. Sei que não nasci nesse estilo de vida. Fiz algumas investigações. Fui roubado da minha mãe quando tinha três anos de idade.

Ela cobriu a boca, chocada.

— Deve ter sentido medo.

— Não me lembro. Ao crescer senti medo. Nada mudou e quando tive idade suficiente, acertei as contas com aqueles bastardos.

Pepper não sabia o que dizer.

— Você não sabia que havia uma recompensa por sua cabeça?

— Não. — Disse a palavra, encarando-a.

— Não está com medo?

— Não. Esta não será a primeira vez que tenho uma recompensa por minha cabeça.

— Como destruiu a recompensa anterior?

— Matando a pessoa que a colocou. Não é fácil fazer isso com um alvo nas costas.

— Precisamos matar meu padrasto.

— Sim, precisamos.

— E precisamos matar Bianchi?



— Precisamos se eu quiser ter uma vida.

Pepper sentou-se.

— Espere, posso ser vista em público, certo? Minha morte precisa ser de causas naturais.

— Sim, eu creio.

— Por que não vou para casa?

Ela viu que o confundiu.

— Pense nisso. Eu poderia ir para casa. Ninguém sabe onde estive. Podemos ir a público e dizer que me casei com você. — Quanto mais pensava sobre isso, mais gostava disso.

— Pepper...

— Essa empresa é minha, Viper. Cada parte dela. Posso apenas ir e pegá-la. Não preciso fugir. Nós podemos matar dois coelhos de uma vez.

Ela viu quando Viper começou a bater no volante.

— Isso nos aproximará do meu padrasto.

— Como dirá que me conheceu? — Ele perguntou.

— Simples. Você é meu guarda-costas. Uma coisa levou a outra e ficamos presos alguns dias em alguma ilha na costa ou algo assim. Nenhuma televisão, nada além do nosso romance. Podemos fazer isso funcionar. As pessoas fazem esse tipo de coisa funcionar o tempo todo. — Ele ficou em silêncio. Pepper estava animada. — Quanto mais cedo chegarmos ao meu padrasto, mais cedo acabaremos com isso. Bianchi não seria capaz de matá-lo em público, certo? O que



também ofereceria de alguma forma proteção.

— Eu não sou bom para as câmeras. Minhas cicatrizes.

— Todo mundo ama um bad boy. Vamos Viper, esta é realmente uma boa ideia. — Ela tocou no braço dele, animada com o pensamento.

— Preciso verificar primeiro com Boss.

Pepper deu um tapinha na coxa dele.

— Que tal ligar para ele agora?

— Acalme-se Quero tempo para pensar sobre isso.

Mais uma vez o silêncio encheu o carro e ela não aguentou mais. Depois da noite que tiveram, não queria que houvesse mais silêncio.

— Acho que é uma grande ideia. Podemos dizer que tive uma discussão com minha mãe, o que não é mentira. Nós discutimos e tive o suficiente. Não aguentei a mágoa, então fugi. Você me seguiu e cuidou de mim, durante esse tempo nos apaixonamos e nos casamos.

— E tenho consolado você desde então? — Ele perguntou.

— Sim, exatamente. Nós podemos fazer isso, certo? Espere, podemos nos casar?

— Boss pode conseguir a documentação e em uma data posterior, podemos usar um padre, se decidirmos continuar.

Gostou disso. Ele planejava um futuro com ela. Pelo menos era o que esperava. Esta poderia não ser a melhor das



conversas, mas gostava demais deste plano.

O caminho para a casa secreta de Boss demorou muito, mas ficou quieta para que Viper pudesse pensar.

Quando chegaram lá, um grande homem já estava esperando. Tinha cabelos escuros até os ombros e duas cicatrizes no olho.

— Viper. — Disse ele.

— Boss. Pepper, esse é o Boss. Boss, esta é Pepper.

— Prazer em conhecê-lo finalmente.

Ele era tão grande, tão assustador que a fez engolir. Seu coração começou a acelerar e ela olhou para Viper, vendo que não estava com medo.

— Eu não vou machucá-la, Pepper. — Disse Boss, abrindo o portão. Ele esperou que entrassem e ela não gostou de tê-lo em suas costas. Pagou a este homem dez milhões de dólares para mantê-la viva. A menos que alguém tivesse um preço mais alto, ele trabalhava para ela. — Eu pensei que você tivesse se perdido.

— Não, nós não estávamos perdidos. — Disse Viper. — Acredite ou não, Pepper tem um plano. Conte-lhe.

Pepper apertou os dentes, odiando ser colocada neste lugar e ele fez isso de propósito. Realmente não achava que o plano dela era uma boa ideia. Lambendo os lábios secos, começou a falar enquanto caminhavam em direção à casa principal.

Uma vez que terminou, eles estavam



seguramente dentro e Boss tinha os braços cruzados sobre o peito, parecendo profundamente pensativo.

— O que você acha? — Ela perguntou.

— Isso poderia funcionar. Posso conseguir os documentos em uma hora. Você conhece alguém na mídia que faria um comunicado de imprensa para você?

— Sim, conheço e posso até conseguir que a notícia chegue à empresa da minha família.

Boss sorriu e de um jeito esquisito, ficou ainda mais assustador.

Ela ficou tensa esperando, então ele assentiu.

— Está na hora de começar o espetáculo.





CAPÍTULO

OITO

Viper não se convenceu da ideia de Pepper. Muitas coisas poderiam dar errado. Ela era muito ingênua para seu próprio bem, não percebendo quantos alvos estariam em suas costas uma vez que fossem a público. Não queria perdê-la.

Estava de pé contra uma parede distante na sala de estar com os braços cruzados, observando-a explorar a vasta coleção de arte de Boss. Sua mente estava sobrecarregada enquanto planejava vários assassinatos em sua cabeça e o fato de ter se apaixonado por ela. Era um idiota. Depois de uma vida inteira mantendo seus muros altos, nunca deixou uma mulher entrar sob sua pele, Pepper entrou em sua vida e mudou tudo. Era muito jovem e inocente para ele, mas o pensamento de qualquer outro homem em sua vida o deixava com muita raiva. Pepper era dele. Cruzou a linha e não havia como voltar atrás agora.

Nunca teve nada de valor quando criança, ensinado a não guardar lembranças ou se apegar a nada ou a ninguém. Mas assumiu o controle de seu futuro há muito tempo. Pepper seria seu prêmio, a única coisa que não deixaria



ninguém tirar dele.

— O jeito como você a olha... caralho, Viper. — Boss encostou-se na parede ao lado dele.

Viper não falou nada.

— *Killer of the Kings* não pode ter assassinos apaixonados. Nós sairíamos do negócio em algum momento.

Quando Viper virou a cabeça para avaliar a expressão de Boss, o bastardo piscou com um olhar de diversão em seu rosto.

— Isso é divertido para você? — Perguntou.

Boss encolheu os ombros.

— Apenas sinto pena do tolo que fizer um movimento sobre aquela garota. — Ele riu.

Viper afastou-se da parede, não estava confortável com o assunto e ainda mais perturbado por ser tão transparente.

— Eu farei o trabalho. Isso não muda nada.

— É aí que você está errado, Viper. Eu já vi isso antes, o amor muda tudo. Uma coisa é certa, uma boceta nunca derrubará meu império. Não foi você que sempre me disse que as mulheres eram apenas uma fraqueza usada para nos explorar?

Viper girou, passando as duas mãos pelos cabelos, tentando a puxar as raízes.

— Os papéis já chegaram? Preciso sair daqui.



— Claro. — Disse. — Chegaram quinze minutos atrás.

Viper se sentiu encurralado, eriçado como um cão feroz. Esta era a primeira vez em sua vida que tinha algo que valia a pena salvar e o apavorava. Viper a viu passar o dedo ao longo de uma das maiores estátuas de bronze. Tudo nela o hipnotizava, desde a cor de seu cabelo às curvas de seu corpo. Ela se virou como se sentisse o olhar dele, dando-lhe um pequeno sorriso.

— Pepper vamos, é hora de ir.

Quando ele começou a caminhar pelo arco de entrada de mármore da sala, Boss colocou uma mão pesada em seu ombro.

— Um conselho. Se a merda ficar feia, salve-se primeiro. Nós já fomos pagos antecipadamente. Não quero perder um dos meus melhores homens.

Ele se afastou de Boss, indo direto para a porta da frente da mansão. O lugar era enorme e parecia mais um museu italiano do que o esconderijo de um chefe do crime. Era ainda mais seguro que o apartamento de Viper. Notou cada pequeno detalhe ao redor da propriedade, a segurança e o sistema de vigilância em todos os lugares.

— Espere. — Pepper gritou enquanto corria pelo saguão.
— Já estamos saindo?

— Os documentos do casamento estão prontos. Não faz sentido ficar sentado, perdendo tempo. Melhor ficar na estrada. — O humor dele azedou. Boss o obrigou a examinar



seus sentimentos e qualquer futuro com Pepper. Talvez sonhar com um final feliz fosse besteira para um fodido como ele.

Caminhava na frente dela, rápido demais para segui-lo. Seus olhos estavam no Mustang do lado de fora dos portões principais. Sua fuga. Mover-se de um trabalho para o seguinte era o que fazia melhor. Estabelecer-se nunca poderia funcionar.

No momento em que os portões de ferro começaram a se abrir automaticamente com um gemido sinistro, Boss e dois de seus homens alcançaram-no. Viper não perdeu tempo e entrou no carro, apertando o volante com os dois punhos como uma tábua de salvação. Pepper sentou-se no banco do passageiro, em seguida, Boss inclinou-se e bateu na janela do lado do motorista.

Ele ligou o carro, agora com a chave apropriada, antes de descer o vidro escuro.

— Troquei as placas. A anterior era perigosa. — Boss se levantou, olhando para as nuvens escuras se aproximando. — Ligue quando o trabalho terminar.

— Eu sempre faço. — Então, apertou o acelerador, indo para a longa estrada sinuosa. Isso era o que gostava: limpo, eficiente, sem besteira. Por que Boss teve que apertar seus botões hoje? Ele geralmente sabia melhor, mas novamente, Viper nunca mostrou interesse por nenhuma das prostitutas que frequentavam a casa de Boss. Nunca se importou com



qualquer mulher.

Dirigiu por um tempo em silêncio, um que era constrangedor.

— Tem alguma coisa errada? — Pepper perguntou.

— Este é um grande passo que estamos tomando. Muito pode dar errado. Seu padrasto não entregará tudo sem lutar.

— Bem, espero que não haja luta. Como disse, esse plano é perfeito. Nada pode dar errado.

Sua positividade era fofa, mas ainda uma ilusão. A realidade seria equivalente a uma tempestade.

— O que disser, Pepper.

— É verdade. Verá. — Ela se inclinou sobre o console central e descansou a cabeça em seu braço. Viper sentiu seus músculos relaxando e respirando suavemente. Era estranho ter uma mulher agarrada a ele por segurança e afeição. Pepper não tinha ideia do poder que tinha sobre ele.

A paisagem mudou de rural para urbana e para rural novamente. Em mais meia hora chegariam à cidade. Viper tinha um mau pressentimento sobre aparecer sem avisar na casa de Pepper. Sua renovada confiança estava em um nível mais baixo, porque desta vez tinha algo a perder.

— Beije-me. — Disse ela.

Ele franziu a testa.

— Agora? Estou dirigindo.

— Você está tentando se afastar de mim. Posso sentir.



Desde aquela mensagem estive distante.

— Distante?

— Acha que me sinto diferente sobre você por causa da leitura, mas não é verdade.

Viper não gostou do rumo da conversa. Pepper era uma garota educada de uma família rica. Não havia como ser feliz com um homem analfabeto como ele. Suas inseguranças ridículas mostraram suas cores feias desde que ela entrou em sua vida. Queria que as coisas fossem diferentes, mas não eram.

— Viper, por favor, diga alguma coisa. — Ela colocou a mão em sua coxa. — Preciso de você. Não tenho mais ninguém.

Ele freou bruscamente, estacionando em um lugar abandonado ao longo do lado da estrada e desligou o motor.

— Eu não quero que se acomode, Pepper. Você merece mais.

— Eu não estou me acomodando, então não coloque palavras na minha boca.

— O que posso dá a você?

— Olha, conheci muitos garotos da Ivy League na minha vida. Não quero nenhum deles, quero você, um homem de verdade. Pode cuidar de mim, Viper. De todas as formas.

Porra, a forma como ela disse aquelas últimas palavras fez seu pau inchar no jeans. Ele se moeu desconfortavelmente



no assento.

— Você quer um beijo ou o que?

Pepper sorriu e se aproximou. Ele segurou o lado do rosto dela e beijou-a com força e exigente. Tinha um gosto doce. Seus gemidos o estavam levando ao limite.

Assim que suas línguas começaram a se tocar, ele se afastou e saiu do carro, batendo a porta atrás dele.

Pepper saiu também se juntando a ele na parte de trás do carro. Suas pequenas mãos estavam fechadas em punhos, a cabeça baixa.

— O que foi isso? O que fiz de errado agora?

Ele agarrou-a pela cintura e a colocou contra a traseira do Mustang, ficando entre suas pernas.

— Preciso de você.

— O quê? — Sua voz era apenas um sussurro, as mãos descansando em seus ombros.

Viper levantou a camisa dela com uma mão, enquanto abria a fivela do cinto com a outra. Seus seios eram lindos. Percebeu rapidamente que estava viciado em todo o corpo de Pepper. Tirou seu sutiã e colocou a boca no mamilo, chupando com força.

— Tire a calça, baby. Quero meu pau dentro de você.

Ela soltou um suspiro, mas fez o que pediu, tirando a calça enquanto estava sentada no porta-malas do carro. Ele a puxou de uma vez assim que passou por seus quadris.



Talvez, outra hora levasse as coisas devagar, saboreando seu corpo, não agora. Estavam prestes a arriscar suas vidas com esse plano volátil e Viper queria um pedaço de Pepper desde o primeiro encontro deles. Apenas lembrar o momento em que tirou sua virgindade foi o suficiente para afastá-lo. Ela deu-lhe mais que sua inocência. Seu presente o fez sentir-se especial em um mundo que sempre disseram que não era nada mais que uma sombra.

Mas agora era sobre sexo. Duro e sujo.

Viper abriu as pernas largas, puxando seu traseiro para que se deslocasse até a beirada do porta-malas. Ele se posicionou, esfregando a ponta de seu pau em toda sua umidade.

— Oh Deus. — Disse ela, apoiando as mãos em ambos os lados dela. Seus olhos estavam fechados, os lábios cheios se separaram.

Ele empurrou dentro dela até chegar ao máximo. Estava tão apertada e ardente, sua linda boceta rosa pulsando ao redor dele. Viper rosnou com o alívio instantâneo depois de penetrá-la, era incomparável.

— Você é tão gostosa, garota. Diga-me que quer ser fodida.

— Não, não posso dizer isso.

Seu corpo estava cheio de seu pau, sua camisa sobre os seios. O estranho carro parado na estrada, apesar de estarem parcialmente escondidos dentro da densa floresta.



Ele a beijou, determinado a fazê-la se submeter. Colocou os braços ao redor do pescoço dele, contorcendo-se contra seu pau, mas se recusou a dar o que ela precisava.

— Viper, por favor.

— Diga-me. — Ele se abaixou e lambeu os mamilos duros.

— Eu quero que você... me foda. — Disse ela.

— Você quer que a faça gozar?

— Sim!

Ele não conseguiu segurar suas próprias necessidades por mais um segundo. Viper agarrou seus quadris e fodeu-a, batendo em seu corpo exuberante com força suficiente para balançar o carro. Estava duro como aço.

Pepper gemeu e gritou, os sons eróticos abafando os sons da natureza. Amava como ela se agarrava a ele, as unhas cravando implacavelmente em sua pele. A dor apenas o estimulou.

Bombeou em sua boceta ardente várias vezes, beijando seus lábios, o lóbulo da orelha, seu pescoço.

— Eu te amo. — Disse ela. Então, seu corpo entrou em erupção, sua boceta ritmicamente ordenhando seu pau. Ele gozou com uma força poderosa, gemendo alto.

Sua respiração ficou rápida enquanto saboreavam o momento. Viper permaneceu no lugar, seus corpos ainda conectados. Ele ouviu direito? Foram palavras ditas no momento da paixão. Ninguém o amava,



certamente não essa mulher. O relacionamento mais longo que já teve foi de três semanas e não podia nem mesmo chamar mais do que uma ficada prolongada.

Pepper era uma boa garota. A garota *dele*.

Ele respirou fundo, depois a levantou para que pudesse se vestir. Viper fechou seu zíper e depois abriu o porta-malas. Pegou seu arsenal de viagem, exibindo toda a gama de armas que guardou ali quando saíram de seu apartamento.

— Que porra é essa? — Pepper olhou para as armas.

— Vista-se, princesa. — Ele afivelou o coldre e guardou as armas letais. Cada uma delas tinha um silenciador, caso precisasse continuar silencioso. Quando terminou, era uma máquina de matar de um homem só.

Uma vez que voltaram para o carro, notou o medo nos olhos de Pepper. Não gostou.

— Estou com medo. — Disse ela. — Gostaria que tudo isso fosse um pesadelo do qual pudesse acordar.

— Você sabe por que isso precisa acontecer. Temos que acertar as coisas.

— E se algo acontecer comigo? — Ela parecia pura inocência com aqueles grandes olhos azuis.

— Eu não deixarei ninguém machucá-la. — Retrucou. — Você é minha para proteger.





Quando avistaram a casa dela, foi como olhar através de um portal do tempo. Uma onda de emoção a pegou de surpresa. Lembrava-se da mãe, mas principalmente do medo que a casa representava graças ao seu horrível padrasto. Seu corpo ficou tenso e seus nervos no limite. O que estava pensando para seguir com esse plano? Agora que chegaram, sua confiança diminuiu.

— Caralho, sua casa é enorme.

— As aparências não significam nada. — Disse. — Nunca poderia viver nessa casa novamente. Apenas me lembra de sua crueldade.

— Bernard Sutherland. — Disse Viper com um tom mortal.

— Ele é o pior.

— Esse é seu nome? Pepper Sutherland?

— Não! Eu tenho o nome da minha mãe, Henshaw. — Não havia como querer estar associada aquele monstro, aquele assassino.

Eles passaram pela calçada ao lado da casa. Viper usava sua jaqueta de couro, efetivamente escondendo suas armas. Estava mais no limite do que o habitual, seu foco aparentemente em tudo de uma vez.

— Eles não estão aqui. Pensei que tivesse dito à equipe



de mídia para nos encontrar as sete em ponto?

Pepper olhou para o relógio do painel e já passava vinte minutos. Parecia estranho que chegassem atrasados a um caso de notícias como esse. Por mais que se sentisse segura com Viper, parte dela acreditava que teria o mesmo destino que sua mãe.

— Eu não entendo porque não estão aqui.

Viper examinou a área, seus olhos se estreitaram.

— Isso é porque estão mortos.

— O quê?

Ele levou o carro até a rua, muito acima do limite de velocidade permitido. O som do motor era ensurdecedor. Seu coração bombeava como um trem de carga e ela precisou se lembrar de respirar. Viper parou no beco atrás de sua casa, usado principalmente para entregas e as lixeiras.

— Saia. — Disse.

— Viper, o que está acontecendo?

— Silêncio. Fique quieta e faça o que disser.

Ela seguiu atrás dele, segurando os lados da jaqueta como uma tábua de salvação. Ele parecia um homem dando um passeio casual na praia, os ombros para trás e cada passo forte e confiante. Tinha uma mão dentro da jaqueta e usou sua mão livre para testar a porta dos fundos. Estava trancada. Viper agachou depois de verificar. Em segundos, abriu o cadeado.



Uma vez dentro da única casa que já conheceu, ela se sentiu suja e violada. Seu padrasto não merecia assumir tudo. Notou pequenas coisas, como retratos de família e pequenas bugigangas que comprou com a mãe quando era criança. Ele tirou tudo dela. Sua raiva deu-lhe a confiança que precisava desesperadamente agora. Mesmo que nunca mais morasse ali, não havia como suportar o pensamento do assassino de sua mãe se divertindo.

— Fique aqui. — Viper sussurrou. — Vou verificar o lugar.

Pepper não gostava de ficar sozinha, mas fez o que ele mandou. Continuou brincando com a barra de sua camisa, esperando que voltasse rapidamente, mas depois de um tempo ouviu duas vozes masculinas vindo do outro corredor. Congelou, um choque de pânico paralisando-a como se estivesse de volta no hotel. Tentou chamar Viper, mas sua voz não funcionou.

— Tem alguém ali. — Disse um dos homens. Quando ambos a notaram, foram rápidos em puxar suas armas. Deus, odiava armas, especialmente quando apontada para ela.

— É a porra da garota. Eu não posso acreditar nisso. Como é possível? — Perguntou o loiro.

— Porra se eu sei. Ainda há um preço por sua cabeça?

O loiro sorriu.

— Aí está. Sutherland nunca disse que não poderíamos



lucrar. Você se lembra dos termos?

— Causas naturais. É isso aí.

— Não ficará bem se ela se esconder em sua própria casa. Vamos levá-la para os subúrbios e jogá-la por lá. — Disse o loiro.

Pepper ainda não se mexeu. Sentiu como se tivesse uma experiência fora do corpo, assistindo a um filme no qual tinha o infeliz papel de protagonista.

Eles começaram a se mover, encurralando-a, como caçadores se aproximando de um animal nervoso.

— Ei, Pepper. Não tenha medo. Tenho certeza de que seu padrasto ficará feliz em vê-la.

O loiro lentamente estendeu a mão para o braço dela, mas antes que pudesse fazer contato, houve um som estridente de estalo. Ele caiu para trás como um tronco. O outro homem acenou com a arma para frente e para trás como um louco à procura de um fantasma. Houve outro estalo e sangue apareceu em sua testa. Encarou-a sem expressão antes de cair no chão.

— Venha. — Viper pegou a mão dela e a puxou. Ela continuou olhando para os dois corpos mortos, chocada e sem palavras. Ele os conduziu através de duas portas diferentes, mas não estava prestando atenção.

— Quem eram eles?

— Não sei. Não importa.

Ele a pressionou contra a parede



enquanto abria outra porta. Ela tentou se concentrar e recuperar o juízo. Estavam prestes a entrar no foyer da frente da casa. Podia ouvir vozes e imaginou que haveria muita segurança na entrada. O sol desapareceu e havia pouca luz no corredor. De acordo com Viper, os empregados contratados pelo seu padrasto mataram a equipe de mídia, destruindo todo seu plano. Em vez de reivindicar sua fortuna, era um rato em um labirinto onde todos a queriam morta.

Um homem com uma arma automática esperava do outro lado da porta. Ele apontou para Viper e Pepper gritou. Viu com horror quando vários outros homens correram, gritando e levantando as armas. *O que eu fiz?*

Viper usou uma Glock com precisão inacreditável, mirando e atirando, derrubando-os um por um. Mais passos ecoaram na casa. Ele soltou a arma, tirou a jaqueta e colocou a mão no coldre para pegar outra arma.

Ela se agachou observando Viper se mover como uma máquina assassina atirando, socando e lançando homens como uma dança coreografada.

Ele estava levemente sem fôlego quando finalmente a olhou.

— Você foi ótima, baby. Hora de ir. — Viper a ajudou a se levantar, mas foi surpreendida por um homem enorme vestido de preto. Eles foram para a parede oposta, o gesso caindo com o impacto. Ambos os homens eram fortes, lutando com as mãos nuas, sem recuar. Viper estava apenas com sua camiseta justa, e o coldre com as armas. Seus



músculos estavam se esforçando e Pepper rezou para que fosse capaz de sair da luta. Se alguma coisa acontecesse com ele, preferiria morrer.

— Porra, Viper. — Amaldiçoou atirando, mas errando quando o homem levou o braço para o lado. Logo uma bala passou zunindo perto da cabeça de Pepper fazendo-a gritar.

— Renda-se, filho da puta! — O outro homem usou os mesmos movimentos, tornando impossível para um dominar o outro. Esse cara tinha a cabeça raspada, uma barba escura e tatuagens no pescoço. Ela não tinha certeza de qual homem parecia mais assustador.

Mais tiros dispararam e então ambos estavam no chão, lutando. Viper colocou o outro homem em um bloqueio de cabeça, seus enormes bíceps aparecendo quando aplicou mais pressão.

Em poucos minutos, o corpo do homem ficou mole e a casa parecia estranhamente quieta novamente. Apenas o som da respiração pesada de Viper rompia o silêncio.

— Ele está morto? — Perguntou, rastejando até Viper. Ele tinha sangue nos lábios e um olho roxo. Queria beijar cada centímetro do rosto dele, aliviada por estar bem.

Viper balançou a cabeça, empurrando para cima em uma posição sentada. Encostou-se à parede.

— Ele está apenas fora do jogo. Não pude matá-lo.

— Por que não? — De todos os outros assassinos, esse cara parecia ser a competição mais dura. Não queria que ele



acordasse e matasse o homem dela.

— O nome dele é Bain. Ele é um fantasma do meu passado.





CAPÍTULO

NOVE

De volta a outro motel, Viper andava de um lado para o outro no quarto, perto da porta da frente. As luzes estavam apagadas e por mais que quisesse se juntar a Pepper no chuveiro, ficou de guarda. Agora não era a hora de uma boa foda antes de ir para a cama. Precisava lidar com essa merda. Como pensar em Bain aparecendo do nada.

— Qual é a novidade? — Perguntou no momento em que Boss atendeu a ligação.

— Que o ataque à mídia foi considerado um acidente. Um dos assassinos vestido como repórter abriu fogo e matou todos eles. Nenhum deles estava usando suas câmeras, mas a filmagem de segurança do lado de fora do prédio confirma isso. No que diz respeito à aplicação da lei, um homem maluco que não conseguem identificar o fez. Idiotas miseráveis.

Boss não parecia impressionado e o que preocupava Viper era o que sentiria a seguir.

—Viper, Sutherland morre ou ela o faz. É um ou outro.



Você não pode mantê-la viva para sempre.

— Eu sei. — Diz olhando para o chuveiro.

— Consegue fazê-lo? Pode matá-la? Isso acabaria com tudo. Nós temos o adiantamento de dez milhões. Mate-a, acabe com ela e volte para sua vida.

Qualquer mercenário veria o instante no qual foi encurralado. Havia muitos riscos. Mataram os repórteres e isso apenas estava piorando.

— Bain estava lá.

— O quê?

Bain não era apenas alguém de seu passado, também era alguém que Boss tentou trazer para o rebanho.

— Sim, ele estava lá. Não pude matá-lo. Olha, sei que deveria cuidar de tudo e ficaríamos bem financeiramente, mas não posso fazer isso. Eu não posso... matá-la. Não quero.

— Esfregou seus olhos, sentindo a tensão de tudo. Ela admitiu que o amava. Foi durante o sexo, mas essas palavras significaram algo.

Era estúpido, mas ninguém em toda a sua vida lhe disse que o amava. Ninguém. Sempre foi o que eles o treinaram para ser, uma máquina de matar e não podia matá-la, nem mesmo se quisesse.

— Eu não achei que você fosse matá-la. — Boss suspirou do outro lado. — Ela não durará muito mais tempo, Viper. A morte está em sua cabeça, olhei para a fortuna de sua família e é enorme. Estamos falando de um império



forjado há centenas de anos que apenas ficou mais forte. Sobreviveu e continua. Eles empregam centenas de milhares e na verdade, têm uma boa ética de trabalho. Ela está longe de ser uma princesa mimada.

— Você a quer viva? — Ele perguntou.

— Sim. Ela vale mais para nós viva do que morta e não apenas por causa do nosso pagamento. Se Sutherland assumir essa empresa, cabeças vão rolar. O homem é puro mal e precisa morrer. Eu descobri a razão pela qual ele tem tantos homens ao seu lado. Ofereceu uma porcentagem da empresa, Viper. São milhões, senão bilhões de dólares.

Viper sabia o que precisava fazer.

— Amanhã irei.

— Viper, você precisa usá-la como isca. Eu tenho o sedativo que fará com que ela pareça que está morta. A única maneira de se aproximar é se levá-la com você. Esse cara não vai parar e tem um monte de homens ao seu redor.

Mais uma vez, esfregou os olhos. Com tudo com o que teve que lidar, faria isso no dia seguinte.

— Precisarei de apoio e quero esta noite com ela. Dê-me isso, por favor.

O que ele planejava certamente mataria os dois, mas não arriscaria suas vidas, nem por um segundo.

— Estaremos protegendo-o. Você não tem nada a temer. Tenha sua noite e divirta-se. — Boss terminou a ligação e Viper ficou segurando o telefone na mão, querendo esmagá-lo



para não perturbá-lo novamente. Quando se virou, encontrou Pepper sentada na cama. Mesmo no escuro, sabia que ela estava triste.

— Eu não ouvi você terminar o banho.

— Você estava falando.

— Você ouviu?

— Sim, eu ouvi. Você não pode me matar ou não quer me matar?

Lágrimas brilhavam em seus olhos e ele sentiu seu estômago se contorcer ao vê-las. Não conseguia lidar com isso, nem por um segundo. Era demais e apertou os dentes. Nunca sentiu tal fraqueza e era isso que realmente sentia ao amar uma mulher?

— Eu não sou muito bom nisso.

— Tudo o que você precisa fazer é responder à pergunta.

— Eu não posso matá-la, ok? Você sabe o quão fácil toda essa merda seria? — Explodiu. Estava com raiva, enfurecido e simplesmente chateado. No fundo, sabia que esse maldito plano não funcionaria. Sutherland era um bastardo ganancioso demais para deixar que uma mulher tirasse dele o que queria o tempo todo: poder, dinheiro, tudo. Sua mãe foi muito fraca para ver o que estava acontecendo e agora sua própria filha tinha que pagar as consequências disso. — Eu poderia matá-la agora e ter o dinheiro que você enviou como pagamento, depois o que Sutherland pagará. É assim que posso acabar com isso.



— Então, faça.

Ele balançou a cabeça e rosnou.

— Você é tão irritante, sabe disso? É rica e tem a vida perfeita, mesmo assim não é... Isso não deveria acontecer. Não para mim.

— O que não deveria acontecer?

Ele a confundia.

— Isto! Eu não deveria querê-la, Pepper. Sou um homem mau. Tudo o que conheço é a violência. Não consigo nem ler e ainda assim tenho um pedaço de papel no meu bolso dizendo que somos casados, além disso, tudo que quero fazer é lê-lo para que seja realmente verdade, porra. Você entende isso? — Viper a ouviu ofegar, mas continuou assim mesmo. Não havia sentido em parar enquanto estava em um rolo. — Há homens dispostos a eliminar todo um grupo de repórteres para vê-la morta e receber uma grande quantidade de dinheiro. Um cheque de pagamento que estava a caminho quando a conheci.

— Então faça, Viper. Eu não quero causar mais dor. — Ela se levantou, segurando a toalha. Seu cabelo ainda estava molhado e parecia tão triste, mas a amava. Esta mulher, esta mulher estúpida que fugiu apenas para ficar segura. Porra. — Eu não quero que você sofra por minha causa.

— Sua mulher estúpida, estúpida. — Ele estendeu a mão, segurando seu rosto. Pressionando a cabeça contra a dela, tentou acalmar sua raiva. — Não quero e não irei matá-



la.

— Isso tornará sua vida mais fácil.

— Uma vida sem você Pepper, não facilitará a minha. — Ele pressionou um pequeno beijo em seus lábios. — Quero que o certificado de casamento seja real, não apenas no papel. Não quero matá-la porque não poderia viver sem você. — Mesmo enquanto falava, estava achando difícil dizer as palavras.

Antes, sempre que queria alguma coisa ou amava algo, tiravam isso dele. Pepper a qualquer momento seria tirada dele e não poderia lidar com isso. Sua morte simplesmente não aconteceria. Ele se recusava a permitir.

— Eu te amo, Pepper. — Cerrou os dentes. — E porque eu te amo, não posso deixá-la morrer. Lutarei por você, lutarei por nós e não importa o que pensa não a deixarei morrer. Não permitirei isso.

Houve um silêncio e Pepper o olhou, sem palavras.

— Você me ama? — Ela foi a primeira a romper o silêncio.

— Sim.

— Quer se casar comigo?

— Conheço uma mulher que não gostará disso.

— Estou falando sério, Viper. Quer se casar comigo? — Perguntou.

— Sim. Eu quero me casar. Quero pertencer a você.



— Então podemos nos casar, sabe. Antes de irmos e lidar com ele. Se alguma coisa der errado, você poderá ter tudo. Será o próximo na fila como meu marido a herdar a fortuna da minha família. Quero que tenha isso.

Ele pressionou um dedo contra os lábios dela, para silenciar mais palavras ou planos. A última coisa que queria agora era conversar. Pepper não tinha ideia de que essa ameaça nunca iria embora. Eles apenas tinham um ao outro por esta noite, então teria que lutar e lutar muito.

— Eu não quero que pense nisso ou sobre qualquer outra coisa agora, ok?

— Viper, podemos fazer isso juntos. Sei que podemos.

Ela sempre pensava positivo e nunca o que estava para acontecer. Era como se fosse cega ou se recusasse a ver a verdade. Amava isso nela. Mesmo depois de tudo, sabendo o que fez, nunca o julgou.

— Por que não nos encontramos há alguns anos? — Ele não estava perguntando a ela ou a qualquer outra pessoa. A verdade é que se arrependeu profundamente de sua vida por uma fração de segundo e desejou que houvesse alguma maneira de acabar com ela.

Não era um bom homem, nunca seria. Inclinando a cabeça para trás, encarou seus olhos e tentou se lembrar de tudo o que amava sobre a cor azul. Como se lembrava do oceano, dos sonhos que muitas vezes teve quando criança. Acariciando seu rosto, saboreou a suavidade de sua pele e



então se lembrou da sensação de sua boceta virgem apertando seu pau.

Por mais que pudesse ser poético em sua última noite juntos, ainda era um homem, um com necessidades. Olhou para o nó segurando a toalha. Sua pele secou com o ar quente, mas a tentação de seu corpo era um fascínio demais para desistir.

Movendo as mãos pelo pescoço até aquele nó, ele soltou e lentamente começou a abrir a toalha, deixando-a cair no chão.

Ela não tentou esconder o corpo dele e por isso estava agradecido. Seu pau saltou para vida, duro, pulsante e exigente, mas ignorou. Aproveitaria esta noite para dar a Pepper uma noite que nunca esqueceria. Isso era tudo sobre ela e os dois juntos. Empurrou os pensamentos de seu padrasto, as responsabilidades e a *Killer the Kings* para o fundo de sua mente.

Ele tinha esta noite e faria valer cada momento.

Afastando-se dela, tirou a camisa, colocou a arma no pequeno armário ao lado da cama e abriu o cinto. Centímetro a centímetro, ficou tão nu quanto ela.

Uma vez que ele não vestia nada, aproximou-se dela, envolvendo os braços na sua cintura e puxando-a para perto.

Apenas com a sensação de seu corpo nu pressionando contra o seu, Viper estava no céu. Em seu mundo, tinha mais dinheiro do que poderia gastar, mas nunca teve a única coisa



que desejou como um garotinho, amor. Até agora, nunca soube o que era amar uma mulher ou ser amado por ela. Muitas noites se deitou no chão frio, tremendo, tremendo e implorando a alguém para levá-lo embora. Ansiava por alguém para amá-lo, para abraçá-lo mais do que qualquer coisa.

Quando Pepper envolveu seus braços ao redor dele, suspirou contente.

— Eu a quero tanto, Pepper. Quando era criança, queria uma mulher e você é meu sonho. Não há mais ninguém para mim neste mundo. — Recuou apenas o suficiente para pressionar um beijo em seus lábios. — E farei tudo ao meu alcance para mantê-la viva.



Pepper não sabia se ria ou chorava. Nunca quis um homem em sua vida e sempre acreditou que não seria nada mais do que uma empresária solitária, com o império da família para fazer-lhe sua companhia. Viper explodiu em sua cena de mais maneiras do que jamais imaginaria. Contra todas as probabilidades a salvou quando não precisava e se apaixonou por ele.

Talvez, fosse essa coisa de Síndrome de Estocolmo, mas novamente, Viper nunca a machucou. Claro, ele a agarrou umas duas vezes, mas no momento em que viu que estava machucando-a, soltou seu aperto. Era inteiramente o tipo



errado de homem para amar e ainda assim, o perfeito. Nunca recebeu nada de ninguém e era um homem feroz.

Amava-o de todo o coração e sabia que ele receberia uma bala por ela. Não queria que Viper pensasse. Afundando os dedos nos cabelos curtos na nuca, sorriu e tentou controlar as lágrimas que ameaçavam cair.

— Eu te amo, Pepper.

Elas caíram. Não podia mais conter as lágrimas e nem queria.

—Vamos embora juntos, Viper. Com o tempo tudo irá acabar e viveremos felizes, apenas nós dois. Não quero o império da minha família. Apenas quero você. Isso é tudo o que quero.

Ele segurou-a perto.

— Eles nunca irão parar de caçá-la e seu padrasto se desesperará. Nós temos esta noite, baby. Dê-me esta noite e então me certificarei de que nunca tenha mais nada a temer.

Ela fechou os olhos e pressionou os lábios contra os dele. Não importava o que fosse preciso, iria impedi-lo. Pepper se certificaria de que não fosse e morresse, mas que ficasse ali e a amasse.

Viper envolveu seus grandes e musculosos braços ao seu redor, uma mão indo para sua nuca, segurando-a com força. Ela adorava como a segurava, como seus braços a deixavam confortável. Tantos morreram por causa dele, mas não ela. Segurou-a, protegeu-a e acima de tudo, amou-a.



Sua língua traçou seus lábios e Pepper se abriu para ele, querendo seu beijo, precisando dele mais que tudo. Empurrando todos seus medos de lado, concentrou-se no momento que tinha com Viper, amando-o, sendo cercada por ele, consumida por ele.

Passando as pontas dos dedos por suas costas, maravilhou-se com o homem em seus braços, sabendo o quanto era difícil se abrir assim. Seu corpo pressionado contra o dele, Pepper estava no céu total. Apertou suas coxas enquanto o calor corria através de seu corpo. Ela já estava tão molhada e era um pouco embaraçoso. Quando se tratava de Viper, inspirava tantas coisas que era quase impossível conter.

Ela o amava.

Ela o queria.

Suas vidas estavam em perigo e Viper faria algo louco e estúpido. Pepper queria impedi-lo, mas por enquanto, apenas queria ter esse tempo com ele.

Afastando-se do beijo, ele pressionou os lábios contra seu pescoço, em seguida, ela desceu em direção ao peito dele. Passou a língua contra um mamilo e depois outro. A mão apertou seu cabelo e não pode evitar o gemido que escorregou por seus lábios. Olhando para cima, viu que o olhar dele estava no dela e não havia como confundir o fogo em seus olhos.

Lentamente, moveu seu corpo até ficar de joelhos. A mão



dele ainda em seu cabelo, mas desta vez estava ao redor do punho dele. Seus mamilos ficaram duros e Pepper olhou para seu corpo. Seu pau, longo, grosso e duro, apontava em sua direção, implorando para ser lambido. A ponta estava coberta de pré-sêmen. Ela lambeu os lábios.

— Você não precisa fazer isso, baby.

— Eu quero fazer isso. Quero te dar prazer, Viper. Apenas você. — Ela envolveu seus dedos ao redor de sua ereção e moveu sua língua pela veia, fechando seus olhos.

Ele gemeu e Pepper cobriu a ponta, levando-o em sua boca. Chupou forte, amando o jeito que encheu sua boca. Seu pré-sêmen cobriu a língua dela e engoliu.

Viper forçou o aperto em seu cabelo e ela sorriu.

Finalmente, abrindo os olhos, olhou-o, para ver o brilho selvagem em seus olhos.

— Sua boca é incrível.

Ela afastou-se de seu pau.

— Você é o único homem que toquei assim. O único que quero chupar, lambe, beijar.

— Você é minha, Pepper. Não importa o que aconteça, é minha e sempre cuidarei de você.

No momento em que disse a última palavra, ela tomou a maior parte de seu pau até que bateu no fundo de sua garganta. Moveu a cabeça, saboreando o gosto dele enquanto mais pré-sêmen vazava em sua boca. Lambeu, amando os



sons que Viper fazia.

Isso era tudo dela e amava esse homem.

Era uma loucura e completamente contra tudo que já conheceu, mas não se importava. Amava Viper, o assassino, o homem, cada parte dele.

Ele puxou-a pelos braços e beijou-a. Ao mesmo tempo, moveu-os de volta até as pernas dela baterem na cama e ficarem sobre os lençóis. Ainda assim não a soltou.

Abrindo suas pernas, ela terminou o beijo para olhá-lo enquanto segurava seu pau, passando a mão para cima e para baixo na ereção impressionante. Ele colocou a ponta contra sua fenda e começou a empurrar de modo a tocar em seu clitoris.

— Você está tão molhada para mim, baby. Diga-me o que quer.

— Eu quero você, Viper. Foda-me, sou toda sua.

— Nunca tive uma mulher que é toda minha, irei tomá-la, dominá-la, reivindicar e, porra, possuí-la. — Ele tirou o pau até sua entrada e bateu de volta dentro dela. Pepper gritou seu nome, suas unhas afundando em sua carne, segurando firmemente. — Você é tão apertada, tão perfeita, tão minha.

Ele segurou suas mãos e as pressionou ao lado de sua cabeça. Os lábios estavam nos dela, beijando avidamente, mordendo e consumindo-a com seu calor.

Viper saiu de sua boceta para que apenas a ponta



estivesse dentro dela. Não lhe deu a chance de se acomodar. Tocando cada centímetro, entrou com tanta força que a cabeceira da cama bateu na parede.

Em um movimento rápido, virou-os de modo que ficasse deitado e suas mãos firmaram os quadris dela, segurando-a.

— Eu quero que monte em mim, baby.

Calor inundou seu rosto. Não podia fazer isso. Colocando as mãos em seus ombros, Viper pareceu entender sua hesitação e assumiu o controle, mostrando-lhe exatamente o que gostava.

— Tão perfeita, tão linda, toda minha. — Continuou repetindo as palavras de que ela pertencia-lhe e adorou ouvi-lo.

Começou a mover os quadris, levantando-se, em seguida, empurrando para baixo em seu pau. Viper tocou seus seios, descendo até os quadris e em seguida por suas coxas, indo para sua boceta. Pepper olhou para baixo e viu quando ele abriu os lábios de sua boceta, mesmo enquanto a penetrava. Começou a acariciar seu clitóris e ela jogou a cabeça para trás, gemendo enquanto acariciava aquele pequeno feixe de nervos. O prazer era intenso, especialmente, enquanto seu pau pulsava dentro dela. Era tão grande e a enchia completamente. Nenhuma parte dela não pertencia a ele.

— Estou tão perto, baby. Quero que goze em todo meu pau. Quero enchê-la com a minha porra.



Pepper adorava quando falava sujo. Observou seus olhos enquanto tocava sua boceta. Ele empurrou dentro dela enquanto se movia. O prazer era intenso e não havia como se conter, nem queria. Gozou gritando seu nome, tremendo com o poder de seu orgasmo.

Antes que ela terminasse, Viper agarrou seus quadris, bateu dentro dela três vezes e entrou em erupção, seu esperma se derramando dentro dela. Sentiu cada pulso quando seu pau a encheu.

Viper a puxou para baixo, beijando seu ombro e Pepper fechou os olhos. A noite era jovem e sabia que ele não terminara ainda.





CAPÍTULO

DEZ

Viper acariciou as costas de Pepper enquanto se aconchegava em seu braço. Sabia que o tempo que passavam juntos era limitado e o irritava que as coisas não fossem diferentes. Em seu mundo perfeito, Pepper estaria a salvo e ele seria tudo de que ela precisava. Mas desde que sua realidade estava uma droga, teria que lutar pelo que queria e o faria.

— Onde irá morar quando tudo isso se acalmar? — Perguntou.

Ele a sentiu encolher os ombros.

— Sempre sonhei com uma pequena casa perto da água. É tão tranquilo e relaxante. Nunca fui uma pessoa da cidade.

— Há espaço para mim nessa pequena casa?

Ela riu.

— Sim, preciso de alguém para espantar as gaivotas.

— Eu posso fazer isso.

Viper estava irrevogavelmente apaixonado por Pepper. Seu estilo de vida nômade baseado em dinheiro, morte e



manter-se entorpecido não significava nada agora. Tudo o que queria fazer era realizar os sonhos dela.

— Quem era aquele homem? Aquele que você não matou.

Não podia contar muito sobre Bain. O que havia para contar? Foi criado no mesmo complexo que Viper. Cresceram juntos, vivendo a mesma infância distorcida que daria pesadelos a pessoas mais fortes. Depois que todos se separaram quando eram adolescentes, apenas o encontrou em raras ocasiões. Como Viper, ele trabalhava como mercenário contratado, mas se recusava a trabalhar para qualquer um, incluindo *Killer of Kings*. Bain jogava sozinho, um filho da puta recluso e sádico que se recusava a responder a alguém.

Ainda assim, era o mais próximo de um irmão que Viper tinha.

— Bain foi levado quando era criança, como eu. Nós dois temos a melhor das infâncias felizes.

— Por que ele o atacou então?

Viper riu.

— Você não entenderia, garota. Fomos ensinados a fechar nossos corações. Foi doutrinado todos os dias. Ele é provavelmente mais animal que homem neste momento de sua vida. É perigoso e instável. Nunca mais o quero tão perto de você.

— Se ele é tão horrível, por que não o matou?



Viper sentiu uma onda de emoção preencher sua alma sombria.

—Não é culpa dele. Aqueles idiotas criaram um monstro. Eles me criaram. — Ele a abraçou com mais força. — Você trouxe algo em mim que pensei estar morto. Talvez haja esperança para Bain também.

Eles ficaram deitados juntos, conversando e compartilhando informações por horas. Era a última noite garantida que tinham juntos, então sabia que precisava reivindicar Pepper completamente. Queria que fosse sua em todos os sentidos. Seu pau já estava ansioso novamente. Suas curvas e a doce inocência eram uma combinação perversa para sua libido. Os opostos realmente se atraíram no seu caso.

Ele rolou sobre ela, esfregando pau contra sua boceta. Pepper gemeu e passou as mãos nas costas dele.

— Como você pode estar com tesão novamente? — perguntou. — Não deve ser humano.

— Nunca terei o suficiente de você, garota doce. — Ele desenhrou uma linha ao longo de seu pescoço com a língua. Então a beijou, provando e sabendo exatamente o que queria em seguida. — Preciso fazê-la minha.

— Eu sou sua. Apenas sua.

— Nem tudo em você, e eu quero tudo. —Ele acariciou seu pescoço, mordendo o lóbulo da orelha.

— O que mais posso dar? — Perguntou, inclinando a



cabeça para o lado. Porra, era adorável. Ele quase se sentiu culpado pelo que tiraria dela. Quase.

— Eu quero seu traseiro. Desde o primeiro dia em que a vi, quis esse seu lindo traseiro. — Seu pau se contraiu em antecipação.

Pepper ficou tensa sob ele.

— Eu não sei, Viper. Você é tão grande. Será doloroso.

Ele rosnou apenas ao pensar nisso. Sua pequena virgem tinha mais coisas para dar e queria reivindicar todas.

— Nunca a machucaria. Apenas quero fazê-la se sentir bem.

Ela passou o dedo ao longo do hematoma ao redor do olho dele.

— Confio em você. — Disse. — Mas ainda estou com medo.

Viper amava que confiasse nele. Ele via isso como uma responsabilidade, uma espécie de honra. Todos com quem lidava tinham medo dele e esperavam o pior mas não Pepper.

— Vire-se para mim. Irei devagar, tão devagar que irá me implorar para foder seu traseiro.

Uma vez que ela ficou de bruços, escarranchou sobre as pernas dela e segurou aqueles globos enormes e deliciosos nas palmas das mãos. Deu-lhes um leve aperto, hipnotizado com o movimento e tentou dar-lhe uma mordida ou duas. Viper não resistiu a dar-lhe um pequeno beijo, o som



enchendo o quarto. Ela gritou.

— Porra, Pepper. Você é tudo que poderia querer em uma mulher. — Ele se moveu pela cama para que pudesse se inclinar e beijar seu traseiro. — Fique de joelhos para mim.

Pepper fez como disse, levantando-se em suas mãos e joelhos. Ele a pressionou de volta até que seu rosto ficou contra o colchão, sua bunda no ar, estilo cachorrinho.

— Nós devemos desligar a luz no corredor. — Disse ela.

— Acho que não. Quero ver cada minuto disso. — Respondeu, A luz suave do corredor se refletia no quarto, permitindo que ele visse seu traseiro e boceta em plena exibição. Estava molhada e inchada, suas dobras macias e rosadas. Ela pensava que estava acima do peso. Viper teria que ensiná-la algumas maneiras. — Se você tentar se esconder de mim novamente, irei bater com força. Sabe quantas mulheres pagam para ter um traseiro gostoso assim? Agora quero que fique quieta.

Viper se inclinou e beijou sua boceta. Passou a ponta de sua língua em sua fenda, provocando a área sensível até Pepper gemer. Os malditos sons que ela fazia percorreu seu corpo, estabelecendo-se em seu pau.

Saiu do quarto para pegar um pequeno tubo de lubrificante de sua bolsa de higiene no banheiro. Quando voltou, ela não tinha se movido, seu corpo nu preparado e pronto. Viper passou a mão por seu traseiro, sentindo a pele se arrepiar sob o toque. Colocou lubrificante em seu pequeno



buraco rosado. Ela seria apertada e não podia esperar para senti-la apertar seu pau.

— Viper, estou com medo.

— Você quer que eu pare?

Ela balançou a cabeça.

Ele sorriu quando se ajoelhou na beirada da cama.

— Relaxe para mim. Ficar tensa apenas deixaria mais difícil. Você disse que confia em mim, certo?

— Sim...

— Está bem então. Sinta meus dedos penetrarem em seu traseiro. Diga-me como você se sente, baby. — Ele entrou em seu buraco virgem com dois dedos totalmente lubrificados. Cada movimento que fazia era lento e medido. Precisava controlar sua própria respiração porque nunca esteve mais ansioso para foder.

Ela ofegou.

— Isso é bom.

— Você não tem ideia das coisas que posso te mostrar. — Com o polegar, entrou em sua boceta, provocando seu ponto G até a tensão derreter. Começou a mover os dedos quase para fora, depois de novo, repetidamente. O fato dela se entregar a ele era um presente que não tomava de ânimo leve. Sim, queria possuí-la, mas não teria sentido se tivesse que tomar. A entrega de Pepper era perfeita e exatamente o que mais desejava.



Sua respiração ficou ofegante e ela empurrou de volta para ter mais de seus dedos. Estava preparada, então começou a mexer seus dedos, esticando sua entrada virgem.

— Acha que pode lidar com meu pau, baby? Entrarei devagar e fácil. — Ele esperava que não desistisse agora porque seu pau estava duro como chumbo, pré-sêmen vazando da ponta. Estava ficando doloroso se conter, cada gemido de Pepper fazia seu pau pulsar ao ritmo de seu coração.

— Sim. Quero você dentro de mim, Viper. Eu te amo.

Minha.

Ele se posicionou atrás dela, colocando mais lubrificante para ser seguro. Então agarrou seus quadris, afundando os dedos em sua carne macia. Viper respirou fundo algumas vezes para se lembrar de ir devagar quando queria fodê-la como um maldito animal.

— Certo, apenas relaxe, Pepper. — Apertou a ponta do seu pau no buraco incrivelmente apertado, achando difícil conseguir entrar. — Empurre contra o meu pau e deixe-me enchê-la. Deus, você me deixa louco.

— Estou tentando. — Disse.

Ele não desistiu, sabendo que iria se soltar quando passasse pelos primeiros centímetros. E tinha muitos centímetros no meio, tudo por ela. Brincou com seu clitóris o tempo todo, fazendo círculos rápidos. Quando afundou em seu traseiro, seus olhos se fecharam. Era o maldito paraíso



na Terra.

— Oh Deus, Viper!

Ele precisava que ela durasse mais do que alguns minutos. Porra, queria poder se segurar a noite toda e apreciá-la até o sol nascer. Começou a se afastar e retornar, construindo um ritmo lento e constante. A luz do corredor era apenas o suficiente para que pudesse ver seu pau entrar e sair, desaparecendo dentro dela repetidamente. A visão era o suficiente para fazer suas bolas se apertarem, seu orgasmo perigosamente próximo.

— Você é uma garota tão boa, tomando meu pau inteiro em seu traseiro apertado. Amo fodê-la. — Seu corpo estava escorregadio de suor, seu peito arfando.

— Eu vou gozar, Viper. — Ela gritou. — Eu vou gozar! — Estava no limite, sem saber como lidar com todas as novas sensações. Ele queria ser o único a mostrar-lhe tudo.

— Deixe ir, baby. Goze com meu pau no seu traseiro. Não se segure.

Quando ela chegou ao clímax, gritou e gemeu, completamente acabada. Ele a encheu com seu sêmen, saboreando cada segundo até que ficou muito cansado. Então, deitou de costas, com os braços abertos.

Pepper se arrastou ao lado dele, inclinando-se para lambar o suor do seu peito.

— Isso foi muito bom. Melhor do que imaginaria.

Ela seria a morte dele. Estava cansado, exausto de foder



a noite toda.

— Fico feliz. — Disse. — Venha aqui.

— Eu nunca me senti mais segura do que quando estou com você. — Disse, descansando a cabeça em seu peito. — Sempre senti medo e nunca realmente pertenci a alguém.

— Você se sente segura com um assassino? Fui contratado para matá-la.

Ela traçou seus músculos e Viper amou a sensação de seu toque delicado em seu corpo.

— Mas você não fez.

Ele usou um dedo para levantar a cabeça dela. Pepper o olhou com aqueles grandes olhos azuis, logo depois a beijou. Este beijo não era sobre sexo ou paixão. Como não conseguia escrever palavras floridas, mostrava como se sentia. Dava-lhe um pedaço de si mesmo com o beijo.

Adormeceram nos braços um do outro. Era como se seu passado e toda a dor fossem abafados pela doçura de Pepper. Durante esses breves momentos, era um homem normal, não marcado e danificado.

Ele acordou com um sobressalto, levantando-se para a posição sentada, com o coração acelerado. Quanto tempo dormiu? Teve outro pesadelo. Mas este era diferente. Pepper estava fora de alcance, contornando a beirada de um penhasco, a onda do mar batendo lá embaixo. Acenou para ela vir, mas havia pistoleiros na outra direção. Seu medo de altura não era um reflexo tardio, mas ainda chegou tarde



para salvá-la.

Mesmo sabendo que tudo estava em sua cabeça, que Pepper estava dormindo como um anjo ao lado dele, seus nervos estavam no limite. Virou-se para o lado, afastando os fios cabelos loiros de seu rosto. Parecia ainda mais jovem quando dormia, pura e bonita. Sua esposa. Estava impresso apenas em um pedaço de papel, mas significava algo. Era um compromisso completo. E precisava fazer as coisas certas. Boss queria que a usasse como isca, mas foda-se essa droga. Viper não a arriscaria. Faria tudo sozinho.

Viper silenciosamente se afastou da cama quente, o cheiro de baunilha de Pepper agarrando-se aos lençóis. Limpou-se no banheiro, olhando para si mesmo no espelho enevoado. Faria trinta e cinco anos em breve, embora realmente não tivesse um aniversário. Tudo em sua vida foi fabricado. Não existia, nem sequer tinha impressões digitais. Pepper era quinze anos mais jovem, saudável e cheia de vida, o último tipo de mulher que imaginou para si mesmo. A fim de mantê-la segura, precisava colocar sua fantasia feliz em segundo plano. Esta noite era tudo sobre a morte, e morte para todos em seu caminho.

Vestiu-se de preto, prendendo o máximo de armas que podia carregar. Talvez provasse que Bain estava errado e tivesse um maldito coração. Mas duvidava.

Antes de sair do hotel, queria desesperadamente escrever uma carta de despedida para Pepper caso não voltasse. Queria lhe dizer que seu amor incondicional o



mudou, o despertou. Que era tudo para ele e que faria qualquer coisa por sua felicidade, mesmo que isso significasse sua própria morte. Finalmente, diria que a amava, precisava dela e queria ser um homem melhor por sua causa. Uma semana juntos era melhor do que uma vida sem ela.

Viper desligou a luz do corredor. Sua vida sempre foi uma perda. Talvez, morrer um mártir fosse a única maneira de redimir sua alma.



Pepper se esticou e mexeu sob os lençóis, seu corpo agradavelmente dolorido. Não esperava que o sexo anal fosse tão satisfatório. Apenas lembrar-se do fogo selvagem da sensação a fez vibrar, faminta por mais. Viper a levou a um nível de prazer que não achava ser possível. O homem era sexo em pessoa e todo dela.

O sol da madrugada entrava através das rachaduras das cortinas. Ela se perguntou onde Viper estava. Pepper envolveu o lençol em volta do corpo e foi até a parede para o corredor.

— Viper?

Ela franziu a testa quando não respondeu. Entrou em pânico depois de procurar na suíte inteira e não encontrá-lo. Tudo o que podia imaginar era que estava morto e suas pernas quase falharam ao pensar nisso. Ele poderia ter se



afastado tantas vezes, levado seu dinheiro e vivido sua vida em paz. Mas ficou por perto, deu-lhe o amor que desejava desesperadamente e prometeu-lhe proteção. E esperaria, para sempre.

Agora com o desejo de morte, provavelmente, estava em sua casa em uma matança. Mas não tinha ideia de quão insano era seu padrasto. A essa altura, aumentou sua segurança e então havia Bain, uma fraqueza perigosa para Viper.

Por que não podia simplesmente fugir com ela? E se nunca mais o visse? Viper pode ser um pesadelo para a maioria das pessoas, mas ela sabia melhor. Era o único homem que a fazia se sentir bonita e especial. Tomou sua virgindade, mostrou-lhe os prazeres que nunca imaginou ser possível. E era o marido dela.

Pepper correu para se vestir. Precisava fazer algo para impedi-lo. Ou era tarde demais?

O tempo todo rezava para que ele fosse buscar comida. Queria que passasse por aquela porta, sua presença maior que a vida no vestíbulo.

Lembrou-se da última vez que foi atrás dele e como isso acabou. Desta vez seria mais cautelosa. Pepper abriu a porta e olhou para fora. Havia dois homens enormes em ternos escuros na recepção. Fechou a porta e trancou-a. Seu coração estava acelerado, sua adrenalina deixando-a tonta. Seu padrasto a encontrou. Ele já teria matado Viper?



O que devo fazer?

Eles estavam no primeiro andar, então Pepper correu pela suíte, procurando por qualquer outra saída. A janela do quarto da frente dava para uma rua movimentada e não conseguiu ver nenhum homem à espreita. Precisava de Viper, precisava de sua força e confiança agora.

Eu preciso fazer isso sozinha.

Pepper abriu a janela e se esforçou para passar a perna primeiro. Por que não podia ser como gato? Acabou caindo no gramado de qualquer jeito, machucando seu quadril no processo.

Quando se levantou, limpando a sujeira da calça, notou um conjunto de sapatos pretos brilhantes. Prendeu a respiração e olhou para cima.

— Fique longe de mim. — Avisou. Pepper olhou para rua e depois para o estranho. Se conseguisse gritar ou correr para a estrada, conseguiria fugir.

— Relaxe. Estou aqui para ficar de olho em você. Ordens de Viper.

Sua boca se abriu. Esse cara enorme não parecia amigável, mas pelo menos não estava lá para matá-la. Ela quase caiu de alívio.

— Quem é você?

—Eu trabalho para *Killer of Kings*. Isso é tudo que precisa saber.



Ela bufou.

— Onde está Viper?

— Como se ele me dissesse.

Pepper cruzou os braços sobre o peito. Ela não podia ficar ali e não fazer nada.

— Eu não sou sua prisioneira. Posso sair se quiser.

Ele não disse nada e certamente não parecia intimidado pela ameaça.

— Você sabe que ele provavelmente está sendo morto agora? Nós não podemos simplesmente ficar aqui e não fazer nada.

O homem zombou.

— Confie em mim, ele pode cuidar de si mesmo.

Pepper balançou a cabeça.

— Não dessa vez. Olha, vou pegar um táxi e se tentar me impedir irei gritar. Posso gritar tão alto que todo o quarteirão ouvirá.

Quando começou a caminhar para a rua, fingindo confiança, ele agarrou seu braço e a segurou de volta.

— Ei!

— Você não irá sair. Pode gritar toda a porra que quiser. Irei colocá-la em meu ombro e amarrá-la se for preciso.

Ela não era páreo para esse homem bruto, mas amava Viper demais para desistir agora.



— Você não pode fazer nada? Enviar mensagem? Ligar?

Ele começou a levá-la ao redor do prédio pelo braço, como se fosse uma criança que não fez nada de bom. Seus pedidos foram em vão.

— Quando ele saiu ontem à noite, estava armado o suficiente para eliminar um pequeno exército. Se alguém precisa se preocupar, é quem o irritou.

A confiança desse cara na habilidade de Viper deu-lhe certa segurança. Era apenas que ela o amava muito. O pensamento dele ser morto ou mesmo ferido apenas para garantir que pudesse viver sem olhar por cima do ombro era demais. Lágrimas picaram seus olhos enquanto ele a escoltava de volta ao seu quarto de hotel.

Se saiu na noite anterior, por que ainda não estava de volta? Pepper tinha um mau pressentimento. Precisava saber antes de enlouquecer. Estava na entrada de sua suíte.

— Posso pagar por você? Quanto custaria para me levar para minha antiga casa? Ainda estaria cuidando de mim, então não há mal nenhum, certo? Apenas preciso verificar Viper. Posso lhe dar cinco mil em dois minutos.

Ele riu sem humor, não sendo tentando pelo negócio dela e notou as alças de um coldre quando a jaqueta se moveu. O celular do homem tocou e virou suas costas para ela quando atendeu.

— Não, ele se foi, mas a garota está aqui. — Pepper podia ouvir palavras distorcidas com raiva vindo do telefone.



— Boss, você acha que poderia impedi-lo, uma vez que está decidido? Queria ir sozinho. Sim, ainda tenho tudo. Certo, seguirei em frente.

— O que está acontecendo? — Perguntou.

— Viper foi desonesto, então terei que limpar sua droga de trilha, isso é o que é. Eu a encontrarei na frente. Um *Navy SUV*. Dois minutos. Parece que terá seu desejo realizado depois de tudo.

Os dois homens saíram em disparada, deixando-a sozinha. Pepper esperava que esses caras da *Killer of Kings* fossem confiáveis. Precisava de proteção. Seu padrasto matou sua mãe, assassinou toda uma equipe de reportagem e deu um golpe mundial. Por ganância e isso a deixava doente. Queria esquecer tudo: a riqueza, o status, a mansão e tudo mais que seu padrasto estava preparado para matar. Apenas queria Viper e uma vida simples longe de toda essa loucura.

Quando encontrou os homens na frente, um esperava com a porta do passageiro aberta como um serviço de limusine. Ela sentou-se no assento de couro, sentindo-se nervosa e incerta. Quando saíram para o tráfego, o homem com quem conversou se virou no banco do passageiro. Tinha um sorriso malicioso no rosto. No momento seguinte, se moveu tão rapidamente que não teve tempo de reagir. Pepper olhou para a perna onde ele cravou uma agulha.

— Tenha um bom sono. — Disse.

Então seus olhos ficaram pesados demais.





CAPÍTULO

ONZE

Não demorou muito para que encontrasse o prédio principal que Pepper possuía e deveria ser dela, a *Henshaw Corporation*. O prédio era grande, alto e ainda estava escuro. Agachando-se, Viper rapidamente olhou para o prédio e viu dois homens conversando. Sutherland era um desperdício de homem. Sequer contratou homens decentes. Mesmo que o tivesse feito, não importava. O bastardo estava tão desesperado por dinheiro, que foi longe demais. Esta era a única maneira de mantê-la segura.

Esta não era uma missão suicida, pelo menos esperava que não fosse. Pretendia voltar para casa, mas havia uma chance de não sair vivo disso. Uma semana foi tudo o que teve de absoluta perfeição. Pepper era perfeita para ele. Durante toda sua vida sonhou com alguém como ela, acreditando de todo coração que nunca conseguiria abraçar e amar. Conseguiu tudo o que seu coração desejava e mais, mas ainda assim se sentia ganancioso. Queria mais tempo, mas morreria de bom grado se isso significasse que ela viveria uma vida plena e longa. Era a primeira vez que não era um bastardo egoísta e isso em si era um choque. Estava mais do que disposto a matar cada pessoa que entrasse em seu



caminho.

Anos de treinamento o trouxeram a este momento e nunca pensou que ficaria feliz em encontrar a morte, mas era assim que seria.

Fechando os olhos, imaginou o belo sorriso de Pepper. O jeito como o olhava enquanto estava dentro dela ficaria com ele para sempre.

Era agora ou nunca.

Ele se moveu da parede, agachando atrás dos vasos de plantas que as corporações pareciam amar. Quando o homem se aproximou, atacou, envolvendo os braços ao redor do pescoço, disparando a arma contra o homem oposto, que caiu instantaneamente. Os dois guardas estavam mortos. Ia para a porta quando seu celular começou a zumbir. No início, ignorou e depois ficou tenso. E se Pepper tivesse acordado e estivesse com medo? Precisava mantê-la no quarto do motel, a salvo.

Amaldiçoando, afastou-se da janela, fornecendo cobertura suficiente para que ninguém o pegasse.

— Ei baby, o que há de errado? — Perguntou.

— Bem, tenho que dizer que fui chamado de vários nomes por muitos homens, mas baby nunca foi um deles. — Disse Boss, fazendo-o amaldiçoar.

— Que porra você quer?

— Ao contrário de você, tenho um plano que tira nosso



rabo do problema. Você, por outro lado, será morto.

— Olha, não tenho tempo para lidar com essa bagunça. Que porra você quer? — Ele realmente não entendia Boss às vezes. O homem era um assassino implacável, provavelmente mais perigoso do que todo o grupo de homens que empregava. Viper não conhecia sua história, nem queria. Algo em seu interior dizia-lhe que qualquer um que soubesse alguma coisa sobre Boss, não viveria o suficiente para respirar.

— Você está ferindo meus sentimentos agora. Contei o meu plano e acha que esta pequena missão de guerra irá salvá-lo? Está errado.

Viper fez uma pausa. Tinham um plano, mas ele não concordou com isso. Recusou.

— O que você fez? — Perguntou.

— Desde o momento em que você desligou o telefone sabia que não iria seguir nessa droga de plano. Decidi resolver o problema com minhas próprias mãos. Entenda, os homens são leais a você por causa de alguma merda de irmandade, mas são leais a mim porque os pago.

Viper fechou os olhos, sabendo sem dúvida que Boss tinha sua mulher.

— Onde ela está?

— Segura e bem, acredite ou não, ela nem tem pulso.

— Seu idiota. Caralho, assim é perigoso. Pedi uma coisa, uma porra apenas.



— E no processo pensou em tirar algo que me rendeu muito dinheiro.

— Você não me possui, idiota.

— Eu sei que não, mas veja, investi muito tempo e dinheiro em você. E não permitirei que morra apenas porque ama uma garota. Ela é bonita e apostaria dinheiro que você até conseguiria sair vivo, mas as chances estão contra e estamos prestes a fazer um acordo.

Viper tirou o telefone do ouvido e apertou as mãos com raiva, querendo nada mais do que esmagar o dispositivo. Em vez disso, estalou os músculos do pescoço, respirou fundo e colocou o telefone de volta.

— Estou ouvindo.

— Excelente. Irá parar o seu ataque ao prédio e esperar por nós. Nós temos uma Pepper muito morta. Iremos entrar e lidar com isso com o mínimo de baixas possíveis. Quando estivermos na frente de Sutherland, colocarei pessoalmente uma bala entre os olhos dele. Ninguém e quero dizer ninguém, mexe comigo, com meus homens ou com meu dinheiro.

— Esta não é a porra da sua luta. Eu não trabalho para você. Não quero lidar com isso. — Ele ouviu o som de uma arma sendo engatilhada.

— Continue assim e juro por Deus que colocarei uma bala entre os olhos da vadia, Viper. Empurre-me. Não dou à mínima.



— Você perderá seu dinheiro.

— Eu não me importo. Disse o que quero que você faça. Agora faça isso ou esta noite foi a última noite que teve com ela. — Boss terminou a ligação e Viper apertou os dentes.

Porra!

Ele queria bater em algo, ferir alguém ou alguma coisa e agora não podia fazer nada disso. Estava fodido de qualquer maneira. Descansando a cabeça contra a parede, fechou os olhos e respirou fundo várias vezes, tentando se acalmar.

Boss superou-o novamente. Pepper teria feito o que quer que o bastardo pedisse se pensasse por um segundo que isso o manteria seguro. Bateria em seu traseiro quando colocasse suas mãos sobre ela. Seu traseiro ficaria dolorido por dias, com a marca de sua mão como uma tatuagem.

Mulher estúpida.

Primeiro, porém, amarraria Boss e o machucaria. Aquele idiota não tinha ideia do que viria para ele e Viper teria certeza de que o mataria, mas levaria tempo, faria isso longo e devagar, então se alegraria em colocar sua cabeça em uma estaca fora da *Killer of Kings*.

Apenas ao pensar em todas as maneiras que o mataria, encheu-o com um prazer que foi capaz de acalmar a fera dentro dele.

— Você foi ensinado melhor do que isso. — Disse Bain.

Abrindo os olhos, ele virou a cabeça para encontrar seu amigo encostado na parede. O homem era como um maldito



fantasma.

— Eu não sei. Você saiu para dizer olá para mim.

— Por que me deixou viver? — Bain perguntou. — Nós sabemos que eu não teria feito o mesmo.

— Tenho meus motivos. Então, como você tem estado? — Viper perguntou. Ele não pretendia matar Bain, não podia. Foi o único voto que fez quando fugiram juntos. De uma maneira distorcida, Bain era seu irmão e melhor amigo.

Bain afastou-se da parede. Era maior do que Viper se lembrava, muito mais mortal também. O homem estava coberto de tinta. Redemoinhos de padrões e cores subiam por seus braços e cobriam todo seu corpo. Estava em suas mãos e no pescoço. Quase totalmente coberto.

— Você tem tatuagens no seu pau também?

— Você sabe que isso não acabará bem para você.

— Tenho um problema com o homem para o qual está trabalhando. — Disse Viper.

— Então terá que passar este problema através de mim.

Viper balançou a cabeça.

— Não posso. Estou sendo a vadia de Boss. — Ele começou a rir. — Eu, sendo a puta de alguém. Não é a primeira vez e duvido que seja a última.

— Não estou aqui para rir de suas piadas ou jogar jogos, Viper.

— Eu sei. É meio surreal. Pensei em você por um longo



tempo e vê-lo aqui, faz me sentir uma merda e sim, acho que senti sua falta, o que é uma loucura, certo?

Bain simplesmente o olhou como se fosse um completo estranho e Viper não iria mentir, doía.

— Eu conheci uma garota. — Disse Viper.

— Eu sei.

— Então você presta atenção.

— Eu não estou com disposição para isso, Viper. Ele quer a garota morta.

— Você sabia que ele não pode pagá-lo? — Viper perguntou.

— Estou ciente de sua situação e também sei que com essa garota morta, ele terá acesso a milhões. Você ficou mole, Viper. Sempre me certifico de conseguir o que quero. Com sua enteada morta, meu pagamento será maior ainda.

— Eu não diria que fui mole. Estou simplesmente apaixonado. — Ele estendeu as mãos. — Você sabe que se aceitar, Boss matará minha garota.

Bain estendeu a mão para ele e Viper teve uma escolha. Poderia ir com ele ou poderia lutar. Se Boss pensasse por um segundo que não lutou, tentaria matar Pepper. Não havia escolha.

— Isso não será fácil e não irei de bom grado.

— Eu percebi isso. Você sempre foi um durão, Viper. Nunca fazendo o que diziam.



Viper encolheu os ombros.

— Acho que sempre fui um pouco rebelde e não mudarei quem sou.

Ele olhou para seu amigo, vendo várias novas cicatrizes que não estavam lá da última vez.

— Você não precisa fazer isso.

—Viper, sempre faço meu trabalho e nunca mudo de lado.

— Eu amo essa mulher. — Por uma fração de segundo, teve certeza de ver alguma hesitação, talvez, até mesmo um sinal de culpa.

— Você não se lembra, Viper? O amor o deixa fraco. As mulheres servem apenas para foder e não para nos perdermos.

Ele apertou os dentes, sabendo que era ou matar ou ser morto com esse homem. Fechou os punhos, pronto para lutar, pronto para matá-lo. Estava prestes a dar o primeiro soco quando ouviu o som de pneus guinchando e olhou para ver que Boss finalmente decidiu mostrar seu traseiro. Viper não sabia se deveria ficar feliz ou não.

Bain pegou sua arma e levantou-a, apontando para eles.

— Qual é o maldito significado disso?

Boss abriu a lateral do SUV e acenou.

— Ah Bain, o cara que achava que estava morto há muito tempo.



— Nada vai me matar, meu velho. Que porra está fazendo aqui? — Bain não abaixou sua arma e Viper também tinha sua arma apontada para ele. Não queria usá-la. Porra, pela segunda vez naquela semana estava num dilema e não gostou. A insensibilidade era muito mais fácil. Bain era o cara que prometeu a si mesmo que nunca machucaria, não importasse o motivo. Por que Sutherland foi até ele? Qualquer outra pessoa e mataria com prazer e sem pensar, mas Bain era diferente. Era a única pessoa do seu passado que estava viva. Todo mundo estava morto. Viper os matou, mas Bain era o único irmão que conhecera.

— Eu tenho relações com seu mestre. — A maneira como Boss disse *mestre*, todo mundo sabia que não significava nada de bom. — Eu tenho um presente para ele.

— O que quer que você tenha, despeje aqui e lidarei com isso.

Boss franziu a testa e bem diante dos olhos de Viper, viu o homem se virar. O assassino frio e duro olhou para Bain.

— Tenho um problema com isso. — Ele colocou a mão na van e puxou Pepper para fora. Segurou-a pelo pescoço e até mesmo para Viper, ela parecia morta. Não havia vida. — Ele queria que ela morresse de causas naturais, adivinhe? Morreu de causas naturais.

— Você não parece tão decepcionado com isso. — Disse Bain.

Viper olhou para Pepper e então se virou para Bain sem



dizer uma palavra.

— Eu irei levá-la. — Disse Bain.

Boss balançou a cabeça.

— Não acontecerá.

— Você não passará por mim, meu velho.

Boss colocou a arma na testa de Pepper, bem entre os olhos.

— Veja Bain, é aí que você está errado. Ele queria que ela morresse de causas naturais. A cláusula no testamento afirma que os donos desta empresa não podem ser assassinados. Irei matá-la e garantir que seu chefe não receba um único centavo dos ganhos dessa garota.

Xeque-mate.

Viper ficou parado, observando enquanto Boss não desviava o olhar e Bain apenas o encarava.

— Você não faria isso.

Boss pressionou o cano da arma contra a perna dela e disparou.

Viper não podia acreditar e ele viu a ferida sangrar. *Putá merda!* Boss acabou de atirar em Pepper e ela não se mexeu. Ouviu falar de drogas tão poderosas que faziam com que a pessoa desse a impressão de que estavam mortas.

Seu estômago revirou quando olhou para Boss, que estava prestes a colocar uma bala na cabeça dela. O bastardo não tinha sentimentos.



— Espere. — Disse Bain.

— Eu não sou um garoto rabugento com o qual está lidando, Bain. Escolha suas palavras com sabedoria. Essa cadela não significa nada para mim. — Boss jogou a cabeça para trás e riu. — Estou com dez milhões. A cadela pensou que iria mantê-la segura. Não tenho nada para me impedir de matar essa garota.

— Venha por aqui. — Disse Bain.

Boss assobiou para ele e se sobrevivessem, Viper iria fazê-lo pagar por chamá-lo como um cachorro.

— Você atirou nela.

— Estou nos tirando da porra dessa festinha. Você é bem-vindo. — Boss segurou sua arma e começou a andar. Pegando-a, Viper queria cuidar de sua perna, mas decidiu contra isso. Seu coração estava acelerado e a levou em direção a Bain, ignorando o homem que pediu para ficar de olho nela. Nunca deveria pedir nada a estes desgraçados.

Segurando Pepper em seus braços, jurou cuidar dela, teria a certeza de que tivesse uma vida incrível, cheia de amor e risadas. Seria uma mãe maravilhosa e enquanto andava atrás de Boss, seguindo Bain, fazia planos e começava a ver um possível futuro com ela. Imaginou Pepper de pé na cozinha, tirando biscoitos recém-assados do forno. Havia duas crianças ao redor, um menino com seu cabelo escuro e uma garota com longos cabelos loiros como a mãe.

Enquanto, a imagem se desenrolava, Viper não se



permitiu ignorá-la. Segurou sua mulher, sabendo que faria tudo em seu poder para se certificar que se tornasse realidade. Quando era criança foi ferido por não matar filhotes ou uma multidão de outros horrores e chegou um ponto em que simplesmente parou de sonhar. No início, a maior parte do tempo passava pensando em sair, em ter alguém para salvá-lo. Era um sentimento infantil. Ninguém foi para ele. Os dias se transformaram em semanas e depois em meses, antes que percebesse, eram anos e não havia nada nele para lutar contra o que se tornara. Em vez de lutar contra seus captores, treinou. Lutou em todas as batalhas, ganhou todas as cicatrizes com o conhecimento de que haveria uma época em que seria mais forte do que eles e poderia eliminá-los.

Não demorou muito para que suas horas extras de treinamento atraíssem Bain. O outro garoto que lutava tão mortalmente quanto ele. Foram os únicos a sobreviver ao sair, pelo que sabia.

Logo antes dos assassinatos começarem, Bain foi até ele, sentou-se e observou.

— *Que porra você está fazendo?*

— *Estou treinando.*

— *Não há como vencer. Eles irão matá-lo, você sabe. Matam todos que tentam.*

— *É por isso que não tentarei. Terei sucesso.* — Viper se abaixou pegando o peso, levantando-o acima de sua cabeça,



segurando-o lá, depois o abaixando. — Se quiser passar o resto da sua vida sendo sua putinha, seja meu convidado. Eu não quero. Estou saindo.

— Você não conseguirá. Ouvi outros falarem. Eles não querem assassinos lá fora.

— Sempre haverá um lugar para mim.

Saindo da lembrança, ele entrou no elevador, segurando Pepper em seus braços.

— Você tem certeza que pode levá-la? — Bain perguntou. — Ela parece pesada.

— Cale a porra da sua boca. — Disse Viper.

— Ah, então você está irritado.

— Ele não achava que eu mataria a garota. — Disse Boss. — Ela era um incômodo e quero ser pago.

— É sempre o ponto principal com você, Boss. — Bain olhou para os números no elevador passando.

— Eu tenho uma pergunta para você, Bain. — Disse Viper.

— O quê?

— Você gosta deste Sutherland? É por isso que está sendo um cão fiel? — Perguntou.

Bain riu e olhou para trás.

— Você não aprendeu a ler ainda?

Viper fez uma pausa e olhou para o homem diante dele. Bain não disse nada e as portas do elevador se



abriram, revelando um homem atrás de uma mesa bem grande.

— Bem, tenho que dizer que isso é uma surpresa. — Disse o padraсто de Pepper, saindo de trás da mesa.

Viper não queria nada mais do que matar o bastardo, mas estava esperando por Bain. Boss sabia mesmo o que essas palavras significavam?

— Então você é o homem que tem homens me seguindo e aos meus homens como cachorros. — Boss disse, aproximando-se.

Com o canto do olho, Viper viu cinco homens, todos com armas apontadas para eles.

— Apreendi que, quando você quer algo pronto, precisa aprender a fazer sozinho. Ah, aqui está ela. — Sutherland moveu-se para ele e Viper o observou, sabendo que seria o único a esmagar seu rostinho bonito.

— *Tsc-Tsc*

O bastardo fez *tsc*.

— Ela está ferida. Receio que isso signifique que será muito menos. Coloque-a no sofá. Ela deve pesar uma tonelada.

Viper queria bater no homem, com certeza.

— Agora, sobre o pagamento. — Disse Sutherland.

Viper já tinha uma arma na mão e apontava para o primeiro homem. A porta de saída da escada se abriu e mais



homens entraram. Qual a porra do problema do bastardo? Como conseguiu manipular tantas pessoas?

Atirou em tantos deles quanto podia e quando ficou sem balas ou não podia disparar rápido o suficiente, começou a lutar.



Tudo doía, especialmente sua coxa. O que quer que foi lhe dado, fez com que apagasse. Havia muito barulho e foi uma luta para mover as mãos. Pepper lutou para abrir os olhos.

Tiros soaram, parecia que uma névoa descia por seu corpo e minuto a minuto, estava acordando.

Abrindo os olhos, teria pulado se pudesse. Ao seu redor homens estavam lutando, incluindo seu padrasto. Apenas a visão dele a deixou enjoada. Ficava mais consciente a cada segundo que passava. Estava no sofá do antigo escritório de seu pai. O bastardo estava no escritório de seu pai, na empresa de sua família. Ao lado dela havia uma mesa de café, sobre a qual havia uma arma e algumas balas soltas. Não podia acreditar que uma arma foi deixada bem na sua frente. *Quem fez isso?*

Viper lutava com dois homens e havia um que era um pouco maior, que acreditava ser Bain, que agarrou um dos homens e quebrou seu pescoço. Bain estava no time deles?



O que será que ela perdeu? Foi no mesmo dia? A mesma noite?

Levantou a mão e ninguém prestou atenção nela. Eles estavam todos focados em seu próprio problema. Lentamente usou os braços para rastejar em direção à mesa, caindo no chão enquanto o fazia. Pegando a arma, carregou-a como viu Viper fazer, e olhou diretamente para Sutherland.

Seu padrasto matou sua mãe, obrigou-a fugir, contratou pessoas para matá-la, colocou um prêmio em sua cabeça e terminaria com ele. Era uma escória e não queria vê-lo novamente. Nunca mais.

Apontou o cano da arma para a cabeça dele, concentrando-se em algo à sua frente. Este homem era um monstro e sem piscar ou hesitar, disparou um único tiro.

Aquele tiro fez todos pararem.

Pepper observou quando Sutherland caiu no chão com um buraco de bala entre os olhos. Ela desabou, gritando enquanto a dor irradiava através de sua perna. Levar um tiro doía para caralho!

Quem atirou nela, porra?





CAPÍTULO

DOZE

Todos congelaram quando Sutherland caiu no chão. O tempo parou. Apenas o relógio do canto que foi de seu avô podia ser ouvido. Um rastro de sangue descia do ferimento fatal. Foi surreal. Viper planejou este assassinato cem vezes em sua cabeça com detalhes vibrantes. Esperou ansiosamente por isso. Mesmo quando Boss disse que ele daria o tiro mortal, Viper sabia que seria o único a fazê-lo. Nunca esperou por esta mudança de acontecimentos.

Depois que o choque inicial passou, os homens de seu padrasto correram como animais. Boss, Bain e Viper estavam todos em um grande círculo com suas armas na mão.

— Bem, suponho que isso muda as coisas. — Disse Boss, como se discutisse o tempo. Um de seus homens, o bastardo da noite anterior, olhou pela porta e xingou ao ver a cena.

— Era para você ter cuidado dela. — Viper disse assim que viu o babaca.

Ele desapareceu do lado de fora novamente.



— Eu acho que não serei pago depois de tudo. — Bain coçou a testa com o cano de sua arma.

Viper queria matar todo mundo, inclusive Boss. Agora que Sutherland estava morto, um enorme peso saiu de seus ombros. Mas ainda queria sua vingança.

Puxou um papel do bolso da jaqueta e acenou uma vez no ar.

— Você sabe o que é isso? — Perguntou. — É a minha certidão de casamento. Obrigado por isso, a propósito. — Ele piscou para Boss. — Agora que esse idiota está morto, significa que você está de pé no meu escritório. E realmente quero que todos se fodam.

Ele sabia que bater em Boss na carteira seria pior do que qualquer dano físico que pudesse lhe infligir. E Bain não veria um centavo agora que estava no comando.

— Vejo você por aí, velho amigo. — Bain colocou a arma no coldre e passou por cima de um corpo quando saiu. Viper se perguntou se o veria novamente. Parte dele queria impedi-lo e a outra parte ainda estava irritado por ele ter se vendido. Sabia que ainda havia algo bom dentro dele ou não teria ajudado a matar os homens de Sutherland. Mas você não podia mudar um assassino frio como Bain do dia para a noite.

— Apenas você e eu, Viper. As coisas não foram exatamente de acordo com o planejado, mas tudo funcionou bem.



— Você atirou na minha garota, porra. — Gritou.

— Eu não a teria matado. Fazia parte do plano. O plano que você deveria seguir.

— E agora o que? — Perguntou Viper, com os braços para os lados, uma arma em cada mão. Queria matar Boss, mas sabia que isso apenas tornaria sua vida mais complicada. Killer of Kings tinha um maldito exército de homens leais e não queria mais alvos nas costas.

— Novo acordo.

Ele estreitou os olhos. Boss não estava em posição de dar ultimatoss.

— De verdade? Você acha que dá as malditas cartas aqui?

— Sempre. — Boss riu. — Você me dará aquele bônus de dez mil que Pepper prometeu para mantê-la viva. Além de um pequeno ferimento, parece viva e bem para mim. Na verdade, vinte.

— Você está louco? Eu não lhe darei nada. — Viper não podia acreditar no tamanho das bolas desse cara.

— Errado, Viper. Você fará isso porque sou o cara que lidará com essa limpeza. Acha que sua pequena princesa assassina quer lidar com a polícia, as competências judiciais, detetives no hospital e possível prisão? Não importa como isso afetará as ações da empresa. Acionistas tendem a se afastar do assassinato e do caos. — Ele andou pelo escritório, observando a coleção de livros nas prateleiras do chão ao



teto. — Então, claro, há a família Bianchi. Se quiser que esse contrato em sua cabeça desapareça magicamente, sou o único que pode fazer isso acontecer.

— Como planeja fazer isso?

— Um sucesso por um sucesso. Contanto que eu seja pago, tudo será resolvido. Você conhece o jogo. Em resumo, nós nos afastamos disso em igualdade de condições, sem ressentimentos.

Viper não podia deixar isso passar, mas também sabia que não haveria paz para ele e Pepper se esse problema continuasse em sua cabeça. Sua vingança poderia custar-lhe tudo, então precisava considerar suas próximas palavras com sabedoria. Lembrou-se de seu treinamento. Foi criado para afastar todas as emoções, não apenas o amor, mas também o ódio. Os melhores assassinos eram entorpecidos, frios e concentrados.

— Envie um de seus médicos para Pepper. Eu o quero para ontem.

— Feito. — Boss fez um rápido telefonema enquanto continuava passeando pela sala. — Desculpe pela lesão querida, mas tempos desesperados requerem medidas desesperadas e toda essa merda. — Ele piscou para Pepper. Então, foi embora.

Precisou de toda força de vontade de Viper para não atirar nas costas dele. Na verdade, imaginou isso com perfeita clareza. Mas Boss não estava fora do personagem. Fez o que



tinha a intenção de fazer e Pepper estava viva para ver outro dia. Viper foi quem mudou tudo.

Uma vez que ficaram sozinhos no escritório, deixou suas armas na mesa de café e caiu de joelhos ao lado do sofá.

— Você está bem, baby? — Perguntou.

— Eu fui baleada. — Respondeu. — Eu realmente fui baleada. Dói demais.

Sua preciosa garota parecia ter sido atropelada por um caminhão, estava com os olhos vidrados, a pele pálida e o sangue escorrendo de sua perna. Apenas por se lembrar daqueles idiotas insultando o que considerava a perfeição, fez com que visse vermelho. Agora que a tinha ao seu lado, sentia uma sensação de paz, porque poderia protegê-la de qualquer coisa.

— O médico está a caminho. Boss apenas tem o melhor e tudo estará fora dos livros. — Ele posicionou as almofadas decorativas em uma das extremidades do sofá e colocou Pepper em suas costas. Viper tirou a jaqueta, jogou-a de lado e posicionou-a cuidadosamente.

Quando ela gemeu, ele sentiu sua dor como se fosse dele.

— Seja corajosa por mim. Eu preciso tirar essa calça. — Viper conseguiu parcialmente despi-la para que pudesse avaliar o dano. Foi um tiro limpo e por mais que não quisesse acreditar, Boss sabia o que fazia quando atirou. Viper ainda não aprovava. Enrolou a calça e a pressionou na ferida.



Pepper encarou-o nos olhos uma vez que estavam no mesmo nível. Ele não percebeu que estava evitando-a, mas estava. Era sua culpa por que não a protegeu? Viper estava com medo de sua decepção? Não tinha certeza, mas no momento em que olhou para aqueles grandes olhos azuis, tudo ficou melhor. Afastou seus demônios e conseguiu trazer o melhor dele.

— Eu não deveria tê-la deixado sozinha. — Disse. Isto o estava comendo por dentro desde que recebeu a ligação de Boss. Não ser capaz de salvá-la matou-o por dentro. — Eu nunca deveria ter confiado sua segurança a ninguém além de mim mesmo.

Porra, definitivamente deveria saber melhor. Toda sua vida aprendeu que a única pessoa com quem podia contar era ele mesmo.

— Você estava tentando me salvar, para fazer as coisas certas. Eu sei disso.

— Mas olha o que aconteceu. — Disse. — Estraguei tudo.

— Não, você fez isso porque me ama. Eu nunca poderia odiá-lo por isso. — Ela segurou sua mão, apertando com força. Viper não parava de repetir o momento em que Boss atirou nela em sua cabeça. O ato rasgou-o por dentro, criando uma dor física. Seus próprios pensamentos o assustaram, porque queria matar todo mundo por ferir Pepper e danem-se as consequências. Felizmente, manteve o



controle ou as coisas seriam muito diferentes.

— Quando a vi inconsciente, por um minuto pensei que estivesse estava morta. — Exalou e beijou sua mão. — Não posso perdê-la. Nunca.

Ela sorriu, aquele sorriso doce do qual nunca se cansaria. Pepper era seu próprio sol.

— Mas acabou agora, certo? Eu fiz isso. Eu o matei.

Viper riu.

— Sim, você fez. E caralho, bem entre os olhos. Você está na linha errada de trabalho.

— É karma. — Disse. — Ele assassinou minha mãe, tirou tudo de mim. Queria matá-lo, queria vê-lo morrer pelo que fez.

— Não fale assim, não combina com você. É minha doce garota e não a quero cheia de escuridão como eu. Queria que não tivesse que passar por nada disso, baby. Não merece nada dessa bagunça. — Sua inocência estava contaminada. Teria que viver o resto da vida de luto pela mãe e tinha uma morte nas mãos. Não gostava disso. Deus, ele era um tolo apaixonado.

— Não podemos mudar o passado, mas uma coisa boa veio do meu padrasto.

— O quê?

— Ele contratou *Killer of Kings* e enviaram você. Se não fosse por sua ganância, nunca teria o conhecido, nunca teria



me apaixonado.

Viper se inclinou para beijá-la quando um estrondo alto chamou sua atenção. Ele estava prestes a pegar sua arma, mas parou quando não conseguiu encontrar uma ameaça.

Era a equipe de limpeza entrando com seus suprimentos. Sutherland desapareceria permanentemente e Boss faria parecer legítimo se a mídia se envolvesse. O médico entrou atrás deles com sua maleta.

— Quem são todas essas pessoas? — Perguntou Pepper.

— Equipe de limpeza e seu médico.

Pepper tentou levantar a cabeça para ver.

— Essa mulher está com eles? Aquela que gosta de você?

Ele sorriu.

— Não, Lola não está nessa equipe, mas mesmo se estivesse, você não teria que se preocupar. Eu sou seu, Pepper. Todo seu. Nunca haverá outra mulher para mim.

Mesmo com toda a comoção na sala, Viper não se importou. Diminuiu a distância entre eles e a beijou.



Quase duas semanas se passaram desde aquele dia maluco no escritório de seu padrasto. Ela foi drogada, sequestrada e filmada em menos de vinte e quatro horas. E o



homem que levou sua mãe para longe dela estava fora de sua vida para sempre. Nada mais de olhar sobre o ombro ou lutar pelo que era dela por direito. Depois da vida que viveu recentemente, parecia quase natural ter paz e justiça. Continuava esperando que algo terrível acontecesse a qualquer momento.

Eles ficaram em um hotel nas últimas duas semanas porque Pepper não queria voltar para casa. Não era realmente sua. O lar era um sentimento de amor incondicional e de pertença. Era onde Viper estava. Ainda assim, o estilo de vida nômade estava lentamente chegando até ela. Fugiu por tanto tempo antes disso que ansiava por raízes e segurança. Uma coisa era certa. Viper nunca a deixava fora da vista por muito tempo.

O médico disse que levaria alguns meses para se recuperar completamente, mas não acreditava no quão limpo o tiro foi, sem atingir nada importante, apenas passando pelo lado de sua coxa. Poderia ser muito pior.

— Para onde vamos? — Repetiu.

— Eu disse que era uma surpresa. Apenas relaxe e aprecie a vista. — Viper estava dirigindo por horas. Ela não se importava com a paisagem, campos cheios de gado e colinas ondulantes de flores silvestres, mas a curiosidade a deixava louca.

— Certo.

Eles finalmente começaram a desacelerar, então ela



endireitou-se e notou. O ambiente parecia vagamente familiar. Podia ouvir os sons do oceano do teto solar aberto, gaivotas gritando e crianças rindo. Talvez fossem passar um dia na praia. Pepper começou a se sentir animada, como uma criança no Natal, porque estar perto da água a deixava mais feliz. Deus sabia que precisava de uma pausa da realidade agora. Além de sua recuperação, lidava com advogados e contadores enquanto a fortuna de seus pais era legalmente transferida para ela. De acordo com a mídia, seu padrasto fugiu com uma stripper e estaria vivendo em Sacramento.

Viper parou depois de descer por uma longa estrada sinuosa, coberta de sebes de cedro.

— Eu acho que conheço esta cidade.

— Você deveria. — Disse ele. — É onde nos conhecemos.

Ele deu a volta para o lado do passageiro e ajudou-a a sair. Pepper mancava, mas era apenas temporário e não era muito doloroso a essa altura. Viper ficava sobre ela desde o acidente, tornando sua recuperação o mais agradável possível. Seu enorme homem-fera acabou por ser um verdadeiro amor. Com o braço ao seu redor, suportando a maior parte do seu peso, caminharam até a entrada de um pequeno bangalô. Assim que entraram pela porta da frente, pode ver o mar e a praia pelas janelas. A casa era beira-mar.

— De quem é essa casa? — Perguntou. Era tão calorosa e acolhedora, simples, mas caseira. Havia muita madeira natural e um toque country. Notou uma cadeira enorme com uma manta feita à mão descansando no braço da cadeira.



Pepper podia se imaginar sentada lá lendo por horas enquanto ouvia as ondas.

— É a nossa casa. — Disse ele.

Pepper franziu a testa e girou sobre ele, quase caindo.

— Do que você está falando?

Ele a levou até o pátio traseiro e ajudou-a sentar-se ao seu lado em um sofá com almofadas de veludo.

— Eu a comprei. É nossa casa. — Inclinou seu queixo para que ficassem cara a cara. — Quero construir uma vida com você, Pepper. Uma real. Com amor, filhos e refeições caseiras. Irei até sorrir para a porra dos vizinhos quando tirar o lixo.

Lágrimas escorriam pelas suas bochechas.

— Mas você é um assassino. E sou a herdeira de uma fortuna.

— Esqueça tudo. Nós podemos começar de novo, você e eu. Fazer um novo começo.

Viper viveu uma infância de pesadelo. Nunca conheceu o amor ou a família. Agora ela tinha a chance de lhe dar, construir seu próprio futuro juntos. Não se importava com dinheiro, fama ou status. Isso era exatamente o que precisava e queria, Viper sabia disso.

— Como você fez tudo isso? — Perguntou. Pepper sabia tudo sobre a questão da leitura. Encontrar e comprar propriedades exigiria pelo menos alguma papelada.



— Meu amigo Maurice ajudou-me. Ele é um cara legal. Talvez, possa conhecê-lo um dia.

— E Bain? Já ouviu falar dele novamente? — Viper tinha fortes sentimentos por Bain e ela odiava que não pudessem se reconectar corretamente. Se tivesse um irmão, iria querer um relacionamento com ele e os dois homens foram quase como irmãos no passado.

Ele respirou fundo.

— Não, ele pode ser uma causa perdida. Não acho que nada ou alguém possa mudá-lo. Apenas espero que um dia encontre a mesma felicidade que eu.

— Eu também espero. — Disse.

Viper a colocou contra ele. A brisa era quente e suave, o cheiro do oceano no ar.

— Quero dar-lhe tudo, mas precisarei de sua ajuda. Nunca fiz isso antes, nunca fiquei ou vivi uma vida sem matar.

— Bem, o assassinato definitivamente precisa parar, mas não quero mudar quem você é.

Viper a evitava sexualmente desde o acidente, com medo de machucá-la, mas não iria se quebrar. Sua ferida estava se curando bem, mas sua libido a mantinha acordada na maioria das noites. Sabia exatamente o que Viper era capaz de lhe dar e precisava se conectar com ele naquele nível íntimo. Como não podia sentir o mesmo?

— Não se preocupe, ainda tenho armas. Você pode



nunca estar segura. Mesmo nesta pequena cidade de merda.

— Ei, é uma cidade pitoresca.

Ele gemeu.

— E eu não estava falando de armas. Você sabe que as odeio. Estava falando de outra coisa. — Disse. Precisava soletrar? Pepper passou a mão pela coxa forte, indo para o sul. Quando chegou a sua virilha, deu-lhe um pequeno aperto. No contato, seu pau começou a endurecer, enchendo sua calça jeans com uma protuberância enorme. Ele agarrou seu pulso para impedi-la.

— Baby, você precisa se curar. Não me provoque.

Pepper estava começando a ficar irritada.

— Você não está mais atraído por mim?

— Você está brincando comigo? Estou explodindo com todos ultimamente porque tudo em que posso pensar é fodê-la.

— Então, pare de segurar. Eu preciso de você, Viper. E sei que não irá me machucar.

Ele soltou sua mão, então Pepper levantou sua camisa, amando a sensação de seus músculos duros. Uma onda de calor inundou suas veias, acomodando-se entre suas pernas. Precisava dele, agora mais do que nunca.

— Você me deixa louco. — Ele beijou seu pescoço, sua bochecha e então encontrou seus lábios. Viper com certeza estava se segurando, porque o beijo era paixão pura, faminto e desesperado. Ela fechou os olhos e



absorveu o desejo que crescia entre eles.

— Eu amei esta casa. — Sussurrou contra seus lábios.

— Quero fazer todos os seus sonhos se tornarem realidade, baby.

— Já o fez. — Replicou.

Ele se levantou e a pegou como se pesasse dez quilos. Gritou e colocou os braços ao redor do pescoço dele. Sua força era tão excitante.

— Desculpe baby, mas fiquei com bolas azuis a semana toda. Vamos batizar esta casa. Você não tem ideia do quanto quero sua doce e pequena boceta.

Viper nunca seria um marido tradicional, ele tinha uma boca muito suja, uma atitude sem limites e fodia como um animal. Ainda assim, Pepper não trocaria seu bad boy por nada nesse mundo.

FIM



Avisos

Aviso 1

Por favor, não publicar o arquivo do livro em comunidade de redes sociais, principalmente no facebook!

Quer baixar livros do PL? Entre no grupo de bate-papo, entre no fórum, no blog, lá você encontrará toda a biblioteca do PL ou envie por e-mail a quem pedir.

Postagens de livros no facebook podem acarretar problemas ao PL!

Ajude-nos a preservar o grupo!

Aviso 2

Gostou do livro e quer conversar com sua autora favorita?

Evite informá-la que seus livros em inglês foram traduzidos e distribuídos pelos grupos de revisão! Se quiser conversar com ela, informe que leu os arquivos no idioma original, mas, por favor, evite tocar no nome do PL para autores e editoras!

Ajude a preservar o seu grupo de romance!

A equipe do PL agradece!

Aviso 3

Cuidado com comunidades/fóruns que solicitam dinheiro para ler romances que são trabalhados e distribuídos gratuitamente!

Nós do PL somos contra e distribuímos livros de forma gratuita, sem nenhum ganho financeiro, de modo a incentivar a cultura e a divulgar romances que possivelmente nunca serão publicados no Brasil.

Solicitar dinheiro por romance é crime, é pirataria.
Seja esperta (o).

